

VERA REGINA TOLEDO CAMARGO

NADADORES BRASILEIROS:

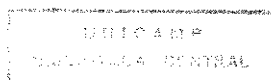
CAMPEÕES OU ÍDOLOS ESQUECIDOS ?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

1995

196/156



NADADORES BRASILEIROS:

CAMPEÕES OU ÍDOLOS ESQUECIDOS?

Profa. Vera Regina Toledo Camargo

orientadora: Profa. Dra. Vani Moreira Kenski

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP

1995

C14n Camargo, Vera Regina Toledo
Nadadores brasileiros : campeões ou ídolos esquecidos? /
Vera Regina Toledo Camargo. -- Campinas, SP : [s.n.], 1995.

Orientador : Vani Moreira Kenski
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. *Nadadores - Brasil - História. 2. Natação - Brasil
- História. 3. *Heróis na natação. 4. Olimpíadas - História.
I. Kenski, Vani Moreira. II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

*Dissertação apresentada como exigência
parcial para a obtenção do título de MESTRE
EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração:
Metodologia de Ensino à Comissão Julgadora
da Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação da
Profa. Dra Vani Moreira Kenski.*

*Este exemplar corresponde à redação final
da dissertação de mestrado defendida por
Vera Regina Toledo Camargo e aprovada
pela Comissão Julgadora em 21.06.95*

Paulo Keeski
Assinatura

COMISSÃO JULGADORA

Lucas Kerk

Alpa R. de Moraes van Sinton.

Almeida

AGRADECIMENTOS

"NO PÓDIUM"

- *Vani Moreira Kenski*

Valeu a ajuda e acreditar que eu bateria o meu recorde.

- *Profas. Olga Von Simson e Ivani Fazenda*

Aos novos caminhos interdisciplinares.

- *Lourdes*

Pelo amor e confiança sempre presentes.

- *Maria Paulina*

"... amigo é coisa para se guardar...".

- *Montserrat Llinés Soler*

Agradeço mucho tu interés.

- *Grupo "UNS"*

Eduardo, Edvaldo, Margarita, Marcelo, Tania, Vani e Wenceslao

Somos uma equipe.

- *Profa. Anabel e Sra. Magnólia*

À lembrança de Américo Garcia Fernandes, o nosso campeão.

- *Christina*

Pelas boas e longas conversas.

- *Toninha e Inês*

Por confiarem sempre nos meus sonhos.

- *Flávio e Vitor*

Tudo termina em pizza....

- *Stela*

Aos olhos atentos nas palavras.

- *Catarina e Bráulio*

Vocês são meus ídolos também.

- *Escola Superior de Educação Física de Jundiaí*

Aos amigos da Educação Física.

- *C.N.P.q*

O patrocinador.

*A nadadora holandesa Hendrika Mastenbroek,
medalha de ouro na prova de 400 metros nado livre
nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972, passou
por muitos problemas, após o encerramento de sua
carreira. Em entrevista a Sport Illustrated desabafou:
"Estou esquecida... Ninguém se lembra de como
fui sensacional naqueles Jogos..." (Jornal do Brasil
1991).*

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - A PISCINA

- Aquecimento	01
- Posição de largada	03
- O mergulho	07

CAPÍTULO II - O TREINAMENTO

- As primeiras braçadas	13
- A natação no Brasil	17
- O nadador	20

CAPÍTULO III - O MITO DOS HERÓIS OLÍMPICOS

- O mito	26
- Os heróis esportivos	32
- Olimpíadas: A grande meta	41

CAPÍTULO IV - NADAR: AS HISTÓRIAS DOS HERÓIS NACIONAIS

- Maria Lenk	73
- Tetsuo Okamoto	79
- Manuel dos Santos Jr.	83
- Rômulo Arantes Jr.	87
- Djan Garrido Madruga	92
- Ricardo Prado	96
- Gustavo França Borges	100

CAPÍTULO V - A COMPETIÇÃO

Classificação final e quadro de análises	104
--	-----

CAPÍTULO VI - NADANDO CONTRA A SOCIEDADE DO ESQUECIMENTO

ANEXOS	126
--------	-----

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	139
--------------------------	-----

LISTA DOS QUADROS CONTIDOS NO TEXTO

<i>QUADRO I</i> - Nadadores brasileiros finalistas Olímpicos	11
 <i>QUADRO II</i> - Análise das respostas obtidas através das entrevistas	
a) O início de um nadador	113
b) Expectativas e realidades de um campeão	114
c) Apoios e recursos: Treinamentos e competições	115
d) A vitória... e a vida continua.	116

RESUMO

A preocupação do estudo foi investigar a trajetória dos nadadores brasileiros que chegaram a competir em uma final Olímpica. Compreende o período de 1936 quando da realização dos XI Jogos Olímpicos de Berlim, a primeira participação brasileira em uma final, e conclui-se com os XXV Jogos Olímpicos de Barcelona, realizados em 1992.

A meta deste estudo ultrapassou os limites do registro documental sobre a vida dos campeões; resgatou também a trajetória da natação brasileira, assim como as participações dos atletas nacionais em Olimpíadas.

Foi utilizada a técnica de entrevistas individuais, no levantamento das histórias de vida e paralelo a esta, um levantamento bibliográfico em documentos não oficiais (jornais e revistas da época).

A orientação metodológica seguiu os pressupostos da teoria crítica não dogmática. Os teóricos desta, refletem sobre a sociedade atual, pós moderna, e atendem ao objetivo de compreender por que os campeões são esquecidos numa sociedade tecnológica.

SUMMARY

The main focus of the studies was to investigate the history of the Brazilian swimmers who have reached to the Olympic finals. The investigation starts with the XI Berlin Games in 1936, which it was the first Brazilian participation in a final, and it ends with the XXV Olympic Games in Barcelona in 1992. The aim of the studies transpassed the limits of documental registers about the life of the swimming champions, the history of the Brazilian swimming as well as the participation of national athletes in Olympic Games.

It was used the technic of individual interviews to obtain the life histories and also bibliografic research in non official documents (newspapers and magazines from each time).

The methodologic orientation has followed the criticism and not dogmatic criterion. The doctrinaires of this research reflect the present society, post modern, and make it clear why the champions are forgotten in a technological society.

O AQUECIMENTO

O presente estudo tem como preocupação principal investigar os caminhos e a trajetória de vida de campeões brasileiros de natação, que chegaram a competir em uma final Olímpica neste esporte. Abrange o período que se inicia com a primeira participação brasileira numa final Olímpica nos XI Jogos Olímpicos de Berlim, realizados na Alemanha em 1936, até os dias atuais nos XXV Jogos Olímpicos de Barcelona realizados na Espanha, em 1992.

O ponto de partida deste trabalho foi a suposição de que a história da participação dos nadadores brasileiros nas Olimpíadas existe, atualmente, apenas na memória de seus protagonistas. E nos aponta também para os comportamentos comuns que caracterizariam os finalistas Olímpicos de natação de diferentes épocas. Esta era uma idéia pessoal, decorrente de minha experiência como atleta (nadadora), técnica e professora de natação e de conversas e observações que venho desenvolvendo na área.

A historiografia dos esportes no Brasil carece de referências sobre a natação. Em todos os levantamentos bibliográficos que fiz sobre o tema, e mesmo nas visitas que realizei a museus de esporte, não encontrei fontes documentais que pudessem me apresentar com suficiência dados sobre a trajetória dos nadadores e da natação no Brasil.

Na busca de uma confirmação (ou não) das minhas suposições foi necessário ir ao encontro dos campeões, finalistas Olímpicos de natação e obter depoimentos sobre suas vidas, suas memórias.

Para alcançar estes objetivos foram realizadas entrevistas individuais com os finalistas Olímpicos. Nestes depoimentos cada campeão relatou a

sua história desde quando começou a nadar até o presente momento, passando pelas fases de euforia e fama, quando finalista Olímpico.

A intenção do trabalho não é somente registrar a vivência destes nadadores mas, também, através deles, resgatar a trajetória Olímpica desses sessenta anos da natação brasileira.

POSIÇÃO DE LARGADA

O ritual ainda é o mesmo. Gestos bastante compassados despertam músculos dormentes para movimentos conhecidos há muito tempo.

É mais um aquecimento...

O maio desbotado deixa transparecer uma época de glórias. A touca já sem cor e os óculos fazem também parte da bagagem.

As marcas estão presentes em todo o corpo: traços de alegrias e decepções de um passado. O olhar refletido procura por lembranças, momentos vividos. As arquibancadas super lotadas esperam a apresentação do herói Olímpico, um semideus, a realizar sua travessia a nado.

O juiz apita. O corpo mergulha...

Esta é mais uma competição na vida do nadador mas que, agora será travada com a sua própria memória.

A cada braçada as lembranças de sua vida, de sua trajetória de campeão, vêm lhe fazer companhia no meio líquido e o fazem reviver.

Neste percurso o tempo não é mais linear. O cronômetro funciona ao contrário, sem pressa. Tempo e espaço se congelam e o ajudam a tomar fôlego para resgatar toda uma história. A história de ser um campeão...

A decisão de estudar os grupos que constituem a elite da natação brasileira surgiu de minha forte ligação com o meio líquido. Desde as minhas primeiras braçadas, os nadadores que chegaram a uma final Olímpica sempre fizeram parte dos meus sonhos. Neste trabalho eu parti em busca deles tentando fazer reviver os meus ídolos: Maria Lenk, Tetsuo Okamoto, Manuel dos Santos e tantos outros.

Diante de cada um deles, minha tarefa constitui-se em um desafio: ajudá-los, em sua competição pessoal, a resgatar suas lembranças. Em meu pensamento constantemente surgiam lembranças e diferentes imagens que retive de cada um deles: suas vitórias, seus estilos. Imagens que muito os aproximaram de minha vida como atleta, técnica e professora universitária de natação. Foram anos e anos buscando um elo entre a minha experiência vivida à beira da piscina e os livros acadêmicos. Nesta busca enfrentei várias competições, treinei bastante. E agora também cheguei a uma final.

Minha intenção ao realizar o presente trabalho foi a de buscar, nas histórias dos campeões brasileiros de natação, a mágica que fez de cada um deles um herói Olímpico, e a razão que os levou da mesma forma a alcançar a glória e o reconhecimento social, e serem esquecidos rapidamente. Este foi também o momento de mergulhar fundo e tentar trazer alguma contribuição à história da natação brasileira. Para tanto, este estudo foi realizado com base em entrevistas e depoimentos de nadadores.

A partir dos dados levantados durante a pesquisa, empírica, organizei o trabalho seguindo os mesmos caminhos fundamentais de uma competição de natação. Na primeira parte, da dissertação, A piscina, inicio com o Aquecimento, levantando os objetivos e razões que me levaram a realizar este estudo. É o momento em cima da baliza em que o nadador faz uma revisão de todos os objetivos de seu treinamento. Na Posição de largada, apresento os pontos centrais que devo focalizar em cada parte do trabalho. É o instante em que o nadador se prepara física e mentalmente e calculando o tempo e a energia de que precisa para estar na competição até o momento da chegada. Em O mergulho, apresento a trajetória e a descrição da metodologia adotada. É o momento que o nadador mergulha para a competição.

O treinamento é a segunda parte do trabalho. Nele, As primeiras braçadas, conto um pouco da história da natação, como foram realizadas

as primeiras competições a nível internacional e posteriormente A natação no Brasil, mostrando ainda como se constitui a vida e a carreira de um Nadador.

Em O mito dos heróis Olímpicos, no capítulo três da dissertação, são abordados os Mitos e a realidade da vida dos Heróis esportivos nacionais. E em As Olimpíadas: a grande meta mostro que estas são o coroamento da carreira de um nadador, a consagração de toda uma vida dedicada ao esporte. Nesta parte procuro apresentar a história das Olimpíadas: Antiga e Moderna, assim como também a atuação dos nadadores brasileiros nos Jogos Olímpicos, desde a primeira participação em uma final individual em 1936 até 1992.

No quarto capítulo Nadar : as histórias dos heróis nacionais tento recuperar a memória de seis campeões brasileiros de natação que foram finalistas Olímpicos. Resgato lembranças que se fizeram presentes nas entrevistas realizadas com cada um deles.

O quinto capítulo é dedicado à competição. Nele, faço a análise descritiva das memórias dos nadadores. O objetivo é apresentar os pontos comuns e divergentes existentes entre os nadadores e mostrar o que os levou, em diferentes épocas, a seguir um único objetivo: Ser um campeão de natação.

Nadando contra a sociedade do esquecimento, é o sexto e último capítulo. É aqui que faço a discussão de um dos objetivos desse estudo: saber como esses campeões, um dia endeusados, convivem hoje com suas lembranças de glórias, no anonimato e, o esquecimento.

Finalizando, na última parte, apresento os anexos e a bibliografia utilizada. Os anexos trazem :

- O questionário que serviu de roteiro para as entrevistas com os nadadores (Anexo 1); As reportagens de Jornais da época sobre os campeões (Anexo 2); e o (Anexo 3) aborda os quadros que foram utilizados

na dissertação, contendo: O início das provas de natação nos Jogos Olímpicos, masculino e feminino. O custo da transmissão televisiva das Olimpíadas de Atlanta 1995.

Desta forma preparada, convido o leitor a acompanhar-me nessa travessia a nado pelas memórias dos campeões brasileiros de natação na sociedade do esquecimento. Como dizia Sato, um treinador japonês de natação: “*Vou apresentar homem e água para fazerem amizade*”. (Cenni, 1993).

O MERGULHO

Em uma competição de natação são disputadas três tipos de provas: velocidade, meio fundo e fundo. Por provas de velocidade, são compreendidas as com distâncias de 50, 100 e 200 metros. Para estas provas os nadadores tem a característica de serem velocistas. As provas de meio fundo, são as com distância de 400 metros. As provas de fundo são as de 800 e 1500 metros de percurso e que caracterizam o nadador fundista. São utilizados os estilos crawl, costas, peito e borboleta nas travessias das provas.

Os nadadores têm habilidades em um ou dois estilos, podendo até apresentar habilidades em todos eles. No entanto, é necessário que definam em que tipo de prova vão competir.

Para esta minha competição "Nadadores Brasileiros: Campeões ou ídolos esquecidos", o estilo que escolhi foi o de orientar-me metodologicamente a partir dos pressupostos da teoria crítica não dogmática. Esta é uma linha de pensamento proposta por uma das mais novas gerações de teóricos críticos oriundos da Escola de Frankfurt. Seu principal representante é Dieter Prokop e a postura teórica que reivindica é a ruptura com todas as ortodoxias. A proposta de Prokop é a de: "*integrar diversos modos de explicação, privilegiando o semântico-semiológico, o psicanalítico, não ignorando, entretanto, a importância do elemento econômico-estrutural no processo de produção e transformação das mensagens...*". Marcondes Filho, 1986, p.10) .

Metodologicamente, segundo os pressupostos da teoria crítica não dogmática, o pesquisador deve postar-se diante da realidade pesquisada com toda a sua sensibilidade científica. Através de uma investigação profunda do material coletado, o pesquisador deve se posicionar, sem se deixar levar por uma atitude crítica rígida, dogmática. "O problema fala" e assim orienta o pesquisador em sua investigação procurando caminhos que

melhor analisem a massa de informações que (o pesquisador) tem nas mãos. Assim na perspectiva da teoria crítica não dogmática* a cada questão levantada durante a elaboração deste trabalho, as respostas foram procuradas nos mais diversos caminhos. Variadas linhas de análises teóricas foram utilizadas, no intuito de compreender o objeto e o sujeito, que muitas vezes se mesclam, neste estudo.

Acredito também ser este o mesmo posicionamento teórico de Queiroz, in Von Simson (1988, p.27) quando diz: *"a necessidade de se acrescentar outras fontes às histórias de vida, não invalida a possibilidade de utilização de uma única dentre elas, para o conhecimento de problemas de uma coletividade. É certo que toda pesquisa sociológica quer utilize como a história de vida, quer outras técnicas diversas (inclusive e principalmente as quantitativas) ganha novas dimensões, maior profundidade e maior envergadura"*.

Ao mesmo tempo em que as linhas de análise são independentes, elas são complementares. A principal preocupação do pesquisador está em respeitar os limites e as fronteiras de cada uma delas na realização das suas análises. O quadro, por exemplo, utilizado no capítulo: A competição, contribuiu para a análise dos depoimentos, e se tornou complementar à reflexão realizada sobre o comportamento dos nadadores em diversos momentos de suas vidas.

* Um exemplo de pesquisa não dogmática, ver Kenski, V. "O fascínio do Opinião", in Fazenda, I. "Novos Enfoques da Pesquisa Educacional".

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

a) Identificação dos sujeitos e instrumentos de coleta de dados:

Em um primeiro momento acreditei que esta pesquisa fosse somente um estudo de "história de vida", onde eu reuniria os depoimentos acerca das experiências dos nadadores e relataria os fatos. Mas eu buscava fazer mais do que apenas um estudo documental, queria saber mais sobre a trajetória de vida de um campeão de natação: começar desde as suas primeiras braçadas, passando pelo seu momento de glória nas Olimpíadas e chegar até hoje, na atualidade, na convivência com o anonimato e, conseqüentemente, com o esquecimento.

Inicialmente fui em busca de um suporte bibliográfico nas fontes documentais sobre o tema, mas não encontrei. Verifiquei que não existe bibliografia ou estudos acerca desse objeto.

Não havendo material para ser pesquisado fui em busca de algumas informações na Federação Paulista de Natação (FPN); Museu do Esporte Nacional, vinculado a Secretaria do Estado de São Paulo. Os troféus e medalhas estão expostos em vitrines e paredes, mas sem as devidas descrições e informações sobre os campeões: sua vida, trajetória e conquistas.

As fontes documentais não eram suficientes para a realização do trabalho de forma indireta, orientei-me então para a necessidade de realizar entrevistas diretas com os sujeitos da minha pesquisa: os nadadores-campeões Olímpicos.

Para adequar meus instrumentos de pesquisa ao objetivo a que me propunha realizei anteriormente entrevistas-piloto com ex-nadadores, hoje técnicos e professores de natação, os Professores Bráulio de Araújo Júnior e Catarina Mazarini. As perguntas foram testadas, e o questionário

direcionado para um roteiro mais definitivo a ser empregado no levantamento da trajetória de vida de um nadador. A partir deste roteiro (Anexo 1) fui à campo para obter o depoimento oral dos campeões brasileiros de natação.

As perguntas efetuadas seguiram este roteiro pré-determinado mas tinham como característica serem abertas, aproveitando-se de outras evocações feitas pelos entrevistados. Os depoimentos ocorreram em um clima informal e buscavam traçar a carreira do nadador desde o seu primeiro contato com a água, a fase de treinamento, a Olimpíada, os momentos de glória até chegar aos dias atuais.

Queiroz in Von Simson (1988) diz da importância do pesquisador em colher dados nas fontes mais variadas possíveis: Agindo assim a realidade estudada será apresentada de forma mais ampla e completa. Assim, paralelamente às entrevistas fiz um levantamento de bibliografias e documentos não oficiais como fotos, recortes de jornais (O Estado de São Paulo e a Gazeta Esportiva) e revistas da época.

A pesquisa então prosseguiu com a definição dos nadadores que se dispuseram a contar suas histórias. São doze os finalistas Olímpicos individuais mas somente seis participaram deste estudo. *(Ver quadro I, pg 11)*

QUADRO I

NADADORES BRASILEIROS FINALISTAS OLÍMPICOS

ANO	PAÍS	NADADOR	MODALIDADE	TEMPO	CLASSIFICAÇÃO	MEDALHA
1936	BERLIM	Piedade Coutinho	100 metros livre	1'09"6	8º Lugar	RECORDISTA MUNDIAL
		Maria Lenk	200 metros peito	3'17"7	10º Lugar	
		Piedade Coutinho	400 metros livre	5'35"2	5º Lugar	
1948	LONDRES	Piedade Coutinho	400 metros livre	5'29"4	6º Lugar	RECORDISTA SUL AMERICANO
		Willy Otto Jordan	200 metros peito	2'46"4	6º Lugar	
		Paulo W. Fonseca Silva	100 metros costas	1'01"1	9º Lugar	
1952	HELSINKUE	Tetsuo Okamoto	1.500 metros livre	19'05"6	3º Lugar	BRONZE OLÍMPICO
1960	ROMA	Manoel dos Santos Júnior	100 metros livre	55"4	3º Lugar	REC. MUNDIAL E BRONZE OLÍMPICO
1968	MÉXICO	José Silvio Fiolo	100 metros peito	1'08"1	4º Lugar	REC. MUNDIAL E SUL AMERICANO
1972	MUNIQUE	José Silvio Fiolo	100 metros peito	1'06"24	6º Lugar	RECORDISTA SUL AMERICANO
		José R. Diniz Aranha	100 metros livre	53"47	9º Lugar	
1976	MONTREAL	Djan Madruga	400 metros livre	3'57"18	4º Lugar	RECORDISTA OLÍMPICO E RECORDISTA SUL AMERICANO
1980	MOSCOU	Djan Madruga	1.500 metros livre	15'19"84	4º Lugar	
		Djan Madruga	400 metros livre	3'54"15	4º Lugar	
		Djan Madruga	400 metros medley	4'26"81	5º Lugar	
1984	LOS ANGELES	Ricardo Prado	400 metros medley	4'18"45	2º Lugar	REC. MUNDIAL E PRATA OLÍMPICO
1988	SEUL	Ricardo Prado	200 metros costas	2'03"05	4º Lugar	
		Rogério Romeiro	200 metros costas	2'02"28	8º Lugar	RECORDISTA SUL AMERICANO
1992	BARCELONA	Gustavo Borges	100 metros livre	49"43	2º Lugar	REC. MUNDIAL PRATA OLÍMPICO SUL AMERICANO

Todos os depoimentos foram significativos. Eles foram analisados individualmente e, logo após, agrupados em pontos convergentes e divergentes. Os dados destes cruzamentos foram colocados em quadros para serem identificados e visualizados por meio de símbolos. (Quadro II, pág 113 - 116). Nestes quadros as respostas foram agrupadas em quatro grandes grupos temáticos. O início da vida de um nadador, pertence ao primeiro grupo de respostas; A expectativa e a realidade de um campeão foram agrupadas no segundo grupo de respostas; Os recursos técnicos e apoios assim como treinamentos e competições reuniram as respostas dos campeões no terceiro grupo de respostas. As respostas sobre o momento da vitória e após o retorno à vida rotineira pertencem ao quarto e último quadro.

Diante desta sistematização a história até então individual de cada nadador passou a ser a história coletiva dos campeões de natação. Estes pontos comuns parecem indicar um possível caminho utilizado pelos nadadores para se tornarem campeões.

Outros pontos comuns surgiram e um deles, não pensado anteriormente, chamou bastante minha atenção. A mágoa, o desencanto, a tristeza dos nadadores na atualidade. A queixa que fazem por se sentirem esquecidos pela sociedade a quem dedicaram suas vitórias, suas vidas.

Esta constatação levou-me a um novo desafio de análise. A reflexão sobre os motivos que os levaram a serem esquecidos e sofrerem com isto orientou-me para a consulta aos teóricos que pensam a sociedade atual, em uma perspectiva crítica.

AS PRIMEIRAS BRAÇADAS

Os mares e rios sempre inspiraram as mais belas páginas da história da humanidade. O herói lendário Ulisses teve suas façanhas descritas por Homero nas páginas da *Odisséia*. O mar também sempre foi valorizado na mitologia. Várias divindades tinham suas moradas sob a água e os filhos dos deuses buscavam no ato de mergulhar a coragem e a busca com o elo divino.

Segundo Lenk (1982) desde a pré-história o homem já nadava, realizando apenas movimentos básicos de sobrevivência e locomoção em água, ou nas travessias de uma margem a outra dos rios. Rompendo tais limites no meio líquido, o homem deu as primeiras braçadas para a aprendizagem e o desporto.

A natação vem ganhando importância desde a Grécia onde era um elemento fundamental na educação e treinamento de soldados. Platão afirmava que: "O homem que não sabia nadar não era educado". Da citação podemos compreender que a natação foi (e sempre será) importante dentro de um processo de ensino aprendizagem.

Iguaran (1972) encontrou alguns registros sobre a natação também relacionando os aspectos voltados para a ação formativa na educação do povo romano. Os gregos assim como os romanos colocavam a natação em primeiro lugar, como um dos esportes necessários na formação de um indivíduo. No entanto nós modernamente ignoramos não só os nomes dos nossos atletas mais famosos que ganharam prestígio nos Jogos Olímpicos, mas também o valor educativo na própria atividade aquática.

São várias as definições para este esporte aquático. Segundo Ferreira (1985) a *natação* é a ação, exercício ou a arte de nadar. O ato de nadar é a sustentação e a locomoção sobre a água por impulso próprio; também pode ser conservar-se, ou ainda sustentar-se sobre a água, flutuar, boiar, sobrenadar.

Para a Federação Internacional de Natação Amadora (FINA) o ato de *nadar* é definido como uma representação de ação, de auto-sustentação na água, que o homem aprendeu por instinto ou observando os animais. É um dos exercícios físicos mais completos que existem.

Parece bastante adequada a definição de Araújo Júnior (1993) que considera *natação e nadar* com significados de ação e exercício, arte, auto-propulsão e auto-sustentação. Deve-se acrescentar a isso o respeito à individualidade, fazendo com que a natação solicite exercícios tanto no aspecto físico, quanto no intelectual, o que torna o processo de aprendizagem uma única unidade.

Observa-se que essas diversas posturas dos autores citados analisam o esporte natação com características voltadas somente para a aprendizagem. A competição deverá ser, então, um segundo momento, uma evolução após a aprendizagem. Confirma-se isto na fala apontada por Igwaran (1972,p.21) de que: "existem características que devem ser distinguidas: o nado intuitivo, chamado de "nado natural" e, portanto, diferenciado do nado técnico desportivo, conhecido como o "nado de competição".

Na antigüidade não havia piscinas. Os banhos aconteciam em locais fechados, nas chamadas termas. As termas eram públicas, ponto de encontro, reunião e aos poucos foram cedendo lugar para as piscinas. É curioso notar que "as primeiras competições de natação foram realizadas em mares e rios" (Marinho, 1952,p.32). São famosas as travessias de rios e

mares e a mais importante é a do Canal da Mancha, que ainda é uma disputa muito concorrida.

As provas de natação já ocorriam nos Jogos Istmos, na Grécia Antiga disputados em homenagem a Possêidon, deus das águas; porém, somente com o Renascimento a natação ganhou prestígio como competição.

O marco da prática da natação desportiva está na primeira metade do século XIX, com a realização das primeiras provas oficiais em Londres em 1837. A Inglaterra criou, a partir desta data inúmeras associações "Associated Swimming Clubs" para a prática da natação como esporte competitivo tornando-se o berço e centro esportivo na era moderna.

A definição de Helal (1990) para competição é de que é uma disputa que inclui uma medida importante de habilidade física que está subordinada a uma organização mais ampla que não escapa ao controle daqueles que participam do confronto, quer mais ativamente, na figura do competidor, ou na atuação do torcedor. A competição está ligada diretamente a um campeonato institucionalizado, que por sua vez, está ligado à conquista de títulos. É o esporte competitivo.

A compreensão do conceito de esporte mais propícia está na definição de Ferreira (1985) para quem o vocábulo esporte diz respeito a prática metódica de exercícios físicos. Já para Fanalli (1978) o desporto é uma atividade específica de emulsão na qual se valorizam intensamente as formas de praticar os exercícios físicos caracterizando, dessa maneira, sempre um recorde ou a superação de si mesmo, do seu próprio recorde ou em relação a outro concorrente.

Tubino (1988,p27) acredita que o conceito de esporte deve ser entendido como: *"aquela manifestação esportiva que envolve atividades predominantemente físicas com caráter competitivo, onde os atletas competem consigo mesmos ou com outros, sujeitando-se às regras pré-*

estabelecidas aprovadas pelos organismos internacionais ou nacionais de cada modalidade".

Huizinga (1990) é quem diz que a aceitação dos Jogos Olímpicos e dos exercícios corporais como valores culturais só surgiram no final do século XVIII, marcando dessa maneira o esporte como um dos fenômenos culturais mais importantes dos últimos dois séculos.

A NATAÇÃO NO BRASIL

Marinho (1952) acredita que no século XVI os índios "taramambeze", que habitavam o Brasil já utilizavam a natação para a sua manutenção e a sua própria sobrevivência. Este seria o início da natação intuitiva no país.

O esporte aquático competitivo no Brasil teve início com as regatas. As Associações de Remo foram criadas e deram origem a diversos e atuais clubes esportivos, principalmente em cidades do litoral como o Rio de Janeiro por exemplo. Os esportes aquáticos nasceram a partir do remo. Os clubes que tinham o remo, como prática esportiva foram se ampliando e dando espaço para a prática do novo esporte: "natação". Somente algum tempo depois a natação passou a fazer parte do cenário de competições e tornou-se independente do remo.

Em 1886 existiam algumas Associações e Clubes citadas por Lenk (1982); a Sociedade Francesa de Gimnástica, o Clube Gimnástico Português e o Clube de Botafogo. O Clube Regatas Flamengo só foi fundado em 1898 e neste mesmo ano surgiu também o Vasco da Gama, em 21 de agosto. O Fluminense Football Club foi fundado em 21 de junho de 1902. Todos estes clubes pertencem ao cenário carioca e eram filiados à União de Regatas Fluminense, que mais tarde se chamaria de Conselho Superior de Regatas e Federação Brasileira das Sociedades de Remo. (FBSR).

Em 1898 o Clube Regatas Flamengo promoveu o I Campeonato Brasileiro de natação na distância de aproximadamente 1.500 metros, no estilo nado livre. Essa prova se repetiu anualmente até 1912. (CBDA, 1988). No ano seguinte, 1913 na enseada de Botafogo a F.B.S.R. promoveu uma competição onde foram disputadas as provas de 100 metros nado livre, 100 metros para estreantes, 600 metros para seniores e 200 metros para juniores.

Em 1915 a prova de 600 metros nado livre passou a constar no calendário do campeonato carioca de natação. O campeonato brasileiro

de natação foi patrocinado pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos) a partir de 1916, mas somente em 1928 foi realizado com as seis provas Olímpicas da época, sagrando-se então campeões os nadadores cariocas.

Maria Lenk nos conta, em entrevista, que os paulistas fundaram a União Paulista das Sociedades de Remo em 21 de abril de 1905, com sede em Santos. Os clubes filiados instalavam-se à beira do rio Tietê, na capital do estado. Em suas sedes havia o interesse da prática da natação, reservando-se para isso as águas mais tranquilas e as pequenas enseadas, do próprio rio.

As provas de natação foram incluídas aos poucos, entre uma regata (competição de remo) e outra. Estas competições eram denominadas de "festa aquática". As primeiras competições de natação foram portanto realizadas em mares e rios e eram sempre acontecimentos marcados com festividades.

A primeira exibição de uma mulher nadando em público, deu-se em 1922, com Violeta Coelho no "tanque natatório" da Urca, no Rio de Janeiro, por ocasião dos festejos da Independência. Em São Paulo isto ocorreu em 1924, quando moças da colônia alemã romperam a barreira dos preconceitos e participaram da primeira travessia de São Paulo à nado. Lenk, lembra ainda que o Primeiro Campeonato Paulista de Natação feminina realizou-se na Associação Atlética de São Paulo, em 10 de abril de 1932.

A primeira piscina de competição inaugurada no Brasil foi a do Fluminense, no Rio de Janeiro em 1919, e neste dia foi disputado o Primeiro Campeonato Sul Americano de Natação. Quatro anos depois surgiram as piscinas da Associação Atlética de São Paulo e a do Clube Atlético Paulistano, ambas em São Paulo.

Os centros mais desenvolvidos da natação competitiva nacional foram se alternando durante décadas, entre o estado do Rio de Janeiro e o

de São Paulo. Na atualidade os centros de excelência em natação encontram-se disseminados por todo o país, em capitais e cidades do interior. Neste último Troféu Brasil de Natação, disputado em 1994, o estado de Minas Gerais foi o Campeão Brasileiro.

A popularização do esporte levou a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, (CBDA) a patrocinar uma competição de natação em março de 1994, no Rio de Janeiro em comemoração ao 429º aniversário da cidade. Foi construída para o evento uma piscina na praia do Leme, a primeira da história nas areias de uma praia .

O NADADOR

Um nadador brasileiro começa suas primeiras braçadas participando de competições municipais ou de competições entre clubes. A partir do seu desempenho pode passar a integrar uma equipe representativa de seu clube ou da sua cidade. As competições de natação sempre começam nos primeiros meses do ano como forma de preparação física para o nadador.

A rotina de treinamentos de um nadador profissional, não é nada tranqüila. Ele deve em geral acordar, correr trinta minutos, tomar café, nadar três horas. Depois almoça, descansa meia hora, e nada por mais duas horas. Alguns fazem muita musculação, alongamentos e exercícios aeróbicos. Há treinadores que não seguem exatamente essa descrição pois existem outras escolas e tendências dentro dos treinamentos de natação. De qualquer modo, é necessária muita dedicação à natação, o que leva alguns atletas a abandonarem os estudos ou o esporte. Há nadadores que não se preocupam com o aspecto financeiro, têm patrocinadores, sua única preocupação é treinar. Apesar do rigor dos treinamentos muitos atletas conseguem conciliá-los com os estudos. Entre os nadadores brasileiros pesquisados, todos têm nível superior de instrução, o que dificilmente ocorre em outras modalidades esportivas.

Para que haja um aprimoramento do nadador brasileiro é necessário que ele saia do país e busque a sua evolução em centros mais avançados da prática da natação. Desde a década de sessenta vários nadadores brasileiros em troca de um bolsa de estudos defendem as cores de alguma universidade norte-americana, onde os treinamentos são os mais eficientes. Desta forma podem continuar seus estudos, sem abandonar a natação.

O sonho de todo nadador brasileiro é ser um estudante-atleta, bolsista de uma universidade dos EUA. Nestas os regulamentos são claros e severos: são eliminados todos os que pagarem ou receberem qualquer

compensação financeira por suas atuações esportivas. A única recompensa possível é a bolsa de estudos que inclui, casa, escola, alimentação e treinadores de alto nível. Não é permitido ao nadador ganhar salário ou prêmios. Mas é permitido ter "patrocinador".

No início de uma temporada a permanência do nadador em água por dia fica por volta de 2.500 a 4.000 metros, na metade da temporada esse percurso está por volta de 4.500 a 6.000 metros; e no final, esta metragem diminui, sendo conhecida como a fase do "polimento", onde a metragem fica em torno de 3.000 a 5.000 metros, por dia. Um nadador mais talentoso e que tenha uma certa representatividade internacional atinge uma média de 15 mil metros por dia.

Para Fernando Sabino (1975) o nadador hoje é treinado como um cosmonauta antes de ser enviado à lua. Suas reações são conhecidas controladas e manipuladas cientificamente, por pessoas com alto grau de especialização em ciências do esporte.

Na metade de cada ano a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (C.B.D.A.) estipula uma data para que seja realizado pela federação de cada estado um campeonato. Nesse campeonato o nadador deverá obter o índice (que é um tempo) estipulado pela C.B.D.A. para participar do Troféu Brasil de Natação, que é a prova mais importante do calendário brasileiro é a seletiva para os campeonatos internacionais. Existem no Brasil outras provas que também são seletivas tais como: Chico Piscina, Troféu José Finkel e os patrocinadores (Claybon, Fisk, Joven Pan assim como tantos outros).

Um nadador pertencerá à equipe nacional se conseguir o tempo estipulado para participar de competições internacionais. Esses índices podem ser obtidos nas competições citadas, ou em qualquer outra onde houver um representante da C.B.D.A. e da Federação Internacional de Natação Amadora (F.I.N.A) uma instituição mundial que regulamenta as

provas de natação: organização do espetáculo, técnica, regulamento e assim como os recordes para que sejam homologados.

A nível internacional as competições começam pelo Campeonato Sul-Americano, envolvendo os países que pertencem a América do Sul, é disputado de quatro em quatro anos, e sua primeira edição ocorreu em 1978, na cidade de La Paz, (Capinussú,1992). As disputas dos Jogos Panamericanos, agregam os atletas das três Américas e do Caribe, esses Jogos ocorrem também de quatro em quatro anos, entretanto, um ano antes das Olimpíadas, e sua primeira disputa ocorreu em 1951 em Buenos Aires, Argentina. A Copa Latina é disputada de dois em dois anos e, é um destaque dentro do calendário internacional da natação, a primeira edição foi realizada em 1973 na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, reunindo os atletas dos países, cuja língua de origem é a latina. O Campeonato Mundial de Natação, é uma das mais importantes disputas, reunindo os melhores nadadores do mundo, assim como os Jogos Olímpicos disputados de quatro em quatro anos.

A atuação e o objetivo mais importante para um nadador é a participação nos Jogos Olímpicos, realizados a cada quatro anos. A importância destes Jogos deve-se ao fato deles mobilizarem grande número de participantes e à sua grande repercussão internacional, decorrente do seu poder de divulgação e penetração e do seu caráter de disputa histórica (Pereira,1988).

A Confederação Brasileira de Desporto (C.B.D.) fundada em 06 de dezembro de 1916, foi a principal e mais antiga entidade a coordenar e centralizar todas as decisões esportivas no Brasil. Sua extinção ocorreu no início do ano de setenta e nove, quando foi desmembrada em várias confederações, dos mais diversos esportes (Capinussú 1992).

As confederações estão sob a imediata supervisão normativa e disciplinar da Secretaria de Desportos, através do Conselho Nacional de

Desportos. O Conselho Nacional de Desportos (C.N.D) deu seqüência a todos os ideais esportivos e integrou-se como coadjuvante da nova Secretaria de Desportos da Presidência da República, órgão máximo do desporto brasileiro desde abril de 1990. Tem por objetivo realizar estudos, planejar, coordenar e supervisionar o desenvolvimento do desporto no país, de acordo com a Política Nacional de Desporto (Capinussú 1992).

O Comitê Olímpico Brasileiro (C.O.B) é bastante atuante, é o órgão máximo do esporte nacional. Está subordinado ao Comitê Olímpico Internacional, (C.O.I) organiza e registra todas as ações esportivas ligadas aos Jogos Olímpicos e possui representantes em todos os países, e é diretamente dependente da Secretaria de Desportos da Presidência da República do Brasil.

A natação faz parte da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (C.B.D.A.) é o órgão máximo da natação nacional, representante das federações estaduais, que realizam as competições no âmbito regional. Os desportos aquáticos estão subordinados à Federação Internacional de Natação Amadora (F.I.N.A) que desde o seu ano de fundação em 1908 regulamenta, coordena e controla todos os eventos aquáticos: polo-aquático, nado sincronizado, saltos ornamentais e a natação.

O nadador disputando uma prova de um Campeonato Mundial não faz parte de uma seleção representativa, está competindo individualmente; mas ao participar de uma Olimpíada ele representa o país. "Todos esperam pelo seu desempenho". (Helal, 1990).

Para os órgãos representativos do esporte, em qualquer país socialista ou capitalista, os Jogos Olímpicos são um marco político e ideológico pois representam o poder através do esporte. Há governos que investem grandes somas em seus atletas e esperam o retorno.

Um recorde mundial pode ser batido a qualquer momento; para tanto não basta apenas nadar mais velozmente para ultrapassar um competidor e chegar, na frente. O cronômetro é o maior adversário de um nadador, o tempo deverá ser vencido para se conseguir o índice, bater o recorde e ser o campeão. Pode ser numa competição, onde há o confronto direto com outros nadadores, ou então virtualmente, numa tentativa individual.

Para Helal (1990, p.34) "recorde nada mais é que uma abstração que permite a competição não somente entre aqueles que estão no mesmo campo, mas também entre estes e outros que estão distantes no tempo e no esporte, podendo até estimular uma competição individual do atleta consigo mesmo".

Na história da natação brasileira, os recordes mundiais foram conquistados da seguinte maneira:

Manuel dos Santos Jr. e José Sylvio Fiolo, em épocas diferentes, deixaram suas marcas em tentativas de quebra de recordes em piscinas cariocas e seus tempos foram homologados internacionalmente.

Gustavo Borges obteve seu recorde individual homologado em uma piscina paulista e também numa prova de revezamento com os nadadores: Fernando Scherer, Teófilo Ferreira e José Carlos Souza Jr.

Maria Lenk e Ricardo Prado conquistaram seus títulos mundiais em provas dos Campeonatos Mundiais. Djan Madruga e Rômulo Arantes conquistaram seus títulos de "campeão mundial universitário" em piscinas americanas. Outros nomes foram importantes na natação brasileira, mas o enfoque principal foi para estes finalistas Olímpicos que fazem parte deste estudo.

Um Campeonato Mundial de Natação pode até reunir um número maior de participantes, em relação a outro evento aquático, mas a mídia pode ou não deslocar o seu olhar de importância para a competição, tornando-o mais importante ou não ao público.

Um nadador com um patrocinador forte e que estiver perto da quebra de um recorde, na possibilidade dessa tentativa terá a televisão presente registrando o fato. Caso contrário, se não houver o interesse da televisão, o olhar televisivo será apenas o de um enfoque informativo em um rápido noticiário.

O MITO DOS HERÓIS OLÍMPICOS

O MITO

Para compreender os mitos e heróis esportivos faz-se necessário distinguir estes dois termos. O termo mito geralmente é empregado, de maneira errônea, como uma oposição a tudo o que é verdadeiro e real.

Na Antropologia o mito é conceituado como uma categoria mítica, sendo um elemento fundador e possuidor de uma "aura" que o qualifica e o distingue da figura do herói, já que este não possui todos os atributos de um mito: é sempre um elemento secundário e posterior, é hierarquicamente inferior.

Feijó (1984) acredita que a mitologia grega é o ponto de partida para entender e compreender as idolatrias e as seduições que os povos primitivos sentiam pelos seus deuses, mitos e heróis. Desta forma classificou este fenômeno de fascínio hierarquicamente em três grandes momentos:

a) O primeiro momento chamado de teogônico, tinha como característica ser o da própria genealogia dos deuses. Os primeiros deuses, ou deuses originários, pertenciam a esta classificação. Zeus, Têmis e Éris são alguns exemplos.

b) O segundo momento na hierarquia, era o dos deuses que venceram os originais e que passaram a habitar o Monte Olimpo. Esse ciclo era chamado de Olímpiano. Era o mais importante para os esportistas, pois a estes deuses os atletas rendiam homenagens após as competições. Os mais destacados foram Apolo, Vesta, Vênus e Zeus Olímpiano.

c) O terceiro momento, chamado de heróico, era composto pelos semideuses, os filhos dos deuses com os mortais. Era destinado àqueles que

se destacavam pelas suas façanhas e atos de bravura. Hércules e alguns atletas em evidência nas disputas Olímpicas, são exemplos.

Esta hierarquia descrita ainda é utilizada nos dias atuais, trazendo uma contribuição muito importante para entendermos as categorias míticas acerca do mito e do herói.

Huizinga (1990 p.7) contribui para esse entendimento quando diz que: "O homem primitivo procurava, através do mito, entender o mundo dos fenômenos, atribuindo a estes sempre um fundamento divino". Partindo desta concepção, o mito passou a ser a identificação do homem com os fenômenos transcendentais, o que caracteriza o seu aspecto místico.

Campbell (1990) também compartilha das idéias de Huizinga e acredita que nas sociedades primitivas havia quatro funções básicas do mito: a função "Mística", apresentava a finalidade de entender a vida espiritual, compreender o oculto e o esotérico; a "Cosmológica", tinha como pressupostos a forma e a compreensão das leis gerais que regem o mundo físico; e a "Sociológica e a Pedagógica" tinham como função servirem de modelo de vida e era por esta via que os comportamentos dos mitos eram transmitidos como um modelo de ordem social, tendo como alvo, as novas gerações. Devido a isto esta função é a que mais nos interessa neste estudo, porque ao serem transmitidos os valores de uma geração para outra, um fato, uma história ou até mesmo um personagem tornavam-se tradições de um grupo, uma marca de um povo ou de uma cultura.

Gusdorf (1979p.309) diz que "as grandes épocas da civilização definiram sempre sob a forma de um ideal mítico o seu estilo de vida". O *mito* reforça portanto as tradições morais e sociais de uma determinada época, para que estas sirvam de "modelo" a ser transmitido a uma outra geração.

Os modelos a serem seguidos ou seja, as tradições, sempre foram características presentes nas comunidades mais primitivas. Também são percebidas nos grupos mais organizados e modernos, onde há sempre um

destaque para aquele indivíduo que, pelas suas qualidades e conduta, é diferenciado dos outros membros do grupo.

Esses homens são destacados em suas comunidades pois apresentam características que os distinguem dos outros membros, como por exemplo: uma qualidade de proeza física justificada através de um ato de coragem, como salvar uma vida, salvar um povo, ou até pichar o lugar mais alto de um prédio. A proeza de ordem espiritual está relacionada à vida espiritual e metafísica, é a ligação com o elemento universo ou, então pode ser justificada até mesmo na defesa de idéias e ideais.

As sociedades modernas utilizaram-se e utilizam até hoje estas características como referências de "modelo" para continuarem com seus mecanismos de controle e manipulação sobre o cidadão. Por isso, mesmo convivendo com todas as altas tecnologias comunicacionais, os *mitos* têm os seus espaços garantidos nestas sociedades. Os *mitos* são arquétipos universais que se repetem infinitamente, sendo que a sua perpetuação e mitificação estão presentes também nesta nossa sociedade contemporânea.

Para Patai (1972) o *mito* opera validando algumas leis, costumes, ritos, instituições e crenças e, ao dar explicações a estes, é referendado como um mecanismo sócio-cultural. Deste modo os fatos e feitos míticos, assim como os heróicos assumem a forma de história.

Para Barthes (1987) o *mito* é um sistema de comunicação. Nesta idéia há destaque para o uso social do mito, ou seja, como um instrumento de discurso. O mito é uma fala. Ele é também um símbolo que está presente em todos os lugares, sendo facilmente identificável pois é também um processo simbólico. Por simbólico compreendemos as imagens, sinais ou objetos que são identificados em uma relação já existente.

Concordamos com Constança Cesar (in Morais 1988) quando esta afirma que "*Mito* é uma expressão simbólica, por imagens e valores. É

carregada de conotações afetivas, o que caracteriza o poder da sedução do *mito*". Somos seduzidos pelo processo simbólico através das qualidades físicas ou morais de um personagem, sendo fascinados pelos seus valores éticos e possuídos por esta figura.

O "*mito*" tem um tempo cíclico; ele não se efetua num tempo linear, racional e cronometrado, porque apresenta como característica a sua repetição e se alimenta de rituais. A ritualização é um movimento que procura sempre atualizar periodicamente o fato acontecido no passado. É através dos rituais que estamos em contato com o momento vivido no passado, portanto, no tempo sagrado. É o ritual que faz a ligação com o mito de origem.

Eliade (1992) conceituou o mito do "eterno retorno" como sendo um caminho árduo e semeado de perigos porque é efetivamente um rito de passagem do tempo profano ao tempo sagrado. A característica básica deste mito é um movimento cíclico que sempre retorna às origens; este processo de retorno é um mecanismo necessário para que haja a identificação com o mito fundador, o mito de origem.

A escola, assim como também a televisão é criadora e perpetuadora de mitos e ídolos. Micelli (1988), historiador e pesquisador, realizou uma pesquisa nos anos oitenta com estudantes de Primeiro e Segundo Graus, em que pretendia descobrir quais eram os heróis nacionais para esse público alvo. Em seus dados finais encontrou uma votação muito expressiva para os heróis da televisão e os esportistas, que foram mais valorizados em relação aos heróis consagrados da história.

A figura de Tiradentes não foi esquecida como um herói nacional. Ele apresentava muitas qualidades ao título: valentia, façanha, a luta por uma boa causa e a maneira brutal da sua morte. Através de seu ato de coragem, foi distinguido e destacado. Estes atributos o qualificaram como

pertencente a uma categoria mítica. Mas os outros votos também expressivos foram para Rambo, D.Pedro I e Tancredo Neves.

A explicação para os votos de Rambo, personagem de cinema e TV, deve-se à influência da televisão e do cinema, que vinculam a imagem do ator a do herói através da sua atuação e façanha física. O piloto de formula 1 Ayrton Senna não obteve uma votação expressiva neste estudo provavelmente porque ainda estava no início da sua carreira. Mas a repercussão de sua morte, seis anos depois, mobilizou a nação e simbolizou uma perda nacional: *Morria o ídolo, nascia o mito*. Prova disto foi a cobertura do drama da morte de Ayrton Senna que durou três dias, provocando inclusive alterações na programação diária da televisão. Foram feitas ao vivo as transmissões do velório, do cortejo fúnebre e do sepultamento. Milhares de pessoas se emocionaram.

As proporções foram menores para outro herói nacional também falecido, Tancredo Neves, ex-Presidente da República. No país também houve três dias de luto oficial, e o episódio foi largamente explorado pela TV. Era a perda da esperança nacional.

Micelli (1988) acredita que a "mensagem televisiva" trata de forma mitificadora, o ídolo esportivo quando aborda sua carreira e sua façanha esportiva, perpetuando desta forma a sua imagem. A televisão se constitui em uma nova e efêmera memória, tornando-se uma fonte histórica.

A televisão é o instrumento da indústria cultural de maior importância em nosso século. Através da sua imagem ela produz e reproduz comportamentos e cria modismos. Associado a isto o fenômeno esportivo também age como um formador de opinião, costumes e valores, estando muito presente em nossa sociedade. Vejamos como:

Os eventos esportivos ocorrem em locais apropriados que se constituem lugares "sagrados", pois os estádios, piscinas e quadras apresentam algumas características que os diferenciam da vida habitual e

do tempo racional, "delimitado" cronometrado, dando passagem ao instante mágico das competições. As competições se processam em um mundo temporário, à parte do espaço de vida habitual; dão-se em um tempo e lugar apropriados que criam um "clima" para que todos se envolvam no evento.

As competições esportivas são celebrações que apresentam rituais que a sustentam; geralmente estes eventos são marcados por uma festa, uma confraternização. Huizinga (1990) acredita que os rituais, assim como os cultos, são consagrações que aproximam o tempo passado do tempo presente. Os rituais estão presentes nos vários campeonatos através dos hinos, bandeiras hasteadas, desfiles das equipes participantes, assim como na cerimônia de premiação. São celebrações que dão sustentação mística e mítica para o evento.

Morgas i Spà (1992) compartilha também destas idéias e diz que o ponto mais alto de um ritual, numa competição, é o momento da entrega das medalhas, simbolizando e reconhecendo o esforço do vencedor. Esse ritual é muito importante, pois exalta e faz uma reverência aos valores culturais de uma sociedade moderna.

Os eventos competitivos poderão ser festivos ou somente terem as características de uma disputa esportiva, isto irá ocorrer de acordo com as circunstâncias que os envolvem e com os objetivos que estarão presentes. Por ser uma atividade que se processa dentro de certos limites temporais e espaciais, uma competição é manipulada, e construída, possuindo assim todas as características de recriação do "mito". E o vitorioso é visto como o "modelo" perfeito, possibilitando ao campeão esportivo ser associado ao comportamento exemplar dos heróis míticos do passado.

OS HERÓIS ESPORTIVOS

Para Micelli (1988) o herói tem sempre uma finalidade moralista, servindo para avaliar e dirigir as capacidades e condutas dos homens. Os cristãos sempre apresentaram os seus santos como modelo de virtude, os militares fazem o mesmo com alguns comandantes e os revolucionários também com os seus líderes. Deste modo o herói aparece como responsável pela indicação dos caminhos da humanidade.

Ferreira (1985) acredita que o herói é aquele homem extraordinário por seus feitos guerreiros, seu valor ou sua magnanimidade, e por isso seus atos são perpetuados.

Em uma comunidade a figura do herói ou ídolo dificilmente terá suas conquistas ampliadas além dos domínios de atuação de seu grupo. Esses feitos, assim como os heróis personagens, são locais e dificilmente serão reconhecidos fora de suas fronteiras. Maradona, jogador de futebol, é um ídolo argentino e local, assim como Romário, futebolista que pertence à idolatria da nação brasileira. Eles são reconhecidos internacionalmente, mas sua penetração maior é local e restrita aos seus países de origem.

O herói pertence a um determinado tempo e espaço. Ele evolui à semelhança dos demais conceitos e idéias, assim como os valores sociais e culturais dentro de uma sociedade. Os cavaleiros medievais não representam mais nada neste nosso século XX enquanto os astronautas, esportistas e ídolos de televisão têm toda a idolatria das Américas.

Para Campbell (1990) o herói é aquele que participa corajosa e decentemente da vida, sendo que o seu âmbito de ação não é o transcendente, como no exemplo do mito, mas o aqui e agora, na esfera do seu tempo, é temporário. Sendo assim o herói de uma cultura é diferente de outra. Um herói do Oriente é bem diferente de um herói presente na sociedade Ocidental, pois suas características culturais são diferenciadas. O

herói tem um tempo efêmero de duração, enquanto que o tempo do mito é eterno.

O herói não chega a ser cristalizado como o mito, pois tem o fator "tempo" como limite; eles são sempre substituídos por outros campeões, os novos vencedores, que estão em evidência no momento. Estes personagens que por um momento foram mitificados pela glória da vitória, tornando-se campeões, no minuto seguinte podem ser superados, ultrapassados por outros campeões devido à superação do seu tempo, da sua marca, do recorde ou então pela derrota, e são esquecidos. Os mitos geralmente apresentam a característica de não serem esquecidos, pois estes são denominados como o elemento fundador ou então são os primeiros a executarem uma determinada tarefa. Sempre serão lembrados pois são referências. Assim os mitos adquirem a característica da imortalização.

Em alguns estudos Halbwachs (1990) mostra que a memória popular dificilmente retém acontecimentos e figuras individuais. Hoje o campeão é um atleta do vôlei, amanhã pode ser uma jogadora de basquete. Verificamos que o campeão é sempre substituído por um novo recorde, batido por outro atleta. As glórias de campeão têm um tempo efêmero, duram apenas enquanto o fato está acontecendo. E o interessante é que o espaço de campeão ou herói esta freqüentemente vago, sendo preenchido de acordo com os interesses momentâneos da sociedade.

A velocidade dos fatos e acontecimentos nessa sociedade pós-moderna e a fragilidade das lembranças levam ao esquecimento os atos heróicos do campeão. É necessário, nesta sociedade compulsiva, sempre associar um fato a outro acontecimento similar ocorrido, a momentos já vividos, fazendo assim as devidas relações do presente com as figuras lendárias do passado. Deste modo os acontecimentos e os personagens históricos do presente passam a ser arquétipos. Sendo assim, os campeões, os heróis são arquétipos e, em virtude disso, são passageiras, suas glórias.

Eliade (1992) conceitua a teoria dos arquétipos como um movimento que transforma num personagem histórico, num herói exemplar, o herói do dia, o herói do momento. Mesmo um objeto, ou uma atitude, para se tornar real e ter um sentido é necessário que imite ou repita o arquétipo. Para Eliade (1986) "Tudo aquilo que não tem modelo exemplar está desprovido de sentido", e portanto não poderá ser considerado como um arquétipo.

As idolatrias, como já vimos, estão presentes na história do homem desde os antigos gregos e fenícios até aos dias atuais. As idolatrias e sedução apenas foram se alterando nas diferentes décadas. Entre os anos trinta e cinquenta, por exemplo o arquétipo "ídolos" teve a influência do cinema. Os idolatrados foram os hollydianos: Rodolfo Valentino, Greta Garbo, (Tarzan) Johnny Weismüller assim como tantos outros. Nas décadas seguintes os ídolos foram os astros da televisão e da música que embalaram a geração Rock and Roll.

No Brasil, a partir dos anos setenta, os ídolos de novela figuram como uma marca, possuindo uma força magnética que atrai e fascina os telespectadores, havendo uma identificação e idolatria muito grande por parte do público.

Nos anos oitenta e noventa o "arquétipo" de ídolos ampliou-se para incluir também figura dos esportistas. Estes são os que mais despertam as emoções destas novas gerações. Para Helal (1990) alguns atletas mais talentosos se revestem de um prestígio, de uma aura de dimensões místicas, que os leva a serem vistos e idolatrados como grandes mitos e heróis do esporte.

Hoje nenhum pacifista ou ex-revolucionário tem os seus seguidores, eles foram substituídos por outros que melhor simbolizam a sociedade a qual pertencem. Hoje são os campeões esportivos, no caso do Brasil, o maior exemplo de idolatria popular.

O campeão, na sua melhor concepção, é aquele que se destaca em campo. O vocábulo *campeão*, segundo Ferreira (1985) refere-se ao cavaleiro que combatia em campo fechado, em honra ou defesa de uma causa. É um desportista, ou uma equipe ou clube que venceu todos os adversários em campeonatos ou em competições. Dessa maneira hierarquicamente é necessário ultrapassar limites para ser um campeão, para se tornar um herói esportivo e quem sabe provavelmente até tornar-se um mito.

O herói esportivo foi um campeão ao conquistar um título mundial, ou então uma medalha Olímpica que é o sonho de todo atleta que treinou muitos anos. Quem conquista as glórias é a nação e não o atleta. Segundo Morgas i Spà (1992) o signo da entrega da medalha se converte em uma forma importante de representação simbólica do nacionalismo em uma cerimônia Olímpica. E o atleta passa a ser uma apropriação do sistema político.

Huizinga (1990) acredita também que a vitória está sempre acompanhada de celebração, ela é uma grande pompa, onde há aplausos e ovações. O vencedor ganha estimas e honrarias de toda uma sociedade e estes êxitos obtidos passam do individual para o grupo social e cultural ao qual o atleta pertence.

Para Bracht (1989) os sucessos esportivos também fornecem prestígio nacional, testemunham que o país e talvez seu sistema político estão em ótimas condições oferecendo, assim, a possibilidade de identificação do cidadão com o coletivo. Nesse cenário encontramos o esporte como um terreno propício ao surgimento de heróis, e o percebemos também como um fenômeno de manipulação coletiva.

Segundo Verenguer (1993) o poder de sedução do esporte não passa despercebido pela política, tornando-o um instrumento ideológico em qualquer regime político. Conhecemos estas posturas de manipulação

tanto no processo de ditadura quanto na democracia brasileira. O eventual uso político através das vitórias no esporte, ocorre desde a Grécia antiga e já tivemos relatos destas evidências. Hitler foi um dos primeiros a se utilizar deste recurso em 1936 nos Jogos Olímpicos de Berlim. Nacionalmente essa manipulação política através do esporte aconteceu também em 1970, quando na Cidade do México, estava sendo disputada a Copa do Mundo de Futebol. Houve a conquista pelo Brasil do Tri-Campeonato e o país, que vivia a ditadura militar, capitalizou a vitória para esconder os aspectos mais escusos do governo do general Médici.

Vinte e quatro anos depois, vivendo o processo de democratização, tivemos as mesmas cenas depois da conquista do Tetra-Campeonato, na Copa do Mundo de Futebol, realizada nos EUA. A manipulação política através desta conquista esportiva esteve presente e os heróis nacionais receberam várias homenagens em quase todas as capitais brasileiras. Seus prêmios foram carros, dinheiro e outros méritos. O nacionalismo esteve presente na figura do herói vitorioso e pela utilização dos símbolos nacionais que entraram em evidência através dos torcedores, das bandeiras, das camisetas e bonés.

Na atualidade, todos os atletas mais destacados em um esporte têm sempre um empresário que administra a sua carreira, agendando compromissos e competições. É o marketing esportivo que trabalha com a figura do vitorioso, "associando" essa imagem a um patrocinador. O marketing traz alguns benefícios para o campeão. Através da publicidade "eterniza" sua imagem ao ser veiculado na mídia. O patrocinador investe no campeão e na competição assinando contratos milionários em troca de sua vinculação a um produto, uma marca. O campeão é apropriado como um objeto, seduzindo e fascinando o torcedor. Ao ter sua imagem associada pelas multidões, a um produto passa a ser também um objeto

descartável e quase sempre a pessoa do campeão não está preparada para ser descartada também, junto com o objeto consumido.

Os torcedores, fascinados, buscam um elo com o seu campeão, seu ídolo. Compram assim seu símbolo personificado em camisetas, bonés ou tênis. Sua idolatria maior é verificada quando da vitória da sua equipe, clube ou do seu ídolo. Neste instante, cristaliza-se o fenômeno da transferência de identidade: é a realização do homem comum através do seu ídolo, que muitas vezes provoca o esquecimento das circunstâncias sócias, políticas ou morais negativas que circundam a população do país ou a sua própria vida.

Para Vernerguer (1989) as influências externas da política, da psicologia, assim como do processo do marketing, caracterizam o esporte moderno como um fenômeno complexo que é composto por relações econômicas, sócio-políticas e culturais dos tempos atuais.

Uma outra marca importante do esporte moderno, na nossa sociedade, é justamente o afastamento da esfera do amadorismo pois quanto mais o esporte se profissionaliza mais popular ele se torna e, portanto, fica mais próximo da esfera do sagrado e do rentável! Helal (1990) confirma este movimento ambíguo através das manifestações de louvor e idolatria manifestado pelos torcedores, a profissionalização das torcidas e o comércio paralelo em torno da imagem do time, e do ídolo.

Para Morgas I Spà (1992) alguns espetáculos esportivos implicam em rituais. Os Jogos Olímpicos são diferenciados de outros grandes espetáculos esportivos porque representam um conjunto de rituais. A análise dos rituais presentes nas Olimpíadas, assim como o comportamento do público, representam uma informação muito importante para compreender as estruturas culturais presentes na nossa sociedade contemporânea.

A cerimônia inaugural dos Jogos sugere a cooperação e a amizade dos povos. O ponto central deste enfoque é dado pela tocha Olímpica pois, quando ela entra no estádio, já percorreu vários países, desde a Grécia

até a cidade-sede das Olimpíadas, tendo corredores de várias nações se revezando no transporte do "Fogo Olímpico".

Na entrada das delegações o nacionalismo está presente através dos ídolos nacionais que estão representando cada país. São a esperança da conquista da medalha olímpica, se vitoriosos, serão reconhecidos como "heróis nacionais".

O ritual da entrega das medalhas nas Olimpíadas simboliza o reconhecimento de todos, da capacidade e o esforço dos vencedores. O hino nacional, assim como a bandeira nacional de um país, identificam o vitorioso com a sua nação, criando assim o "clima" de idolatria, fazendo uma reverência aos valores culturais básicos de uma sociedade e deixando de lado o ideal Olímpico: "... o mais importante é participar".

Os rituais Olímpicos são resultados de uma história Olímpica. Desde os Primeiros Jogos alguns rituais foram criados e depois se modificando, se adequando, tornando-se atualmente espetáculos inovados e ganhando uma importância cultural. Mas há rituais que não podem ser modificados, pois são uma tradição, os seus valores são permanentes e se repetem. Esta é a função dos rituais e são estes rituais tradicionais que trazem o suporte mítico para as Olimpíadas.

Os rituais tradicionais dos Jogos Olímpicos são símbolos que se identificam com a religião e a mitologia, e estão presentes na própria história da mitologia grega. Morgas I Spà (1992) acredita que as cerimônias de abertura das Olimpíadas têm uma certa autonomia, mas algumas normas Olímpicas devem ser seguidas pelo Comitê Olímpico Organizador da cidade sede, tais como:

a) A ordem de entrada no estádio Olímpico, em que os países desfilam por ordem alfabética. Os representantes gregos porém, abrem o desfile e os representantes do país sede o fecham.

b) O protocolo exige os discursos do Presidente do C.O.I (Comitê Olímpico Internacional) e do Comitê Olímpico Organizador, assim como o do Prefeito da cidade que sedia a Olimpíada.

O ritual nas Olimpíadas começa com a entrada dos símbolos dos Jogos: A bandeira; o Hino Olímpico, e a tocha Olímpica percorrendo todo o Estádio. Acesa esta ficará em evidência num ponto central do Estádio e deverá ficar assim até o encerramento dos Jogos, quando retornará à Grécia e será depositada no Campo Sagrado. A chama Olímpica significa proteção e energia para os atletas, durante as competições. Finalizando, o Juramento dos atletas participantes é um dos pontos mais importantes da cerimônia.

Estes rituais presentes na Abertura dos Jogos Olímpicos foram consolidados em etapas sucessivas; assim em 1908, em Londres, houve o primeiro desfile dos atletas para as autoridades. Em 1914, a bandeira Olímpica foi idealizada por Coubertin, toda branca com cinco anéis entrelassados, que representam os cinco continentes unidos pelo ideal do esporte. As cores de cada aro são: preto, azul, vermelho, verde e amarelo. Foi hasteada pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de 1920. (Capinussú, 1992). No mesmo ano, na Bélgica, o juramento dos atletas. Na Olimpíada de 1928, em Amsterdã, a cerimônia da tocha Olímpica. A Olimpíada de 1932, em Los Angeles, foi um marco pois muitos atores e cantores entoaram o Hino Olímpico. A marca da Olimpíada de 1936 foi o revezamento da "chama Olímpica", que percorreu várias cidades desde Atenas até Berlim. Assim como estes, também outros momentos confirmam e acrescentam importância a estes rituais.

Segundo Verenguer (1993) a sociedade precisa de mitos e ídolos no esporte e a cada quatro anos são eleitos os seus heróis do Olimpo. O aparecimento de vários mitos na natação, foi proporcionado pelos Jogos Olímpicos. Johnny Weismüller nadador norte-americano foi vencedor de

cinquenta e dois campeonatos nacionais, cinco títulos Olímpicos e sete recordes mundiais, é o mais lembrado e talvez o mais importante pois através da sua atuação como ator nos filmes divulgou a natação. Em 1931 ele estreou seu primeiro filme: "Tarzan e o homem gorila". Outro mito que saiu da piscina para o cinema foi Esther Willians; campeã norte-americana de vários campeonatos, em 1942 ela rodou seu mais famoso filme: "Escola de sereias". Mark Spitz, nadador norte-americano deixou sua marca como o ganhador de sete medalhas de ouro numa única Olimpíada, assim como Kristin Otto a primeira mulher alemã a ganhar seis medalhas de ouro, o maior número numa mesma competição olímpica.

Os cartazes das Olimpíadas sintetizam o momento de cada época. Transmitem uma mensagem desportiva, política e artística aos contemporâneos e à história.

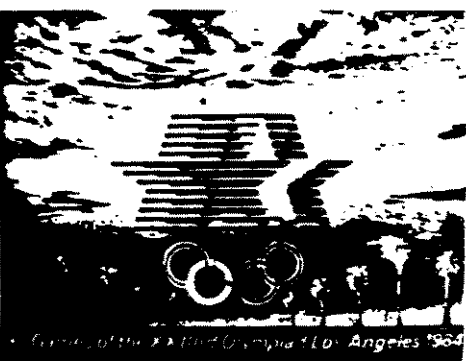


Jogos Olímpicos de Athenas
1896

A força da Alemanha e a supremacia de um modelo de raça - a ariana - parecem ser os recados do III Reich.



Jogos Olímpicos de Berlim
1936



Jogos Olímpicos de Los Angeles
1984

A estrela da bandeira americana brilha acima de todos, inclusive dos elos que representam os cinco continentes.

Os Jogos Olímpicos Antigos

*"... tal como a água é o primeiro dos elementos,
como o ouro é a mais preciosa de todas as riquezas e
como os raios de sol são a mais ardente fonte de calor
não há combate mais nobre de contar do que o dos Jogos Olímpicos".*

Píndaro (518-438 a.C.)

Quando a pira Olímpica é acesa durante a abertura dos Jogos Olímpicos de Verão dos tempos modernos, mais uma vez uma cerimônia que remonta à Antigüidade é revivida, como no gesto de se dar as mãos aos deuses da era dourada da civilização .

Acender a chama Olímpica é sentir o que os gregos queriam fazer: celebrar um tributo aos seus deuses, seres mitológicos responsáveis pelo dia e noite, sol e chuva, alegria e dor, que viviam numa imponente montanha só acessível à imaginação.

Na antiga Grécia lendas e realidades se confundem e ninguém, até hoje, conseguiu precisar a data dos Primeiros Jogos Olímpicos. Existem alguns relatos porém, sem serem registros oficiais (Pereira, 1988).

Uma precisão maior dos dados sobre o aparecimento dos Jogos começa em 776 a.C., data em que os gregos escreveram os nomes de seus campeões olímpicos em registros que se tornariam oficiais.

Huizinga (1990) aponta que uma das características mais importantes dos Jogos Olímpicos é justamente esta separação espacial e temporal em relação à vida quotidiana. É nesse ambiente isolado do espaço-tempo que se caracteriza como que um movimento sagrado.

Os antigos Jogos Olímpicos eram realizados em Olímpia, que não era uma cidade, nem uma aldeia, nem sequer um lugar habitado, era somente um local específico para a realização dos jogos festivos em homenagem aos deuses, que estavam (supunha-se) em um santuário implantado em Élida, em cujas redondezas havia o bosque sagrado das oliveiras de Atlis.

Neste bosque sagrado estavam doze altares dedicados aos deuses mitológicos, onde os atletas faziam as suas orações, oferendas, votos e sacrifícios. Nesse grande templo de Zeus, as esculturas e altares eram referentes à cenas mitológicas envolvendo sempre os deuses em lutas, corridas, ou seja, com imagens diretamente retiradas das atividades esportivas.

Após as competições, os vitoriosos voltavam para os agradecimentos aos deuses. Havia um culto religioso onde eram realizadas algumas representações, como a do escritor Heródoto que proferiu discursos no pórtico do templo de Zeus em homenagem aos seus heróis, mas somente o vencedor poderia acender a tocha Olímpica.

Em meus estudos encontrei referências à coroa de louros e à coroa de oliveiras que eram ofertadas aos vencedores. Alguns autores acreditavam que utilizavam as duas coroas. A relação existente era a de que aos vencedores a coroa de louros era ofertada para que estes ficassem laureados pela suas conquistas ; já a coroa de oliveiras era para simbolizar o momento da mitificação, sendo parte do processo de endeusamento. Ela era ofertada somente no bosque sagrado, diante dos deuses mitológicos.

Helal (1990,p.35) diz que "... entre essas cerimônias esportivas havia um banquete, onde os deuses eram homenageados por terem patrocinado os jogos e os vencedores eram premiados com pequenos galhos de oliveiras, tirados do túmulo sagrado de Zeus". Todos esses rituais, presentes nos Jogos Olímpicos, pretendiam perpetuar as glórias dos atletas e enaltecer a magia do momento.

Muitos autores afirmam que os prêmios para os vitoriosos dos Jogos Olímpicos eram coroas de folhas de louros e oliveiras. Há provas, indícios porém de que esses vitoriosos tinham garantidos por lei alguns benefícios: para os grandes atletas o status da divindade e o seu culto após a morte, além, é claro, de uma estátua em tamanho natural. Há ainda algumas referências aos atletas que eram aclamados enquanto percorriam toda a arena depois de derrotarem seus adversários.

Huizinga (1990) acredita que os frutos mais importantes decorrentes da vitória deviam ser: "a honra, a estima e o prestígio". Benefícios estes concedidos ao vencedor pelo grupo a quem representava.

Os campeões eram sempre destacados socialmente em lugares de honra nos eventos públicos e os poetas cantavam os feitos dos mais célebres atletas. É conhecida a "Ode de Píndaro" citada na introdução deste capítulo. (Pereira, 1988).

O cerimonial dos Jogos Olímpicos consistia em um desfile após o qual havia a realização de sacrifícios em louvor aos deuses, e um autêntico ritual de iniciação religiosa antes de competir. Somente depois do juramento os atletas se defrontavam, segundo uma ordem pré-sorteada.

Os atletas competiam em três modalidades ao mesmo tempo: a prática esportiva, a sensibilidade e a beleza. Naquela época não havia a separação, como acontece atualmente nos Jogos modernos, entre o esporte, a religião e a arte.

A nudez, imposta pelos espartanos no ano de 732 a.C, e a utilização de óleo, assim como de cinzas para esfregarem no corpo, constituíam-se na cerimônia religiosa, que era ritualizada e renovada a cada quatro anos.

Segundo Carvalho (1986 p.43) "A nudez reproduzia o estado do homem no momento do nascimento; o óleo figurava como o líquido que envolve o feto no ventre materno e a cinza caracterizava que o nascimento se dava sobre a terra, a fonte de toda a vida".

As mulheres não podiam participar dos rituais, nem tão pouco das competições; somente a sacerdotisa Kamunê, a deusa da terra fecunda, é que podia estar presente.

Carvalho (1986) relata que existem poucas referências sobre a participação das mulheres nos Jogos; esse fato decorreu dos registros serem um trabalho realizado pelos homens e muitos dados serem omitidos sobre a atuação das atletas femininas.

As mulheres então organizaram seus próprios Jogos e, de fato, só deixaram de serem marginalizadas em 1928, quando participaram pela primeira vez de uma Olimpíada.

Os Jogos Olímpicos antigos tiveram uma duração espantosa: foram celebradas 293 Olimpíadas, ininterruptamente por onze séculos. Com características pan-helênicas, eram um movimento de coesão cultural e nacional do povo grego. Sua importância era tanta que as constantes guerras entre as cidades-estado eram suspensas quando haviam as competições. Uma outra característica era a de que ninguém podia penetrar no campo sagrado com armas. (Jb-Olimpíadas, 1992).

Os Jogos de Olímpia começaram a declinar pouco a pouco. Esses festivais atléticos eram restritos aos amadores, já que havia a proibição de prêmios em dinheiro e era excluído aquele que o recebesse. Mas os prêmios em ouro foram invadindo aos poucos as provas e, com o domínio do povo romano, muitos valores culturais importantes foram se perdendo, fazendo com que a decadência nos Jogos imperasse.

No ano de 393 d.C., o imperador bizantino Teodósio I decidiu abolir os Jogos porque considerou que se tratavam de uma manifestação de "paganismo" (Carvalho, 1986). Assim terminou uma das mais valiosas manifestações sócio-culturais que o povo grego nos deixou como herança, acrescentando-se ainda outros aspectos ligados às atividades esportivas, descritas a seguir.

Pilostrato deixou uma contribuição muito grande ao esporte, com a sua obra "ginástica", datada de 776 a.C. Esta é um relato acerca do treinamento esportivo, da fase de preparação física-atlética, e da organização desportiva, em que mostra a divisão de atletas por categorias . Mostra também como era todo o ritual da cerimônia de abertura e juramento de atletas.

A biomecânica, que é o estudo do movimento do homem e que contribui para melhorar a "performance" atlética, também é uma contribuição dos gregos. Muito importante modernamente, ela começou com Aristóteles (384-322 a.C.) ,que estudava o movimento através dos deslocamentos dos animais.

A medicina esportiva teve também seu início com o povo grego, mais precisamente com Hipócrates (460-377 a.C.) que estudou as causas e os efeitos do esporte, nos indivíduos.

Todos estes estudos que tiveram início com o povo grego ,atualmente, fazem parte da rotina do treinamento de atletas de qualquer esporte moderno.

Jogos Olímpicos da Era Moderna

*" Em nome de todos os concorrentes
prometo que nos apresentaremos aos Jogos
Olímpicos como concorrentes leais, respeitadores
dos regulamentos que os regem e felizes de participar
com espírito cavalheiresco para a glória do esporte e honra de nossas equipes".*

Esse foi o primeiro juramento Olímpico da era moderna, pronunciado por Victor Boin em 20 de abril de 1920 nos Jogos Olímpicos de Antuérpia.

O resgate dos ideais Olímpicos foi um movimento muito grande que antecedeu até mesmo a figura de Pierre de Coubertin, conhecido como o responsável e "pai" do movimento do Olimpismo: as Olimpíadas da era moderna.

O ano de 1785 marca algumas manifestações isoladas dos norte-americanos, em resgatar os Jogos. A Escandinávia promoveu alguns encontros datados de 1834 com este mesmo objetivo. O professor Gustav Schartan organizou uma reunião na Suécia em 1836 com este mesmo propósito. Ernest Curtins em 1852 pronunciou uma palestra em Berlim, onde também defendeu a criação dos Jogos Olímpicos.

Atenas, também com este propósito, organizou os Jogos em 1859 sob a responsabilidade de Evangelis Zappa, com o apoio do governo. Estes jogos, porém só haveriam de ser realizados em duas versões em virtude da desorganização, sendo assim abandonado o ideal Olímpico.

Segundo Carvalho (1986), Pierre de Freddy, mais tarde conhecido como Pierre de Coubertin, ou o barão Coubertin foi convidado a assistir, em 1890 aos festivais olímpicos de Wenlock, na Inglaterra. Este foi um marco

importante porque, dois anos depois (portanto em 1892) o Barão proferiu uma palestra em Sorbonne acerca do ressurgimento dos Jogos Olímpicos modernos. Sua exposição foi muito conturbada. Algumas crônicas registraram aplausos, mas muitos outros críticos estavam confusos diante da idéia tão arrojada.

Passados mais dois anos Coubertin voltou à Sorbonne e expôs novamente sua idéia fixa e finalmente convenceu nove representantes dos países europeus da possibilidade da restauração dos Jogos. Nasceu então Comitê Olímpico Internacional (C.O.I.) em 23 de junho de 1894, sediado em Lausanne, na Suíça. (Pereira,1988).

O C.O.I. teve por objetivo primordial a organização dos I Jogos Olímpicos da Era Moderna, que viriam a se consumir dois anos depois em Athenas. (Capinussú 1992).

O barão Pierre de Coubertin, aristocrata francês, abandonou sua carreira militar para seguir sua vocação de historiador e, antes de tudo a sua formação de pedagogo. Carvalho (1986) mostra um perfil de Coubertin como um indivíduo preocupado com os aspectos de renovação espiritual e física dos homens. Ele tinha como desejo buscar novas mudanças sociais em seu país e acreditava que esta renovação só poderia acontecer com o movimento do olimpismo.

O barão acreditava no esporte com uma perspectiva totalmente educativa. Ao conhecer o sistema educacional inglês, convenceu-se de que o desenvolvimento do ser humano deveria ser harmonioso, ou seja, os aspectos físicos e intelectuais deveriam se desenvolver em conjunto.

Pierre de Coubertin sempre manifestou o interesse de relacionar as Olimpíadas ao movimento cultural Olímpico, unindo assim as disputas esportivas, e as atividades culturais como: O Programa Cultural Olímpico, "Festival Olímpico de Artes e o mais recente Olimpíada Cultural. Segundo Morgas I Spà (1992) a primeira experiência aconteceu em 1908 em Londres

com o Festival Olímpico de Artes. Em 1912 em Estocolmo é celebrada a Olimpíada da Arquitetura, escultura, pintura e literatura. Desta maneira não só os atletas, mas também os artistas recebem medalhas comemorativas decorrentes dos seus êxitos artísticos.

Outro aspecto da importância da figura de Coubertain, é que este não se limitou ao movimento do olimpismo; suas obras pedagógicas procuravam demonstrar o valor do desporto no sistema educativo francês.

O grego Demetrius Bikelas foi o primeiro presidente do C.O.I., atuando de 1894 a 1896, Coubertin foi o segundo presidente do C.O.I., de 1896 a 1916, e presidiria outra vez no período de 1919 a 1925. Sua citação ficou para a história: "O mais importante nos Jogos Olímpicos não é ganhar, mas participar, tal qual a coisa mais importante na vida não é o triunfo, mas a luta. O essencial não é a conquista, mas ter lutado com dignidade".

O suíço Godefroy de Blonay presidiu o COI no período de (1916-1918). O quinto presidente foi um belga Henry de Baillet Latour atuando em 1925 a 1946. O sueco J. Sigrid Edstron em 1946 a 1952. O norte americano Avery Brundage no período de 1952 a 1972 e o irlandês lorde Killanin atuou em 1972 a 1980. O atual presidente é o espanhol Juan Antônio Samaranch, que preside o comitê desde 1980.

Capinussú (1992, p.61) aponta quais são as finalidades do C.O.I.: "Ativar a organização e o desenvolvimento do desporto e das competições desportivas; orientar e dirigir o desporto em direção ao ideal Olímpico, estimulando e robustecendo a amizade entre os esportistas de todos os países; zelar pela celebração regular dos Jogos Olímpicos; fazer com que os Jogos Olímpicos sejam cada vez mais dignos de sua gloriosa história e do nobre ideal no qual o barão Coubertin e seus colaboradores se inspiravam para restaurá-los".

Alguns pontos interessantes diferenciam as Olimpíadas antigas das modernas: uma delas é a ausência total de modalidades de equipes nos

Jogos Antigos. Acredito que, para o povo grego, o mais importante era o aspecto da individualidade pois aparentemente, a glória não poderia se dividir. Hoje os Jogos têm uma programação que inclui os esportes individuais e coletivos.

Deve-se notar também um outro ponto importante que parece existir no esporte moderno que é o objetivo de querer quebrar novos recordes, a busca de superação do fator tempo. Na Antigüidade não havia este interesse, importava somente a vitória e não os três centésimos a menos conseguidos em relação ao tempo do vencedor do ano anterior.

A figura do patrocinador, é outra característica tornando assim o esporte profissional e muito rentável. Cada edição dos Jogos Olímpicos acontece em uma grande cidade de um diferente país, antigamente os jogos eram realizados somente na Grécia.

Uma outra característica diferencial é que somente nesse século as Olimpíadas foram suspensas por duas vezes devido as duas Grandes Guerras Mundiais. Muitos dos Jogos Olímpicos foram marcados por influências políticas e acontecimentos desagradáveis. Nos Jogos antigos não houve interrupção, tampouco o caráter político que encontramos neste século.

Desde as primeiras edições as Olimpíadas modernas não estiveram alheias aos efeitos da política (Pereira, 1988). A ex-União Soviética só pode participar de uma Olimpíada após ser reconhecida a sua ajuda na derrota do nazismo, em 1945.

Os Jogos Olímpicos estão divididos em Jogos de Inverno e Jogos Olímpicos de Verão. O interesse maior desse trabalho está nas Olimpíadas de Verão, que são disputadas a cada quatro anos e têm características que diferem dos jogos de inverno nas modalidades, na realização, assim como na época do evento.

Os primeiros Jogos da era moderna foram realizados em 06 de abril de 1896 em Atenas, na Grécia. Nessa primeira oportunidade de encontro

olímpico somente foi permitida a participação masculina. O Barão de Coubertin era contra a atuação das mulheres nos Jogos. Este primeiro Jogos Olímpicos caracterizou-se mais por episódios curiosos do que por fatos heróicos. Um nadador norte-americano mergulhou nas geladas águas da baía de Zea, no mar Egeu, e saiu rapidamente gritando por um médico, pois havia se congelado. (Jb-Olimpíadas,1992).

Nos primeiros Jogos houve apenas uma prova de natação, a dos 100 metros nado livre, e as primeiras competições de natação foram realizadas em mares ou lagos. A piscina só foi incorporada ao cenário Olímpico tempos mais tarde, somente em 1904, na terceira edição dos Jogos Olímpicos em St. Louis. (Iguaran, 1972).

Em 1900, nas Olimpíadas de Paris, foi incluída a prova de 400 metros nado livre. Nesta competição os resultados foram considerados excelentes por uma simples razão: foram disputados no rio Sena, com a correnteza a favor, (Iguaran, 1972). Nesta mesma Olimpíada de Paris houve a competição de natação submersa, onde o atleta ganhava dois pontos para cada metro nadado e mais um ponto para cada segundo submerso na água (Jb-Olimpíadas, 1992).

As provas de 100 metros nado de costas e 200 metros nado de peito, foram incorporadas em 1904 na Olimpíada de St. Louis.

Nos Jogos de 1908 realizados em Londres, foram acrescentadas as provas de 1.500 metros e o revezamento 4X400 metros, ambas no estilo livre. Era esse o programa masculino das provas de natação nas Olimpíadas. (F.I.N.A, 1988). Ainda em 1908 na competição, de natação, o atleta inglês Henry Taylor ganhou para o Reino Unido a medalha de ouro na prova de 400 metros nado livre. Nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, Henry Taylor não pode participar dessa competição; foi acusado de profissionalismo, pois ensinava crianças e jovens a nadar (Iguaran, 1972).

A partir de 1920, nos Jogos de Antuérpia, a Federação Internacional de Natação Amadora (F.I.N.A.) reduziu para três atletas por prova, o número de inscritos representantes de cada país tornando assim mais competitivas as disputas das provas de natação.

O programa de provas de natação estipulado em 1908 foi disputado até 1952. Em 1956 introduziram a prova de 200 metros nado no estilo borboleta e o revezamento 4X100 metros nos quatro estilos tem o seu marco em 1960.(CBDA, 1988)*.

O início da participação feminina nas competições de natação nas Olimpíadas data de 1912, nos Jogos de Estocolmo, com as provas de 100 metros nado livre e o revezamento 4X100 metros nado livre. Este programa de provas seria mantido até que em 1924 nas Olimpíadas de Paris as provas de 400 metros no estilo nado livre, 100 metros nado de costas e 200 metros no estilo peito foram incorporadas. Em 1956 a prova de 100 metros nado borboleta foi anexada e, finalmente, em 1960 os revezamentos 4X100 nos quatro estilos e livre. (CND, 1973)**.

O programa de provas atual de uma competição de natação numa Olimpíada é o seguinte: nado livre nas distâncias de 50, 100, 200, 400, 800 e 1.500 metros; nos estilos peito, costas e borboleta as distâncias são de 100 e 200 metros. As provas de combinado individual, ou chamadas de medley, são disputadas nas distâncias de 200 e 400 metros, e os revezamentos nado livre nas distâncias de 4X100 e 4X200 metros. E o combinado por equipe ou revezamento quatro estilos, 4X100, em que cada atleta nada uma distância de 100 metros.

* Ver no anexo 3 o quadro nº I, sobre o início das provas masculinas nos Jogos Olímpicos.

** Idem, quadro nº II sobre o início das provas femininas nos Jogos Olímpicos.

O medley individual é uma prova onde o atleta participa nadando os quatro estilos nas distâncias de 200 metros, sendo que a cada cinquenta metros é realizado um estilo diferente. Na prova de 400 metros a cada cem metros é alterado um dos estilos. A ordem dos estilos em ambas provas deverá ser: borboleta, costas, peito e crawl.

Os revezamentos são provas onde quatro atletas participam nadando em equipe, numa mesma prova nadando seqüencialmente. Para a prova no estilo crawl (livre) as distâncias são de 4X100 e 4X 200 metros.

Os revezamentos medley, ou quatro estilos, também têm o mesmo princípio: quatro nadadores com estilos diferentes cobrem a distância de 100 metros, cada qual nadando no seu momento. Há a necessidade de cada nadador esperar o seu companheiro, de equipe cobrir a metragem para, depois, continuar a seqüência dos outros nados, que devem ser: costas, peito, borboleta e crawl.

Nas provas de natação dos Jogos Olímpicos modernos a F.I.N.A. (Federação Internacional de Natação Amadora) é a responsável pela parte técnica da competição; é ela quem estabelece a necessidade de mais de cem pessoas entre árbitros, juizes e auxiliares para atuarem na realização das provas de natação dos Jogos.

As Olimpíadas de Verão cresceram muito desde 1896, quando cerca de 285 atletas masculinos representando 13 nações participaram dessa primeira competição. Nos tempos atuais aproximadamente 15 mil atletas incluindo, cerca de 5 mil mulheres, participam dos Jogos representando mais de 100 nações. (CND, 1973)

Cabe lembrar que as Para-Olimpíadas, são disputas esportivas que acontecem uma semana após o evento das Olimpíadas e que trazem em cena outros campeões e ídolos. As instalações dos Jogos e as modalidades esportivas são adaptadas para pessoas portadoras de deficiência quer sensoriais, físicas ou mentais. O número de países participantes das Para-

Olimpíadas é bem menor, mas as equipes nacionais representantes do Brasil ganharam mais medalhas do que as equipes Olímpicas em toda a história dos Jogos Modernos.

Os Jogos Olímpicos são o acontecimento de maior importância no mundo não só a nível de cultura física, mas também em relação aos recordes batidos, performance competitiva e grandes índices de desempenho de cada atleta.

O número de países participantes, de esportistas, assim como o número de provas são marcas importantes. Hoje é um evento que proporciona, como já foi citado, grandes lucros ao país sede através da exploração turística e do marketing esportivo.

A participação da indústria cultural, através dos meios de comunicação como a televisão, por exemplo, faz com que os Jogos possam ser acompanhados, via satélite por quase todo o mundo. O mundo esportivo se une então, através das imagens geradas das disputas dos Jogos Olímpicos.

Na edição de 04 de abril de 1976 o "The New York Times" estampou: "Os Jogos Olímpicos são principalmente um espetáculo para entreter os espectadores da televisão. Uma das opções de lazer é assistir a uma transmissão de um evento esportivo".

Os penúltimos Jogos Olímpicos do século serão realizados em Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996. A escolha desta cidade-sede aconteceu numa reunião final, realizada em Tóquio no dia 18 de setembro de 1990, e causou imensa polêmica entre as outras cidades que pretendiam sediar os Jogos: Atenas, Manchester, Melbourne e Toronto. Todas elas afirmavam que o poderio econômico da Coca-Cola, que tem a sua matriz em Atlanta, foi fundamental na hora da votação, possibilitando até um show de multimídia produzido por publicitários americanos que finalizava com uma mensagem gravada pelo então presidente dos Estados Unidos, George Bush.

O Comitê Olímpico Internacional (C.O.I.) órgão responsável pelos Jogos Olímpicos, afirmou que o critério mais importante para a escolha desta cidade foi a segurança. As cenas do massacre nas Olimpíadas de Munique no ano de 1972, ainda estão muito presentes. Outro fator também decisivo nesta escolha recaiu, acredito, sobre o fato de que a cadeia de televisão C.N.N., ter a sua sede em Atlanta, podendo assim oferecer todos os recursos da grande tecnologia para a retransmissão das imagens geradas nos Jogos Olímpicos*

Esta Olimpíada tem a sua marca pessoal, a tecnologia comunicacional e o patrocinador forte. O valor da propaganda e as altas tecnologias de comunicação são marcantes quando vinculados a um prestígio ideológico como os Jogos. Esta atitude reafirma a força do poder econômico e político dos Estados Unidos.

A Olimpíada do ano 2.000 já tem também a sua sede: será Sydney, na Austrália. A escolha daquela cidade aconteceu porque a mesma construiu sua imagem internacional ligada à ecologia, tema em evidência nos anos noventa. E essa foi a imagem vinculada e veiculada pela mídia e pelos promotores do evento esportivo. Será a Primeira Olimpíada Ecológica e, mais uma vez uma Olimpíada está subordinada aos desejos e interesses de uma sociedade capitalista.

A escolha da cidade sede das Olimpíadas acontece numa reunião sete anos antes do evento. Muitas cidades estão se preparando para sediar os Jogos Olímpicos do ano 2004. Estas passarão por um exame crítico para saber suas reais possibilidades. O Brasil e a Argentina estão pleiteando sua vaga para sediar uma Olimpíada.

* Ver no anexo 3 o quadro nº III, sobre o valor da transmissão das Olimpíadas via imagem televisiva.

Nos parágrafos seguintes passo a relatar a história das Olimpíadas. Muitos fatos serão contados sob a visão e o olhar da participação brasileira, alguns dados internacionais importantes serão enfatizados. Por esta história será possível notar algumas escolas e tendências técnicas que vão se alternando na natação. Por um momento os campeões Olímpicos de natação se encontravam na escola japonesa; após, o mundo conheceu a escola australiana.

Outro momento importante foi com a escola dos alemães, baseada na força física. Atualmente estamos vivendo a escola americana. Estas equipes representativas e campeãs nas Olimpíadas influem e interferem nas metodologias aplicadas tanto na aprendizagem como nos treinamentos da natação a nível nacional.

No último Campeonato Mundial de Natação, realizado em Roma nos primeiros dias de setembro do ano de noventa e quatro, pudemos perceber o domínio das chinesas nas provas de natação feminina; provavelmente conheceremos uma nova escola nos Jogos Olímpicos de Atlanta.

No intuito de convidar o leitor para uma visão geral e retrospectiva das Olimpíadas das quais o Brasil ficou finalista nas provas de natação, eu achei melhor contar esta história a partir dos dados levantados nas mais diversas fontes*.

** As citações e os dados sobre a história das Olimpíadas foram retirados dos seguintes documentos: Jornal do Brasil-Olimpíadas, 1992; Boletim da Confederação Nacional dos Desportos, 1973; Cenni, 1993; Iguaran, 1972; Capinussú, 1992; Griffin, 1989; Duránte, 1992; Morgas i Spà 1992; Paioli, 1985; Guevara i Bardajii, 1992. Fazemos estas indicações no presente momento para que não seja prejudicada a leitura do capítulo Jogos Olímpicos.*

A PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO

XI- Jogos Olímpicos de Berlim (1936)

Alemanha

A marca dessa Olimpíada foi o clima de ideologia nazista que imperou na competição. A prepotência de Hitler que queria dominar o mundo encontrou nos Jogos um grande canal de divulgação . O discurso pronunciado na abertura pelo "Führer" teve como eixo a força do povo alemão, a beleza da Alemanha, e não se referiu nenhuma vez ao desporto.

Em Berlim, tudo foi feito para apresentar aos olhos do mundo a Alemanha em ascensão, a grande potência da época. Hitler tinha como pressupostos que tanto a organização da competição como a preparação dos atletas e equipes tinham que ser feitos pelos melhores métodos a fim de provar ao mundo que o regime nazista era o mais adequado.

Os alemães lançaram a idéia de fazer um revezamento para levar a tocha Olímpica de Athenas até a sede dos Jogos, iniciando-se com um corredor grego que recebe a tocha devidamente acesa de uma jovem vestal cuja túnica branca lembra as sacerdotisas da antiga Hélade. Esse revezamento é feito por corredores de diversos países, por onde a tocha Olímpica passa. Essa é uma tradição que foi mantida.

Segundo as fontes consultadas participaram desta Olimpíada 4069 atletas, sendo 328 mulheres e foram disputadas 142 provas .

Os participantes brasileiros enfrentaram muitos problemas nesta Olimpíada. Um deles ocorreu com a organização da delegação brasileira. Dois órgãos, a Confederação Brasileira de Desporto (C.B.D.) e o recém criado Comitê Olímpico Brasileiro (C.O.B.) tomaram a iniciativa de convocar as equipes. Em virtude dessa falta de entendimento entre estas entidades, o Brasil contou com duas representações nesses Jogos. Cada uma delas

achava que lhe cabia o direito de representatividade; a "unificação" só ocorreu na cerimônia de abertura.

A piscina, o templo dedicado à natação, foi purificada pela primeira vez com produtos químicos (cloro) e as suas dimensões se tornaram oficiais 50X20 metros.

Os japoneses foram os ídolos nas piscinas, dominando todas as provas de natação. O Brasil foi representado pela paulista *Maria Lenk*, que participou da prova de 200 metros nado de peito com o tempo de 3m.17s.07, ficando em décimo lugar na competição. A outra representante brasileira foi a carioca *Piedade Azeredo Coutinho* que classificou-se em quinto lugar na prova de 400 metros nado livre com o tempo de 5m.35s.02, e ficou com o oitavo lugar na prova de 100 metros nado livre com o tempo de 1m.09s.06.

Depois dos momentos vivenciados em Berlim não só desportivamente, mas também de tensão política, as duas edições seguintes das Olimpíadas foram canceladas devido à Segunda Grande Guerra Mundial. Elas figuraram apenas cronologicamente na estatística do Comitê Olímpico Internacional: Helsinki (Finlândia) em 1940 e Tóquio (Japão) em 1944.

O mundo Olímpico voltou a reencontrar-se depois de doze anos.

XIV- Jogos Olímpicos de Londres (1948)

Grã- Bretanha

Superada a Guerra Mundial que abalou o mundo, e impediu a realização de duas Olimpíadas, Londres realizou a que ficou conhecida como a "*Olimpíada da boa vontade*", porque na capital inglesa a guerra havia deixado profundas cicatrizes. Londres fora o alvo de muitos bombardeios, mas algumas fontes relatam que os seus moradores buscaram forças para realizar uma festa de paz e harmonia.

Nos Jogos de Antuérpia em 1920, os países perdedores da I Guerra Mundial não foram convidados a participar. Repetindo a mesma situação, desta vez ficaram fora dos Jogos: Alemanha, Japão e Itália.

A televisão fez sua estréia, na cobertura dos jogos porém transmitindo apenas algumas informações. Cabe lembrar ainda que, pela primeira vez, uma competição foi realizada numa piscina coberta.

A delegação brasileira compareceu nas Olimpíadas com critérios mais rigorosos na escolha de seus atletas. *Piedade Coutinho*, que já havia participado dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, voltou a participar da prova de 400 metros nado livre com o tempo de 5m.29s.04, ficando com o sexto lugar no cômputo final dessa competição.

O nadador paulista *Willy Otto Jordan* foi finalista na prova de 200 metros nado peito com o tempo de 2m.46s.04, ficando em sexto lugar. Outro representante brasileiro foi *Paulo W. Fonseca e Silva*, que ficou em nono lugar na prova de 100 metros nado de costas com o tempo de 1m.01s.01.

Um fato curioso e interessante nessa Olimpíada aconteceu com a convocação e os critérios para selecionar o treinador da equipe brasileira. Havia quatro nadadores pertencentes a um mesmo clube paulista, o Pinheiros, o que dava ao professor *Sato* o direito de ser o treinador da delegação brasileira. Isto, porém, não aconteceu: no final da guerra os japoneses não eram bem vistos na Inglaterra, fazendo com que a vaga de treinador da equipe nacional fosse para um técnico carioca.

XV - Jogos Olímpicos de Helsinque (1952)

Finlândia

Com uma organização perfeita, esses foram os jogos da "amizade", como ficaram conhecidos, foi a união entre os vencedores e os vencidos da Segunda Guerra Mundial, que desta vez confrontaram-se pacificamente num ambiente esportivo.

No entanto a Guerra fria marcava presença, separando os países do Ocidente e do Oriente. Foi a primeira vez que os países comunistas participaram da competição. Eles fizeram um pedido para que ficassem numa vila Olímpica própria isolados, sem contato com os outros atletas.

Nesta Olimpíada as fontes registraram: 4925 atletas oriundos de 69 nações participando em 149 provas.

A participação brasileira foi melhor do que nas edições anteriores dos Jogos. Houve a conquista da primeira medalha Olímpica da natação brasileira ganha por um nadador paulista *Tetsuo Okamoto*, terceiro lugar na prova de 1500 metros nado livre, com o tempo de 19m.05s.06.

XVI- Jogos Olímpicos de Melbourne (1956)

Austrália

O mundo estava em conflito. Eram conflitos sócio-culturais e ideológicos. A invasão de Budapeste pelas forças militares soviéticas, a Guerra do Canal de Suez. A China continental exigiu a retirada da equipe de Formosa destes Jogos.

Esta foi a era dos nadadores australianos que triunfaram em todas as provas, conquistando oito medalhas de ouro.

O Brasil participou dessa Olimpíada, mas não classificou nenhum nadador.

XVII- Jogos Olímpicos de Roma (1960)

Itália

Como país sede, Roma se propôs a deixar estes jogos na memória de todos. Queria marcar definitivamente o retorno dos italianos às Olimpíadas que se dá em 1956 após a II Guerra Mundial.

O curioso desta Olimpíada foi que as duas Alemanhas, separadas pela Guerra, por uma questão de nacionalidade competiram sob uma única bandeira, com um único uniforme. Porém em lugar do emblema que os alemães orientais tinham no centro da sua bandeira, foram colocados os cinco anéis Olímpicos. Os hinos foram substituídos pela "*Ode à alegria*", de Beethoven.

Participando da prova de 100 metros nado livre, o brasileiro *Manuel dos Santos Jr.* obtivera uma grande atuação já nas eliminatórias com o tempo de 56s.03.

Na prova final desta categoria sua atuação foi considerada boa pelos especialistas. Liderou a final dos 100 metros nado livre até os noventa metros, mas em virtude de um forte resfriado cansou e foi ultrapassado pelo australiano John Devitt e o americano Lance Larson. Poderia ter sido o vencedor, mas ficou com a medalha de bronze e com o tempo de 55s.04.

XVIII- Jogos Olímpicos de Tóquio (1964)

Japão

Estes foram os primeiros jogos a serem organizados no continente asiático, e também contaram com a estréia dos países Africanos recém independentes. Outra marca importante foi a expulsão da África do Sul das Olimpíadas, em virtude da existência em seu país do sistema de "*apartheid*."

O momento de grande emoção aconteceu quando a chama Olímpica entrou no estádio conduzida pelo jovem Yoshinori Sakai, que nascera precisamente há dezenove anos, na data em que sua cidade natal, Hiroshima, fora atingida pela bomba atômica.

Foram os últimos Jogos em que não se fez o teste de determinação de porcentagem de cromossomos "teste de feminilidade". Os testes anti-doping começam a serem efetuados, nesta competição.

Não tivemos nenhum brasileiro finalista nas provas de natação nesta Olimpíada.

XIX- Jogos Olímpicos da Cidade do México (1968)

México

O Comitê Olímpico Mexicano teve que resolver os mais diferentes problemas que se apresentaram desde a sua escolha para a promoção dos Jogos até o momento da sua realização.

O problema social dos negros nos Estados Unidos, acirrado a partir de 1964, ainda repercutia. Quando atletas negros norte-americanos subiam ao pódio com a cabeça coberta por uma boina preta e levantavam um dos braços com o punho cerrado num gesto de identificação com os seus irmãos americanos; eles se mantinham assim enquanto era tocado o hino nacional do seu país. Esta foi a sua forma de protesto contra a discriminação racial nos EUA.

Estes Jogos foram disputados pela primeira vez numa região latino-americana e foram postos em dúvida a eficiência e brilhantismo da realização. Todos duvidavam de que o evento pudesse ser realizado. A mídia internacional promoveu uma campanha totalmente negativa sobre o problema da altitude no desenvolvimento da jornada esportiva.

Não havia consenso diante dos fatos. Surgiram, então, os primeiros estudos acerca de aclimações fisiológicas. Preocupados os organizadores realizaram os torneios Pré-Olímpicos com as mesmas condições e na mesma época em que seriam desenvolvidos os Jogos. Os resultados contestaram as correntes negativas à Olimpíada, foi um sucesso.

As nadadoras femininas se submeteram pela primeira vez ao teste de feminilidade. Foram batidos três recordes mundiais em vinte e nove provas de natação realizadas. Os americanos venceram dez das quinze provas masculinas, e onze provas das quatorze competições femininas.

Em 19.02.1968, na cidade do Rio de Janeiro, o nadador *José Sylvio Fiolo* havia estabelecido o novo recorde do mundo na prova de 100 metros nado de peito, com o tempo de 1m,06s,04. Ele era a esperança brasileira de medalha nessa Olimpíada.

Mas nesta mesma prova nos Jogos Olímpicos, ele fez o tempo de 1m,08s,01 ficando com o quarto lugar, sendo o resultado mais expressivo da equipe brasileira de natação presente nesta competição.

XX- Jogos Olímpicos de Munique (1972)

Alemanha

O Comitê Olímpico Organizador Alemão, enviou previamente a todos os países uma representação diplomática a fim de formalizar solenemente o convite para as Olimpíadas de Munique. Era o momento de apagar a imagem do nazismo e de mostrar uma nova Alemanha.

O estádio Olímpico era totalmente futurista com um teto acrílico em forma de teia de aranha. Havia também uma rede de caminhos subterrâneos para a comunicação com as quadras externas e vestiários.

Os alemães mostraram um sistema perfeito de computadores onde em menos de um décimo de segundo após terem sido entregues os tempos,

podia se ler na tela dos computadores, os resultados finais das provas, os nomes dos vencedores e as respectivas classificações finais.

Estes Jogos reuniram representações de 122 países, num total de 10.175 atletas. Nesta ocasião é que *Mark Spitz*, foi o detentor da maior série de vitórias pessoais numa Olimpíada. Para conseguir sete medalhas Spitz teve que nadar treze vezes e bateu também sete recordes Olímpicos. Nos Jogos anteriores, disputados na cidade do México, o nadador já obtivera duas medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze.

A australiana *Shane Gould* bateu todos os recordes mundiais em todas as distâncias do nado livre. Nestes Jogos ganhou três medalhas de ouro, mas abandonou o esporte aos dezesseis anos com problemas no ombro direito.

Os Jogos também foram marcados por um massacre. Na vila Olímpica um comando com oito guerrilheiros da Organização Terrorista Palestina "Setembro Negro" invadiu o prédio da delegação israelense, matou dois atletas e fez onze reféns. Suas exigências eram a libertação de 200 prisioneiros árabes em Israel. O final desse confronto teve como saldo a morte de nove atletas, cinco guerrilheiros e um policial. Após um dia de interrupção para a realização das cerimônias em memória dos atletas mortos os Jogos continuaram...

José Sylvio Fiolo conquistou nesta Olimpíada a sexta colocação, na prova de 100 metros nado de peito, com o tempo de 1m.06s.24. *José Roberto Diniz Aranha*, com o tempo de 53s.47 na prova de 100 metros nado livre, classificou-se em nono lugar.

Nestes Jogos surgiu o primeiro mascote Olímpico: um cão bassêt, que recebeu o nome de "Wald".

XXI- Jogos Olímpicos de Montreal (1976)

Canadá

A questão da segurança tornou-se uma marca registrada nos Jogos a partir do incidente ocorrido na Olimpíada de Munique: o massacre dos atletas israelenses. Esses Jogos foram marcados pelo boicote esportivo oficial com fins políticos. Os países africanos entraram com uma representação contra a Nova Zelândia exigindo sua exclusão dos Jogos pois o time de rúgbi daquele país fizera uma excursão à África do Sul, que estava sob bloqueio das Nações Unidas (O.N.U) devido ao "apartheid". O Comitê Olímpico Internacional (C.O.I.) recusou-se a atender a solicitação alegando que o rúgbi não era um esporte Olímpico. Os africanos porém permaneceram irredutíveis e vinte e nove países daquele continente ficaram fora dos Jogos Olímpicos.

Em Montreal foram batidos quarenta recordes Olímpicos e Mundiais na natação e atletismo. Surgiu um novo mito no esporte aquático: *Kornélia Ender*, nadadora da Alemanha Oriental que venceu os 200 metros nado livre batendo não só o recorde Olímpico, mas também o Mundial, vinte e um minutos após ter vencido os 100 metros nado golfinho (borboleta) igualando o seu recorde olímpico e mundial.

A equipe da Alemanha Oriental conquistou onze medalhas de ouro das quatorze provas disputadas. O reinado deste país na natação duraria até a queda do muro de Berlim, com a unificação das duas Alemanhas. As medalhas conquistadas pelas nadadoras alemãs levantaram muitas discussões e suspeitas de que o segredo do sucesso destas atletas estava no uso sistemático de drogas. Cabe lembrar que a Alemanha investiu pesadamente nesse esporte aquático, trazendo para as piscinas avanços como os maiôs de lycra, até então desconhecidos, e técnicas de treinamento mais completas.

Dois momentos interessantes aconteceram nesses Jogos: *John Naber*, nadador norte-americano bateu duas vezes o recorde do mundo na prova de 100 metros nado de costas, uma vez nas semifinais e a outra na final desta mesma prova; e *Jim Montgomery*, também norte-americano, entrou para a história da natação ao nadar pela primeira vez os 100 metros nado livre em menos de 50s.

Destaques brasileiros: Rômulo Ducan Arantes Jr. foi o atleta mais jovem a participar de uma Olimpíada.

Djan Garrido Madruga classificou-se em quarto lugar nas duas provas em que participou: 400 metros nado livre com o tempo de 3m.57s.18 e 1500 metros nado livre com o tempo de 15m.19s.84.

Na cerimônia de encerramento dos Jogos a chama Olímpica, que fora transportada desde o monte Olimpo até Montreal via satélite, foi apagada e nos painéis eletrônicos do estádio apareceram mensagens enviadas por satélites de Moscou, que seria a sede dos próximos Jogos: Esperamos por todos.... "Amik" um castor, foi o mascote desta Olimpíada.

XXII- Jogos Olímpicos de Moscou (1980)

U.R.S.S.

Mais uma vez as ideologias conflitantes marcaram presença em uma Olimpíada, diante da decisão dos Estados Unidos da América do Norte de sugerir ao mundo esportivo o boicote aos Jogos, baseando-se na ação política da URSS em relação ao Afeganistão. Alguns países aderiram.

Da cerimônia de abertura, sem precedentes, os pontos mais importantes foram: uma ligação via satélite com os cosmonautas Leonid Papov e Valeri Soyus, que enviaram aos atletas participantes uma saudação cósmica, e um gigantesco balé folclórico, reunindo 1.500 dançarinos oriundos de todas as Repúblicas Soviéticas.

Um fato desagradável aconteceu com o representante brasileiro *Djan Madruga*. Em virtude de sua antecipação na credenciação para a prova, os juízes não queriam deixá-lo ir para a piscina de aquecimento. A má atuação dos dirigentes brasileiros, não interferindo em favor de Djan, criaria um clima que o tiraria da concentração, diminuindo assim, as possibilidades de conquistar uma medalha. Djan Madruga foi o quarto colocado na prova de 400 metros nado livre com o tempo de 3m,54s, 15 e obteve o quinto lugar com o tempo de 4m.26s.81 na prova de 400 metros nado medley.

"Micha", um urso, foi o mascote dos Jogos.

XXIII- Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984)

E.U.A.

A cidade californiana de Los Angeles serviu pela segunda vez na história dos Jogos de cenário para uma Olimpíada. A primeira vez foi em 1932, nos X Jogos. O problema político voltou a prevalecer, cabendo desta vez aos soviéticos a contestação de um acontecimento político através do boicote esportivo. Foi criada uma cruzada anti-americana que atingiu cerca de 140 países que não compareceram aos Jogos . Mas, mesmo assim, foram batidos 12 recordes mundiais na natação.

Os dirigentes Olímpicos seguiram a tendência da economia mundial na organização e modernização dos Jogos, buscando através da mercantilização dos mesmos os recursos financeiros necessários à realização do evento. Fecharam vários contratos junto à iniciativa privada com firmas de materiais esportivos, fábricas de refrigerantes etc. Os norte-americanos venderam a marca Olímpica. Esta é a principal característica destes Jogos.

Michael Gross, o albatroz, foi o mito desta Olimpíada . Venceu os 200 metros livres com quase quatro metros de diferença em relação ao segundo

colocado. Gross tornou-se o primeiro alemão ocidental a ganhar um ouro Olímpico na natação.

Nestes Jogos o brasileiro *Ricardo Prado* conquistou a medalha de prata nos 400 metros nado medley; com o tempo de 4m.18s.45, ficou com a segunda colocação da prova. A mídia noticiou, na época, que a colocação de Prado foi decorrente de sua estatura ser menor que a do canadense Alex Baumann, vencedor da prova e ganhador da medalha de ouro. Na prova de 200 metros nado de costas Prado ficou com o quarto lugar, com o tempo de 2m,03s, 05.

Em Los Angeles "Sam" foi a águia mascote dos Jogos.

XXIV- Jogos Olímpicos de Seul (1988)

Coréia

Após oito anos de boicotes (Olimpíadas de Moscou e Olimpíadas de Los Angeles) em Seul voltaram a encontrar-se as grandes potências esportivas do mundo.

No confronto direto das medalhas os soviéticos mostraram todo o seu poderio e conquistaram o maior número em relação aos americanos. Mas houve uma situação conflitante entre as Coreias.

A situação interna da Coreia do Sul, submetida a uma ditadura militar, reprimia todo tipo de manifestação e oposição e a Coreia do Norte reclamava para si a realização de metade dos eventos esportivos dos jogos e como isto não aconteceu houve o boicote acompanhado por Cuba, Nicarágua, Etiópia, Madagascar, Ilhas Seychelle e Albânia.

Um outro marco desta Olimpíada está relacionado ao relaxamento dos critérios quanto à situação profissional do esporte. Em virtude desse fato, houve a volta do esporte tênis de campo, afastado dos Jogos desde 1924, quando foi declarado profissional.

A televisão influenciou diretamente na programação dos horários dos Jogos: isto foi demonstrado pela pressão junto aos Organizadores para que as principais finais fossem disputadas nos horários mais convenientes para o grande público norte-americano, que era o público alvo das transmissões.

Destaques da natação nesta Olimpíada foram *Matt Biondi*, ouro norte-americano, e *Antony Nesty*, ouro surinamês. No feminino a americana *Janet Evans* e a alemã *Kristin Otto*.

Outro destaque, desta vez por parte da mídia foi dado ao atleta *Christopher Jacobs*, medalha de prata nos 100 metros nado livre. Ele era um ex-viciado em drogas que dois anos antes das Olimpíadas fora apoiado por um programa de recuperação.

O nadador brasileiro finalista e destaque destes Jogos foi *Rogério Romeiro* que na prova de 200 metros nado de costas, com o tempo de 2m.02s.28, obteve o oitavo lugar na classificação geral.

XXIV- Jogos Olímpicos de Barcelona (1992)

Espanha

Estes Jogos marcaram o dilema do esporte do final século XX: esporte ou espetáculo? Como espetáculo as Olimpíadas atingiram todos os objetivos; todos os truques foram possíveis e, no final das contas, não importa se a flecha atingiu o alvo ou se passou por ele. Valeu a imagem gerada via satélite, que mostrou a chama Olímpica sendo acesa por uma flecha.

Mas e o esporte? Neste não podem haver dúvidas, nem efeitos especiais. Importa muito toda a sofisticação eletrônica na cronometragem e o rigoroso controle do doping nos esportes.

Nestes Jogos participaram atletas sem hinos e sem bandeiras, sob a designação de independentes, pois eram provenientes de países que estavam em guerra ou em processo de independência. Surgiram novas

Repúblicas: Lituânia, Bósnia, Eslovênia, Croácia, Sérvia, Macedônia e Montenegro. Estas três últimas participaram unificadas pelo nome de Participantes Olímpicos Independentes (P.O.I.) e as demais sob a designação de Comunidade dos Estados Independentes (C.E.I.).

Outro ponto também marcante nestes Jogos foi a inclusão da língua catalã entre as oficiais: inglês, francês e espanhol.

A união das Alemanhas Ocidental e Oriental, com a queda do muro de Berlim não trouxe a supremacia e a superpotência que se esperava: a participação alemã não foi muito expressiva.

Houve a reintegração de países sul-africanos que, em virtude do apartheid, não hasteavam a sua bandeira nacional numa vila Olímpica desde 1960, em Roma.

Eugeni Sadovigi, nadador da Comunidade dos Estados Independentes (C.E.I.), foi o destaque da natação nesses Jogos, ganhando três medalhas de ouro.

O Brasil trouxe uma medalha de prata com *Gustavo Borges*, segundo colocado com o tempo de 49s.43 na disputada prova de 100 metros nado livre. Por um defeito no sistema eletrônico de cronometragem, *Borges* ficou sem o seu tempo marcado no computador, e só depois de conferidas as planilhas de cronometragem manual e revistos os taipes de chegada o brasileiro pode enfim, comemorar o seu feito.

O mascote dessa Olimpíada foi "Cobi", um cachorrinho.

"Fiz história na natação brasileira,..."

Piedade Coutinho

A história da natação brasileira de 1936 a 1992, período que este estudo, abrange nos mostra que nas participações em Olimpíadas foram doze os nadadores brasileiros que conseguiram chegar às finais de suas provas. A classificação de um finalista individual foi considerada até o oitavo lugar, assim como também foram excluídas as provas de revezamento. Foram consideradas somente a atuação e participação individual.

Consegui contato e realizei entrevistas com seis destes cosmonautas finalistas individuais: Maria Lenk, Tetsuo Okamoto, Manuel dos Santos Jr. Djan Garrido Madruga, Ricardo Prado e Gustavo França Borges.

Não consegui contato com os demais por diversas razões: Willy Otto Jordan mora e trabalha fora do país, no Uruguai, onde é próspero industrial. Sua história se encontra no livro de Cenni (1993), que relata a vida de Sato, treinador de Willy, assim como a sua participação nas Olimpíadas de 1948.

José Sylvio Fiolo está também fora do país, na Austrália, trabalhando. Sua história é perpetuada por Pavél, seu ex-treinador e amigo na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, onde leciona na Faculdade de Educação Física. Rogério Romeiro treinava e estudava nos Estados Unidos na época da realização das entrevistas, e não pode ser contatado.

Paulo W. Fonseca e José R. Diniz não foram encontrados, pois não dispunha de nenhuma informação acerca de suas vidas.

Com Piedade Coutinho entrei em contato por telefone. Muito relutante em um primeiro momento, ela não quis falar sobre a sua vida. Por insistência consegui uma entrevista com ela. No dia e hora marcados, recebi por telefone um recado de Piedade; seu conteúdo aparece no início deste e no capítulo VI deste trabalho.

Entrevistei ainda, um sétimo nadador que participou das Olimpíadas de Montreal em 1976, e Moscou em 1980: Rômulo Arantes Jr. Este apesar de não ter sido um finalista individual Olímpico, foi finalista em prova de revezamento. Sua atuação como ator de televisão lhe garante ser sempre considerado um campeão de natação e impede que seja esquecido pelo grande público. Ele é mais lembrado do que a maioria dos outros nadadores.

Histórias da natação, as saga dos campeões, serão contadas. São histórias de prazer, desilusão ... Vamos a elas !

MARIA EMMA HULDA LENK ZIGLER

Nas piscinas do Flamengo, no Rio de Janeiro encontro nadando, aquela que representa a história da natação brasileira em mais um treino diário de sua vida.

Mais conhecida como Maria Lenk, nasceu a 15. 01.1915 em Santana, bairro de São Paulo, filha de Rosa e Paul Lenk.

Com a idade de dez para doze anos de idade Maria Lenk era uma criança debilitada pelas muitas doenças infantis da época. Seu pai, como bom ginasta e conhecedor dos esportes, levou-a para a ginástica, no que foi logo contestado por ela : *"Eu não aceitei ir para a ginástica. Ele me transferiu, então, para a natação, que eu adorei. Não foi uma imposição, foi realmente um amor à primeira vista"*.

Sua primeira vivência aquática foi no rio Tietê, onde aprendeu a nadar. Naquela ocasião o rio não era ainda poluído, e em sua fala ela deixa transparecer saudade: *" Eu me lembro muito bem da primeira vez que eu nadei e dei algumas braçadas no estilo clássico, ainda amarrada em uma espécie de anzol. O professor foi soltando o anzol e eu fui ficando sem nenhuma ajuda"*.

Não demorou muito para que esta descendente de alemães entrasse para o grupo que treinava natação e se preparava para a famosa travessia de São Paulo a nado. Hoje essa prova não existe mais, mas era um marco tão importante no calendário esportivo da época quanto a corrida de São Silvestre, disputada na passagem do ano.

"Um grande jornalista da época, Joel Neli, era o incentivador dessa travessia, onde os competidores iam remando rio acima até um determinado ponto onde havia uma ponte . Ali se pulava, então, da ponte no rio, e amarrava-se na cintura cordões presos no barquinho e vinha nadando rio abaixo. Eu me lembro muito bem desses detalhes que são

românticos, mas que despertaram em mim o amor pela natação". Nessa fala, Maria Lenk fica emocionada e seus olhos ficam cheios de lágrimas, despertadas pela emoção da lembrança.

Nos anos trinta a Associação Atlética São Paulo construiu a sua primeira piscina olímpica com as medidas oficiais da época de 25 metros e contratou um grande nadador de distâncias longas, Carlos de Campos Sobrinho, para ser o treinador. Foi o início da natação paulista.

Maria Lenk foi para o Clube Tietê quando da inauguração da primeira piscina Olímpica de 50 metros. Para lá transferiu-se também Carlos de Campos Sobrinho, que treinava um grande nadador desse período: Carlos Weigand. Ela diz : *"Eu preciso acentuar bem que naquela época era mal visto a gente se mudar de clube, porque poderia parecer que eu levaria alguma vantagem, e a palavra mais deprimente e desclassificatória era ser profissional"*.

Ela contou-nos que um relógio que ela ganhara de presente numa época teve que ser devolvido, porque seria um objeto de valor e a tornaria profissional.

A sua primeira competição ainda   lembrada: *"Foi no rio Tietê, entre duas b ias; a gente chamava aquilo de cordão porque eram tábuas em cima de latões de querosene (gasolina) distanciadas uma das outras mais ou menos vinte e cinco metros, e nadava-se como se fossem raias"*

Os seus pais sendo alemães, tinham uma visão ampla em relação ao esporte e incentivaram-na   prática da natação, o que não era comum na época. Em seu depoimento ela deixa transparecer essa relação: *"Muitas das minhas amigas eram proibidas pelos pais por um lado, e quando arranjavam namorados, estes as condicionavam a deixar a natação, porque do contrário elas não conseguiriam ir adiante e se casar. Então esse preconceito realmente reinava. Eu freqüentava na época um colégio de*

freiras alemãs que não apreciavam minha atividade esportiva, e eu senti restrição".

Restrição maior ela sentiria quando, depois de terminado o seu curso de Educação Física, foi lecionar no interior. Os professores ingressantes começavam sempre no interior para progressivamente, irem conquistando os lugares mais próximos à Capital . Assim ela foi para Amparo, interior de São Paulo, próximo à cidade de Campinas.

O colégio era muito católico e, pela primeira vez, ministravam aulas de Educação Física num colégio secundário. No Colégio Secundário de Amparo Maria Lenk fazia com que as meninas vestissem um calção de bombacha que cobria até abaixo do joelho, mas mesmo assim o padre classificou-a de pecadora e determinou que ninguém na cidade deveria abrigá-la em casa, causando-lhe dificuldades para arrumar moradia. Mas mesmo assim ela conseguiu formar uma pequena equipe de natação e Amparo tornou-se a Primeira Campeã de Natação dos Jogos Abertos do Interior, em 1937.

Ainda nos anos trinta, o presidente Getúlio Vargas e o ministro da Educação Gustavo Capanema, quiseram criar uma Escola de Educação Física dentro de uma Universidade, uma inovação muito grande. Foi fundada a Escola Nacional de Educação Física dentro da Universidade do Brasil e convidaram Maria Lenk para que fosse ao Rio ensinar. Fala com orgulho: "*Desde aquela época fui professora decana e por conseguinte a pioneira da Educação Física Feminina no Rio de Janeiro em 1939*".

O ídolo de Maria Lenk era o ídolo da sua época: Carlos Weigand e ela fala com a voz cheia de saudade: "*A natação era o segundo esporte mais importante depois do futebol, despertava interesse público em virtude das travessias. Então os Diários Associados fizeram uma espécie de eleição, junto ao grande público, para saber qual era a pessoa desportista que se destacava mais foi vencedor um jogador de futebol e por outro lado, na*

natação Maria Lenk . Naquela época Carlos Weigand já tinha se retirado das piscinas".

Ela fala do seu espírito esportivo: *"Ele existe em todos, em uns mais que nos outros. Veja: quando criança eu andava na rua e queria sempre ultrapassar aquele que estava na minha frente, e dentro da água, passava da brincadeira à competição".* Automaticamente ela transferiu a brincadeira.

Lenk nadava em uma época em que não havia dinheiro para a compra de medalha; as vezes ganhava uma medalha e, só a recebia meses depois, o que a tornava sem significado porque o momento já havia passado.

Lenk nos conta que em 1934, portanto dois anos antes das Olimpíadas de Berlim, a Liga de Esportes da Marinha, era a grande incentivadora da natação no Brasil. Ela foi a responsável junto com alguns treinadores como Manuel da Rocha Vilar, pela vinda do técnico japonês Sato para ministrar treinamentos aqui no Brasil. Ela lembra que nas Olimpíadas de Berlim teve contato estreito com os campeões japoneses que, na época, eram os melhores do mundo. Participou de cursos de especialização na Alemanha e foi se tornando uma autodidata.

Sobre seus recordes diz: *" Os meus recordes mundiais eu mesma conquistei sendo a minha técnica; eu tive muita influência do método japonês".*

A maior contribuição de Maria Lenk para a história da natação brasileira foi a de ter sido a inovadora do nado de peito e a primeira sul americana a nadar borboleta nos Jogos Olímpicos.

Participou da Olimpíada de 1936 e preparou-se para a de 1940. Estava muito bem preparada, pois havia batido os recordes do mundo em 1939 na prova de 400 metros e 200 metros, ambos no nado de peito. Parou

de nadar por causa da guerra, desgostosa pelos Jogos Olímpicos não se realizarem nesta época.

Maria Lenk olha para a piscina e faz uma reflexão: " *Eu tinha um ritual para as minhas competições, era o de usar um maiôzinho de seda, que eu comprei nos Jogos Olímpicos de 1932. E eu o tenho até hoje. A minha relação com a água, ainda hoje, é competir; eu disputo as competições de Masters e nado entre 2 a 3 km por dia, em busca da saúde*". Atualmente ela é presidente do Clube de Masters da CONSANAT (Confederação Sul-Americana de Natação).

Ao terminar nosso encontro, finaliza com uma fala: "*Eu me sinto uma pessoa totalmente realizada, na minha carreira de professora de Educação Física, desportivamente e como mulher. Eu sou dessas poucas pessoas pronta a morrer a qualquer momento. Por quê? Missão cumprida*". Ela se despede com um sorriso nos lábios, voltando para o seu meio: a piscina.

Rio de Janeiro

03.02.93



MARIA LENK

A pioneira da natação brasileira nos anos trinta. Um mito.

TETSUO OKAMOTO

Em seu escritório, em São Paulo, "Tachinha" como é conhecido me recebe para uma entrevista. Esta é a história do peixe-voador brasileiro.

Nascido em Marília, cidade do interior paulista em 20.03.32, seus pais eram imigrantes japoneses: Sentaro e Tsuyoka Okamoto.

Sua primeira experiência aquática ocorreu aos sete anos e aconteceu para completar um tratamento médico decorrente de um problema respiratório, asma.

Com quatorze anos chegou ao período de treinamento junto com Fausto Alonso, ex-nadador que queria criar uma equipe de natação na cidade de Marília. Foi criado, para essa finalidade, o Yara Clube. O seu técnico e amigo foi Fausto Alonso, sempre presente em todos os momentos da sua vida. Tetsuo conta que convivia mais com ele do que com a família. Eram horas e dias sucessivos à beira da piscina. Sua reclamação era quanto aos olhos que ficavam cansados de tanta água clorada. Naquela época não havia óculos de natação.

Quanto aos estímulos recebidos, ele lembra: *"O maior estimulador da minha carreira esportiva foi meu pai. Eu fiquei só na dependência de praticar o esporte e estudar"*. O estímulo era tanto, que em vésperas de competição, seu pai falava: *"Você tem sangue de samurai, você é um descendente. Você tem que ganhar de qualquer jeito essa prova, nem que você morra. Você tem que ganhar"*.

"Eu fui um peixe-voador". Essa é uma história acontecida em 1950, quando estiveram no Brasil, a convite do governo brasileiro, "os peixes voadores" uma equipe de nadadores japoneses para se exhibir. Vale lembrar que os japoneses não puderam participar das Olimpíadas de 1948 em virtude da suspensão imposta pela Guerra. Eles eram, na época os melhores da natação mundial.

Esse intercâmbio viria a ajudar, e muito, a natação brasileira. Viajando pelo interior paulista esta equipe permitiu a diversos nadadores brasileiros tomar contato com os treinamentos e métodos japoneses. O professor Sato foi um dos responsáveis pelo intercâmbio, sob o comando do Major Silvio de Magalhães Padilha.

A delegação japonesa era composta dos nadadores: Furunhaski, Hashizume, Hamaguchi, Muroyama e o técnico Yusa. Pela primeira vez, depois de terminada a guerra, ouviu-se o hino nacional japonês. Esse intercâmbio com os japoneses teve uma primeira etapa realizada nas piscinas do Pacaembú em São Paulo e depois o evento percorreu o interior paulista com o intuito de divulgar a natação (Cenni, 1993).

Antes da vinda dos peixes-voadores Tetsuo nadava uma média de mil a dois mil metros por dia. Influenciado pelo novo método, sua metragem aumentou para oito a dez mil metros por dia. Nas Olimpíadas de 1952 competiu com os ex-professores. Foi o momento do confronto.

Conquistou um terceiro lugar na prova de 1500 metros nado livre, ganhando assim a medalha de bronze. Sua fala é determinada : "*Eu não era o herói, era sim um participante para se tornar um herói, entre muitos heróis que estavam ali*".

"*Eu sempre quis ser um campeão, eu tenho a mentalidade esportiva*". Enfatiza quando questionado sobre sua dedicação à natação. Afirma que "*O isolamento é necessário, você se isola de toda essa vida. Tanto é que durante a fase de treinamento eu treinava e imaginava melhorar os tempos; a tarde recordava os tempos que eu havia feito. Eu realmente vivi durante todo esse tempo exclusivamente para a natação, se os estudos prejudicavam, largava os estudos. Perdi dois anos de ginásio-científico. Hoje, com o passar do tempo, eu vejo que não foi coisa perdida, pois valeu o que eu consegui dos sonhos almejados no esporte*".

Representar o país ? . É uma satisfação, segundo Tetsuo : *"Primeiro por estar representando o seu sonho e depois o Brasil. A minha medalha de bronze repercutiu também no Japão, recém saído da Guerra, humilhado, destruído e que estava com a moral baixa e abatida. Nessa prova sobressaíram-se três japoneses: O primeiro colocado foi um nissei havaiano: Ford Konno; em segundo ficou um japonês e em terceiro lugar um nissei nascido no Brasil".*

O mais importante para Tetsuo sempre foi vencer. *"O recorde você estabelece no momento propício. Tanto é que os recordistas mundiais chegam nas Olimpíadas e não realizam os tempos marcados".*

Com a volta das Olimpíadas e com a medalha de bronze no peito, várias mudanças aconteceram na vida de Tetsuo. Mudou de Marília para São Paulo e, nesse intervalo de tempo, escreveu uma carta para a Universidade do Texas pedindo uma bolsa de estudos para continuar treinando e estudando. Foi aceito e passou sete anos nos Estados Unidos.

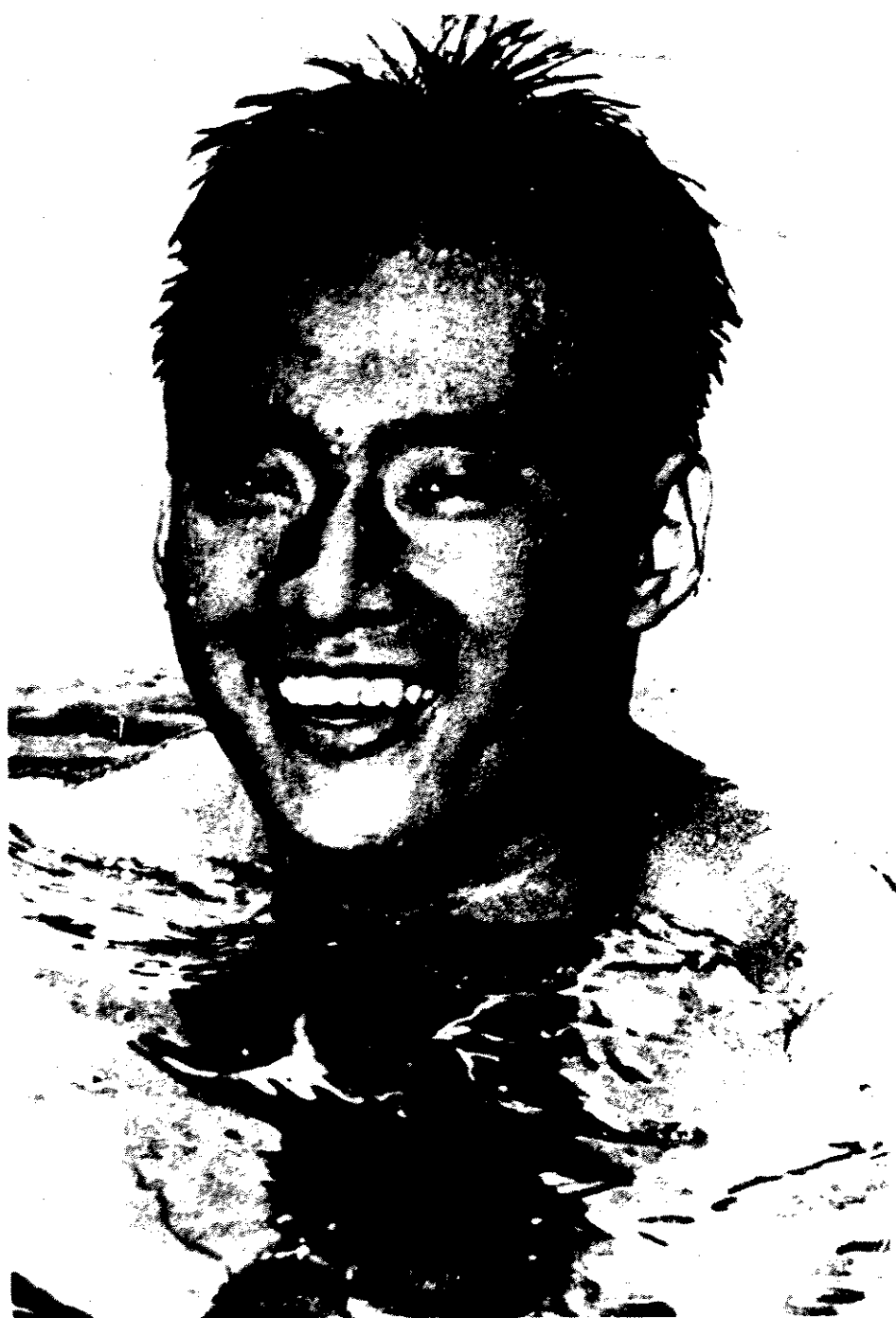
Parou de treinar nos EUA depois que terminou a bolsa, aos vinte e sete anos de idade, tendo nadado e competido pela Universidade.

Questionado sobre as saudades deste tempo, ele responde: *"Nessa época de Olimpíada e de Jogos Panamericanos, a gente acha que poderia reeditar o que foi feito nos tempos passados. No momento da subida ao pódio para receber a medalha, eu de repente senti um vazio dentro de mim, e eu perguntei a mim mesmo: E agora? Acabou tudo. Ficou um vazio na minha vida, depois que a gente se consagra, conquista um objetivo ao qual se dedicou toda a vida".*

Despeço-me entre um cliente e outro no telefone, e tenho a certeza de que o peixe-voador brasileiro, denominado assim pela mídia brasileira, por ser japonês e nadador, cumpriu com a sua missão.

São Paulo

21.07.92



TETSUO OKAMOTO

Um dos primeiros heróis que surgiu na natação na década de cinquenta.

Entro em seu mundo mágico, sua academia de natação. E encontro aquele que alimentou e muito os meus sonhos.

Nascido em Guararapes, interior paulista a 22.02.39, "Maneco" , apelido de infância, teve em seus pais Laura Pinhel dos Santos e Manuel Rodrigo dos Santos, ambos portugueses, o maior incentivo para a prática esportiva na natação. Esse fato é afirmado em sua fala: *"Os meus pais sempre me patrocinavam, nunca tive dificuldades financeiras. A maior dificuldade era a falta de óculos. Os olhos pareciam uma bola de fogo, eu ficava muito tempo em contato com a água"*.

A sua primeira experiência aquática foi associada a um problema de saúde, pois era um menino muito franzino e seus pais procuraram um colégio onde tanto a educação quanto a prática esportiva fossem uma tradição. Isto foi encontrado no Ginásio Koelle em Rio Claro, interior de São Paulo.

Em sua primeira competição ele não ganhou medalha, ficou aborrecido, mas foi para casa e no dia seguinte treinou muito mais, com mais dedicação, como forma de buscar seu objetivo.

Ser campeão ? Manuel me diz que: *"Desde cedo eu tinha isso em mente, ser um campeão, mas sempre em busca das metas que eu traçava para mim. A meta era participar dos Jogos Olímpicos. Cheguei lá. Depois a meta era ser recordista mundial, também cheguei lá"*.

Aos dezoito anos foi para a cidade de Santos, litoral paulista. Teve passagens pelos vários clubes da cidade do Rio de Janeiro.

Seus técnicos foram: em Rio Claro, Bruno Buck, da equipe do colégio Koelle; e em Santos o Adalberto e, depois, o Minoru Hirano, seu técnico e amigo que o levaria aos títulos mundial e finalista olímpico.

Tinha como ídolos Tetsuo Okamoto e Jonnhy Weissmüller, o Tarzãn.

Para Manuel o mais importante era o título, o que é enfatizado pela sua fala: "*Batendo o recorde tenho o título. Eu tenho o título de campeão mundial e olímpico*". Manuel conquistou seus títulos utilizando várias placas que continham o tempo que deveria fazer na prova de 100 metros nado livre; 54s.04. Ele fixava as placas em todos os lugares para ajudá-lo a centrar-se em sua meta.

Nas Olimpíadas de Roma em 1960 chegou a um terceiro lugar, ganhando a medalha de bronze. Em virtude de uma competição realizada em Portugal, um mês antes das Olimpíadas ele ficou gripado, nestes quinze dias que antecederam a competição, tomou antibióticos e teve que descansar, o que quebrou seu ritmo de treinamento e a concentração necessária às Olimpíadas.

Em 1960 foi considerado o melhor desportista sul americano. Mais tarde em 20 de setembro de 1961, na piscina do Clube de Regatas Guanabara sediado no Rio de Janeiro, Manuel nadou os 100 metros nado livre em 53s.06, depois de uma segunda tentativa. Na primeira tentativa de recorde, ele percebeu na virada dos vinte e cinco metros que não daria o tempo e resolveu não concluir. Na segunda tentativa estabeleceu um novo recorde mundial. Este recorde permaneceu até 1964. Foi campeão no Japão, superando os maiores velocistas do mundo que estavam em Tóquio para uma competição, e numa outra competição em Osaka.

Para Manuel existem três coisas importantes na vida de um nadador: "*treinar, treinar e treinar*".

Sempre muito calado, em vésperas de competição fazia do silêncio sua concentração, e esta era a sua marca pessoal.

Parou de nadar no ano de 1962, aos vinte e dois anos de idade, já satisfeito com as glórias e conquistas. Sempre convidado para inaugurar piscinas, resolveu ele próprio abrir uma escola de natação.

Manuel conta que tem uma missão: " *A minha missão é bonita e gostosa; vem uma pessoa aqui com medo de água e, dois ou três meses depois, a criança já é um peixinho, nada. Ela ultrapassa uma barreira. Ela viu que foi fácil depois que perdeu o medo, aprendeu a nadar, e isso é que me faz bem. Minha filosofia na minha escola é ensinar a nadar. Criar campeões é outra coisa*".

Conheço os outros membros da família, sou bem recebida. Tomamos um lanche e acredito que já faço parte dos amigos da família Santos.

São Paulo

21.07.92



MANOEL DOS SANTOS JÚNIOR

O herói da natação na década de sessenta, com o grande ídolo
Johnny Weissmüller (TARZAN)

Rômulo Arantes foi escolhido para esta entrevista porque além de nadador tem seu trabalho de ator, e goza de um prestígio muito grande junto à mídia. Embora ele não tenha sido um finalista individual, teve participação em um revezamento.

Em seu apartamento na Barra, na cidade do Rio de Janeiro, esse ídolo global me recebe, depois de muita insistência, pensando que sou mais uma tiete, fã do ator Rômulo. A nossa entrevista foi entre dois telefones tocando sem parar, através dos quais ele marcava eventos e apresentações do artista.

Resolve me atender mas diz não ter muito tempo para a entrevista. Ficamos, porém, cinco horas conversando...

Conheci seu filho, Rômulo neto, sua mãe Roma e os amigos habituais. Consegui o seu tempo!

O seu ambiente familiar era a piscina, pois o pai Rômulo Arantes era técnico de natação e a mãe também se dedicava a este esporte. Esses fatores fizeram com Rômulo se dedicasse à prática da natação. Carioca de nascimento, sempre gostou da praia e do Rio de Janeiro.

Por problemas respiratórios, com quatro anos de idade começou a nadar. Como tinha habilidade para o esporte, o aperfeiçoamento aconteceu naturalmente, aos nove anos de idade.

Seus treinadores foram : seu pai Rômulo, Arthur e o Dr. Counsilmann. Ele acredita que a relação com os treinadores deva ser de amor/ ódio, onde o treinador trabalha essas duas situações afetivas junto aos atletas.

Rômulo diz *" Com os meus treinadores eu tive as maiores brigas e os melhores momentos de companheirismo. Porque o nadador está a todo momento lidando com as suas fragilidades, limitações. É o limite entre o esforço físico e mental"*. E para ser um campeão ele argumenta que : *"O*

nadador tem que ultrapassar seus limites, impostos por ele mesmo ou pelo treinador. É duro saber que você não é o centro do universo, que existem outros mais fortes que você e que tem também aqueles que são mais fracos. O técnico sempre coloca o dedo na ferida".

A primeira medalha conquistada foi marcada por um aspecto muito curioso. Seus pais estavam organizando uma competição e confeccionaram, com tampinhas de garrafas, as medalhas para os competidores. *"Eu ajudei na confecção e queria ganhar uma de qualquer maneira. Eu acho que foi muito importante para mim".*

A primeira competição em sua vida foi marcada pelo prazer, porque foi associada a uma festa, a começar pela premiação.

Com doze anos o pai o deixou escolher se queria ou não continuar a nadar, pois já estava curado de seu problema respiratório, a asma. Mas foi a partir daí que ele realmente se dedicou, pois queria ser um campeão.

"Naquele verão eu passei a treinar mais seriamente, treinando mais forte e voltei para competir e ganhar. Ser campeão, dependendo da época, significa o máximo. Numa outra época, não significa nada mais. Importa é o que eu dava o máximo de mim. Eu fui campeão várias vezes tirando um quinto lugar. Não importa se você é ou não é alguma coisa. Importa saber para você, e isso é tudo para mim".

Os seus amigos eram os do grupo da natação, isso em função de conviver e passar muitas horas em contato com o esporte. Mas a família sempre estava presente em todas as decisões, assim como no aspecto dos recursos financeiros. *"Eu nunca ganhei dinheiro com a natação, eu nadava como amador. Meus pais me mandavam dinheiro nos Estados Unidos para eu continuar nadando".* Concluiu a graduação em Administração de Empresas pela Universidade de Indiana, EUA.

Seu herói era o Tarzã, Johnny Weissmüller: *"Ele foi o primeiro nadador do mundo a abaixar o minuto na prova de 100 metros livre."* Rômulo seguiu as mesmas braçadas do seu ídolo: o nadador que virou ator.

Foi campeão mundial universitário; terceiro colocado no Campeonato Mundial Aberto de Natação; recordista Pan-Americano nos 100 metros nado de costas e campeão na prova de masters, realizado na cidade do Rio de Janeiro em 1990. Foi finalista nas Olimpíadas, mas em provas de revezamento. *"A Olimpíada é um evento histórico, e que deve ser contado; é o evento mais forte do mundo. Não existe nada igual. É uma sensação indescritível. O mundo pára para assistir a Olimpíada"*. Ele foi o atleta mais novo convocado para uma Olimpíada, em Montreal, com 14 anos de idade.

Para Rômulo a competição é muito importante, é a luta pela vida, pelo dia a dia: *"A natação ensina a vida, com ela você aprende a lidar com os seus medos e frustrações"*. Ele acredita que o nadador está sempre lutando contra o cronômetro. *"É o tempo da vida. O cronômetro é cruel, porque ele não pára. Um nadador não depende só da sua característica, depende sim do seu carisma"*.

Ainda hoje Rômulo tem uma ligação muito forte com a água. Tem uma equipe de natação, onde é o técnico principal. Tem cinco academias de natação. *"Eu tenho uma reverência à água. É um respeito ao palco aquático muito grande. Eu sempre busco a água, é sempre o meu retorno"*

Para Rômulo, Gustavo Borges é hoje o representante da natação nacional. Ele simboliza uma determinada época. *"Eu tive a felicidade de representar uma época"*.

Rômulo deixou de nadar para assumir outro desafio em sua vida, ser ator. *"Foi a decisão mais acertada, eu parei no auge. Eu parei ganhando com 22 anos e a imagem perdurou. Muitos atletas são atropelados pelo tempo, ou seja, aparecem nadadores mais jovens e ganham desses, que*

são obrigados a parar de nadar. Será que o tempo é sempre cruel para os nadadores?

A natação foi tudo para ele, e se tivesse que fazer tudo de novo, faria do mesmo jeito: "*Não deu certo? Então por que mudar?*" Atualmente é supervisor técnico de natação do Clube Botafogo Futebol e Regatas, na capital carioca; também empresário, ator e produtor teatral.

Chegamos ao final da entrevista, me despeço.

Rio de Janeiro

05.03.93

A primeira medalha



Rômulo Arantes Junior (na foto com seu pai e técnico,

RÔMULO ARANTES JÚNIOR
O ídolo da natação nos anos setenta.

DJAN GARRIDO MADRUGA

Nascido em Santos a 07. 12 .58, ele é paulista por acaso, pois muito cedo mudou-se para o Rio de Janeiro com os pais Dirceu de Oliveira Madruga e Preciosa Garrido Madruga, aprendendo a ser carioca.

Quando criança quase se afogou numa vala da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Sua mãe, preocupada com a situação, colocou-o numa escolinha de nataação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *"Era a hora de aprender a nadar"*, diz Djan recordando suas vivências.

Com nove anos começou a treinar mais intensamente no Clube Botafogo, com treinamentos diários. Aos dez anos, já sabia o que queria: *"Ser um campeão de nataação"*.

Tinha em Fiolo, recordista mundial da época nos 100 metros nado de peito, e na seleção adulta do Botafogo, campeã brasileira por equipe, os seus ídolos.

Passou por quatro clubes no Brasil : primeiro foi o Clube Botafogo e depois defendeu as cores do Fluminense, onde conseguiu seus melhores resultados.

A sua primeira competição foi um misto de medo e prazer: *"Na competição sempre existe um pouco de receio. É o teste que você passa. E o prazer está no desafio maior que você tem que superar"*. Ganhou nessa competição três medalhas, a nataação conquistou este grande atleta.

A família o influenciou na carreira de nadador e o patrocinava, assim como também o apoiava. Somente depois de conquistar um quarto lugar na Olimpíada de Montreal em 1976, é que ganhou uma bolsa de estudos e foi para os Estados Unidos da América treinar e estudar, defendendo as cores da Universidade de Indiana no período de 1977 a 1984. Concluiu o curso de

Educação Física com ênfase em treinamento esportivo e depois completou o Mestrado em Atividades para Portadores de Deficiências.

Conquistou seis medalhas em uma única edição dos Jogos Pan-Americanos em Porto Rico em 1979. Foi recordista sul-americano nas provas de 100 metros costas, 100, 200, 400, 800 e 1500 nado livre.

Na Olimpíada de Moscou em 1980, participou da prova de 400 metros nado medley foi o quarto colocado e continua até hoje no ranking dos 25 melhores nadadores do mundo na prova de 800 metros nado livre.

Foi finalista em duas Olimpíadas: Em 1976 obteve um quarto lugar, nas provas de 400 e 1500 metros nado livre, em Montreal. Na Olimpíada de Moscou, em 1980, obteve um quarto lugar na prova de 400 metros nado livre e um quinto lugar na prova de 400 metros nado medley e conquistou uma medalha de bronze no revezamento 4X100 nado livre.

Em 1990 ganhou seis medalhas durante o Mundial de Masters, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Para Madruga o nadador deve ter o objetivo: *"Ou você vai ganhar, ou você vai melhorar o seu tempo. Você tem que fazer o melhor que puder naquele dia de competição."*

Questionado sobre dedicação e cobranças, ele responde: *"O atleta tem que renunciar sempre se quiser ser o melhor nadador do mundo. As cobranças são geralmente da mídia, e isto acaba influenciando a performance do atleta"...*

Sempre teve um relacionamento muito bom com os seus treinadores: Denir de Freitas ele considera *"Um grande amigo"*, do Dr. Counsilmann com carinho ele fala: *"Era um avô que me tratava muito bem e eu correspondia"*. Com José Tomas, do Minas Tênis Clube e Ricardo Moura do Vasco, mantém contato até hoje.

Teve um grande patrocinador na sua carreira, a figura de Antônio Carlos de Almeida Braga, o "Braguinha", ex presidente do Bradesco que o apoiou durante onze anos.

Em 1984 parou de competir internacionalmente. Após dez anos em seleção brasileira, mas continuou a disputar provas de triathlon, e depois as competições de masters.

A natação valeu em tudo. Espera que um dia seu filho siga os mesmos caminhos. *"Eu gostaria muito de dar essa oportunidade na natação para o meu filho"*.

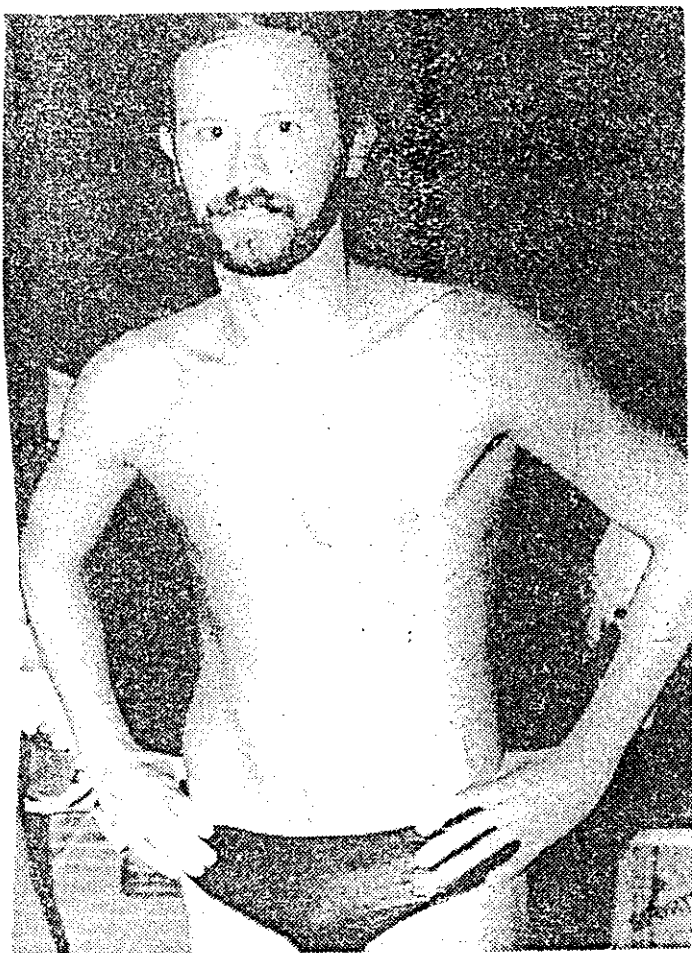
Hoje Djan Madruga tem uma agencia de promoção e publicidade especializada na organização de eventos e sua relação com os esportes é ainda muito forte. Percebe-se em seu depoimento que ele sente saudades do que viveu, há muita saudade.

Ele acredita que é difícil ser um nadador: *"Infelizmente nem todo mundo pode ser, por exemplo, o melhor do mundo. Mas o importante é que você seja o melhor que você pode ser, ou seja, obtenha o melhor resultado dentro da sua capacidade, porque o vencedor é antes um vencedor interno, para ele mesmo. Ele deve almejar resultados que preencham o seu interior, suas aspirações e seus objetivos iniciais e não necessariamente satisfazer terceiros"..*

Terminamos o nosso encontro, vou até a sua sala de troféus e sinto uma emoção muito grande, afinal, sua vida está ali, representada. Eu o trouxe para uma competição novamente , só que desta vez foi com a sua própria memória....

Rio de Janeiro,

04.03.93



DJAN MADRUGA

A natação brasileira conheceu na década de setenta um grande herói.

RICARDO PRADO

Chego na Secretaria de Esportes da capital paulista, situada no Ibirapuera, anexo ao ginásio do Constâncio Vaz Guimarães, onde "Pradinho" é professor e treinador de natação.

Nascido em Andradina, interior de São Paulo, ele é filho de Rui Amaral do Prado e Heloísa Lartigau: "*Nadar era uma tradição em minha família*". A piscina era seu ambiente natural e o apoio da família sempre foi muito grande: "*Fui campeão mundial sem patrocínio. A minha família sempre me apoiou*".

Com quatro para cinco anos, influenciado pelos irmãos mais velhos e o pai, que era técnico de natação em Andradina, cidade de clima muito quente, entrou para a escolinha de natação. Os irmãos eram o espelho a ser seguido, os seus ídolos. Na família Prado os irmãos foram campeões e recordistas brasileiros e sul-americanos.

Aos nove anos entrou para os treinamentos, eram aulas de natação já com características mais sérias. "*O pessoal pode achar que é um pouco cedo, mas para mim era natural*".

Sua primeira competição ocorreu no intervalo das provas dos irmãos. A competição é muito importante para Ricardo, ele avalia: "*Quando caio numa piscina, fico cego. Não vejo nada mais a minha frente. Meu objetivo é vencer*". Sua fala é muito clara e objetiva.

No início de sua carreira nadou em São Paulo, mas em 1978 foi para a cidade do Rio de Janeiro; em 1979 transferiu-se para a cidade de Mogi das Cruzes, interior de São Paulo e bateu o recorde sul-americano dos 400 metros nado medley. Em 1980 foi para os Estados Unidos (Austin) e em 1981 para Milwaukee, também nos EUA. Posteriormente bateu o recorde mundial dos 400 metros medley na cidade de Guayaquil, no Equador.

Teve vários técnicos que o marcaram: Mark Schuber, Dalteley Guimarães e outros. Para Ricardo o título é mais importante em relação à medalha ou do recorde. *"Você é sempre respeitado quando tem o título"*.

Possuía habilidade técnica em todos os estilos, era versátil em todos eles, sua fala confirma: *"Eu nadava todas as provas. Você faz tudo e aí é difícil saber o que você faz bem"*. Esta é a sua marca pessoal.

Após ganhar a sua primeira medalha, buscou sempre ganhar mais em outras competições. Mas ele acredita que , *"A vitória só ocorre com muita dedicação"*.

Participou das Olimpíadas de 1980 em Moscou e de 1984 em Los Angeles.

Tem uma mágoa muito grande pois acredita que poderia ter recebido mais ajuda do seu país, o Brasil, em relação a treinamentos e custeios de viagens internacionais.

Ser campeão, para Ricardo, *"É muito mais que bater a mão em primeiro lugar, é a atitude que você tem. É competir limpo. É saber segurar a onda de alguém que não consegue"*.

Parou de nadar com 23 anos de idade, pois acreditava que era o tempo certo: *"Eu tinha conseguido tudo o que eu queria e dentro de mim eu já estava satisfeito com todos os resultados"*. Sua última competição internacional defendendo o Brasil foi nos Jogos Pan-americanos de 1987. Oficialmente parou de nadar no ano de 1989.

É uma pessoa determinada ao falar: *" Eu fui em busca do meu sonho. Ultrapassei barreiras, limites, suportei dores e cheguei lá "*. Acredito que para esse jovem atleta valeu a dedicação de uma vida inteira à nataçãõ, quando ele argumenta : *"Sem a nataçãõ eu não seria o mesmo. A nataçãõ me deu tudo o que eu queria, mas paguei o preço"*.

Chegamos ao final do nosso encontro e vamos para a piscina, onde um grupo de futuros campeões o aguarda para dar início a mais uma

"clínica de natação". Sinto nos olhos das crianças um brilho intenso ao olhar para aquele ídolo. Percebo que também tenho os olhos brilhantes.

Chego mais perto, para um agradecimento, e me despeço. Ouço, então a sua mensagem final: *"Já falei muita coisa que eu não estou acostumado a falar. A gente se vê"*.

São Paulo

23.07.92



RICARDO PRADO

Nos anos oitenta foi ídolo e herói de muitos nadadores.

GUSTAVO FRANÇA BORGES

Às vésperas do Natal consigo uma entrevista em seu apartamento, em São Paulo, no intervalo de seu treinamento intensivo; temos o tempo, somente do horário de almoço. Ele está no Brasil por uma curta temporada.

Abre-se a porta e eis que aparece, com um sorriso muito bonito, esse herói pós-moderno que me recebe muito bem, é muito amável e atencioso.

Embora nascido em Ribeirão Preto, em 02.12.72, filho de José Jovino Borges e Diva Borges, ele tem o coração em Ituverava, interior paulista, onde seus pais residem.

Aos seis anos, *Pirulito* é o seu apelido desde os tempos de infância, por ser alto e magro, junto com amigos, aprendeu a nadar no clube da cidade de Ituverava. O treinamento mais intensivo começou com 14 anos de idade.

Sua primeira competição foi a nível escolar, em uma gincana; ele guarda ainda essa primeira medalha de terceiro lugar, que o motivou a querer outras mais: *"A vitória só se consegue através de muita dedicação, é a busca do objetivo"*.

Os seus ídolos foram: Ricardo Prado em 1985 e Matt Biondi em 1990. Nunca pensou em ser um campeão; isso fica mais claro em sua fala: *"Eu sempre pensei em evoluir e tentar sempre me superar, não pensei em ser um campeão"*.

Acredita que o nadador Fernando Scherler (Xuxa) esteja percorrendo as mesmas águas e momentos que ele passou. O Xuxa apareceu, como ele, em menos de um ano e surpreendeu a natação brasileira.

Ao falar de seus técnicos, há um certo agradecimento: *"Os meus treinadores sempre me influenciaram, cada qual em um momento que passamos juntos: Luís Carlos (Ituveravense), Zé Luís (Franca), Piscinão (São*

Carlos), Alberto Klar (Pinheiros e Seleção brasileira) e o húngaro John Urbancheck (USA)".

Em 1989 foi convidado pela Solidariedade Olímpica Internacional, organismo ligado ao COI (Comitê Olímpico Internacional), para se transferir para os EUA. Através de uma bolsa-atleta, ele receberia treinamentos mais eficientes e estudaria. Mas antes que esta bolsa de estudos oferecida pelo COI fosse liberada, os pais foram os maiores custeadores de sua carreira. Desde 1990 recebe ajuda de custos e hoje tem patrocinadores como: Banespa, Pinheiros-Sul- América, Eletropaulo e a Bovespa que patrocina a C.B.D.A. (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos), além é claro, do apoio da Dona Diva, sua mãe e José Jovino, seu pai, e de todos os familiares.

Ao participar da Olimpíada de Barcelona, em 1992, emocionado levou a bandeira nacional ao pódio para receber sua medalha: *" Para chegar a uma final olímpica você tem que controlar suas emoções, é preciso ter muita concentração"*. Ficar sempre muito concentrado é o ritual que antecede as suas competições nas provas de natação.

Em Barcelona, Gustavo Borges passou por momentos de incerteza e amargura quando da sua classificação na prova de 100 metros nado livre. De uma desclassificação, um oitavo lugar, chegou a prata após serem revistos os vídeos de chegada. Emocionado diz: *"Mas eu espero que, da próxima vez, a medalha olímpica chegue sem nenhum problema"*.

Para ele a natação é tudo: *"Eu cheguei em um ponto em que a piscina faz parte de mim, quando eu não nado parece que está faltando alguma coisa"*. Distribui, e muito bem, o seu tempo entre treinamentos, amizades e estudos.

Despeço-me, com a certeza de ter conhecido o " nadador pós-moderno"

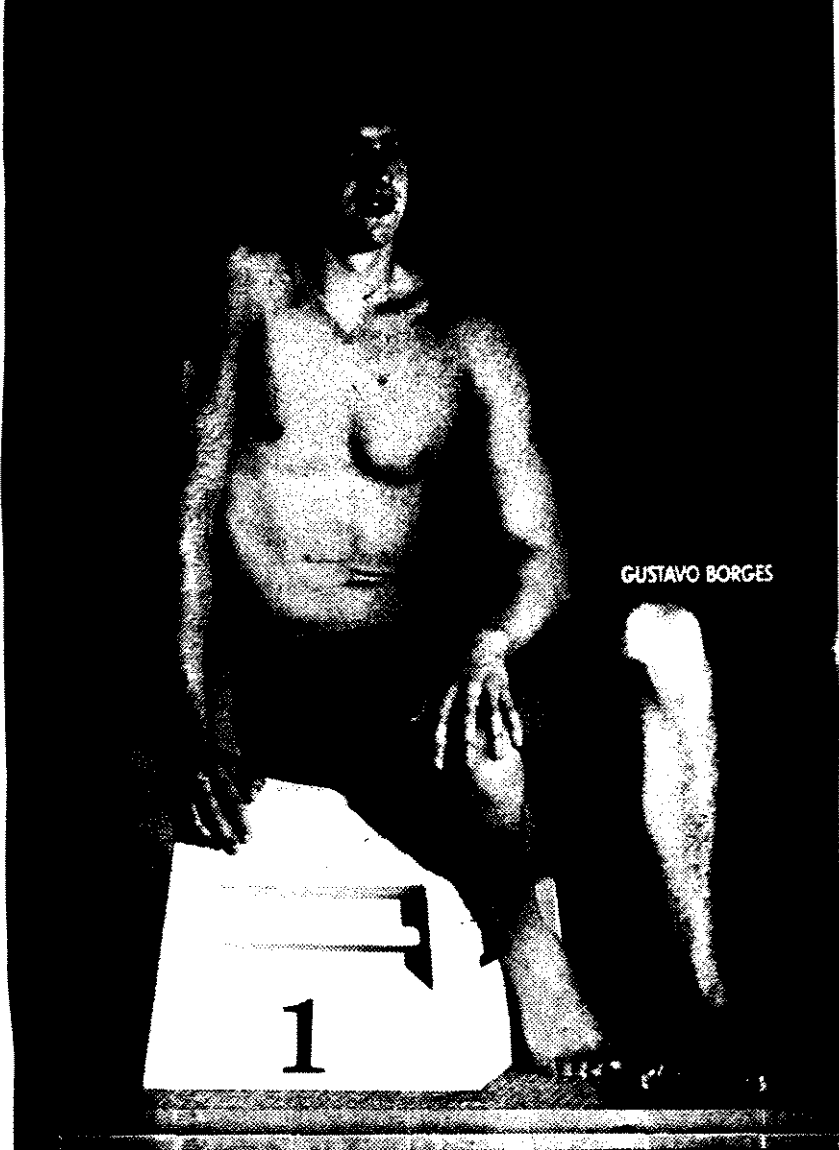
São Paulo

23.12.92.

No início do ano de 1993, no Campeonato Brasileiro de Inverno realizado pelo Clube Internacional de Regatas , na cidade litorana paulista de Santos, Gustavo bateu os recordes mundiais em piscina de 25 metros na disputada das provas de 100 metros e do revezamento 4X100 metros, ambos no estilo livre. Neste mesmo ano percorreu juntamente com Djan Madruga, algumas cidades importantes do interior brasileiro para levar um projeto, que possa despertar o interesse das crianças pela natação.

No Primeiro Campeonato Mundial de Natação em piscina curta, em Palma de Mallorca na Espanha, em setembro de 1994, Gustavo ganhou a medalha de bronze ficando em terceiro lugar na prova de 100 metros nado livre. No revezamento também ficou em terceiro lugar, garantindo assim a medalha de bronze, junto com Fernando Scherler, Téofilo Ferreira e André Teixeira. Nos Jogos Pan Americanos realizados na primeira quinzena de março de 1995 em Mar del Prata, na Argentina, Borges conquistou duas medalhas de ouro e três de prata.

Em relação a trajetória de Gustavo Borges este trabalho para por aqui. Por ser um nadador "pós-moderno" a velocidade com que bate recordes e alcança novos prêmios não pode ser totalmente atualizada por este trabalho historicamente datado.



DELTA

**SEU DINHEIRO
VAI FICAR IGUALZINHO
A ELE NUMA PISCINA:
FORTE E CAMPEÃO.**

POUPANÇA ESPECIAL

banespa

COMISSÃO DE REGULAÇÃO DE SERVIÇOS DE BANCAS

GUSTAVO BORGES

O HERÓI DOS ANOS NOVENTA NA NATAÇÃO BRASILEIRA.

A COMPETIÇÃO

As histórias de vida dos campeões de natação vêm nos mostrar vários pontos interessantes. Embora eles tenham sido campeões em épocas diferentes, alguns aspectos comuns podem ser identificados na trajetória de suas vidas.

Na tentativa de esboçar o brasileiro finalista Olímpico de natação, sistematizei as respostas obtidas dos nadadores para um estudo comparativo. Foram utilizados quadros para nos ajudar a visualizar as respostas das entrevistas. Estes quadros se encontram no final deste capítulo, são portanto um recurso auxiliar da nossa análise.

A idéia inicial da pesquisa é a de que as histórias da participação dos nadadores brasileiros nas Olimpíadas existem apenas na memória de seus participantes, pois são esquecidos pela sociedade e seus comportamentos comuns caracterizam o finalista Olímpico de natação, campeão brasileiro de diferentes épocas.

Foram identificados também aspectos ligados a situações que variam desde as primeiras braçadas do nadador, passando pelo momento de vitória até a sua realidade hoje. Um estudo comparativo das respostas aos nadadores orientou-me para as seguintes constatações:

A escolha da natação e a primeira experiência em água aos campeões deu-se em faixa etária compreendida entre quatro e sete anos; este foi o período de primeiro envolvimento com a água. O processo de aprendizagem da natação para os entrevistados teve objetivos diferentes. A finalidade terapêutica, em virtude de problemas de saúde, motivou Maria Lenk, Tetsuo Okamoto, Manuel dos Santos e Rômulo Arantes. O desejo de segurança no meio aquático levou Djan Madruga a natação. A influência da família proporcionou um clima, para Ricardo Prado, que o estimularia a

se envolver com este esporte. Gustavo Borges teve a sua primeira experiência motivada pela aprendizagem da natação pelos amigos.

O início da fase de treinamento aparece como uma evolução em todo o processo de aprendizagem. As horas doadas e a dedicação a essa etapa devem ser maiores. É necessário todo o amadurecimento, tanto do nadador quanto do treinador, para que não haja prejuízos à prática esportiva. O treinamento apareceu para os campeões Rômulo, Djan e Ricardo com oito para dez anos. Os três são pertencentes a gerações mais novas que buscaram mais cedo o treinamento para se aperfeiçoarem. Manuel iniciou esta fase aos doze anos. Gustavo e Tetsuo aos quatorze para quinze anos e Maria Lenk não se lembra, porque em sua época não havia tal divisão: o treinamento era uma seqüência natural do processo de aprendizagem.

A primeira competição, segundo os campeões é muito difícil ser esquecida. Ela é sempre o momento de se avaliar o treinamento, métodos e técnicas; é o rendimento ou não do processo de aprendizagem e por isso gera uma expectativa de resultados. O prazer de competir descrito por Tetsuo é compartilhado por Maria Lenk, Djan e Rômulo. A ansiedade e a responsabilidade foram despertados em Ricardo, Manuel e Gustavo. Segundo Djan: "*O prazer está no desafio, no gosto de competir*".

A participação da família é muito importante na vida de todos os atletas da natação entrevistados assim como o seu círculo de amizades. A família representa um marco para o nadador, pois participa diretamente dos treinamentos, sabe os tempos, marcas e recordes que ele possui. Ela acompanha as competições e parece que nada junto quando há um campeonato. Um dado comum a todos foi que a família apoiava todas as decisões tomadas: mudar de clube, cidade ou de treinador. "*Se é para ser campeão todo sacrifício vale*" (Manuel dos Santos). Ricardo e Rômulo tinham toda a família ligada à natação. A influência dos pais foi explicitada

por Maria Lenk e Manuel, assim com por Djan. A influência dos amigos que praticavam a natação levou Gustavo. Outro dado comum a todos diz respeito aos amigos: os mais citados pelos nadadores foram aqueles da beira de piscina.

De uma maneira geral nos ligamos a ídolos, quer sejam de televisão, teatro ou de música, assim como a um esportista de destaque. Os campeões entrevistados também tinham os seus  dolos. Tetsuo buscou nadar como os "Peixes voadores" em 1951; Ricardo nadou nas águas dos irmãos mais velhos. Djan se espelhava nos nadadores mais antigos do Clube Botafogo, onde treinava e na carreira de Fiolo, ídolo de natação da época. Maria Lenk inspirou-se também em um antecessor seu, Carlos Weigand, grande nadador dos anos trinta. Rômulo e Manuel sentiram essa influência nos filmes de Tarz n (Johnny Weissmüller), o nadador que virou ator de cinema: "*O campeão dos campeões*", segundo Rômulo Arantes. Gustavo tinha por ídolos as figuras de Ricardo Prado e Matt Biondi.

Todos os nadadores brasileiros que chegaram a uma final Olímpica e foram recordistas mundiais queriam ser campeões. "*A sensa o experimentada é muito boa*", diz Ricardo Prado. Gustavo não conseguiu responder, porque este não era seu objetivo e   compreensível pois ainda está passando pelo processo. Ser campeão para Tetsuo  : "*ir em busca do seu sonho, ser determinado, ultrapassar barreiras, limites, suportar dores, enfim é a dedica o de uma vida inteira em busca de uma meta, sempre nadando atrás do objetivo: Vencer e ser um campeão.*". A vida de um campeão de natação começa logo cedo, quando os primeiros raios de sol vêm lhe fazer companhia na piscina. É o primeiro treinamento com duas a três horas de exercícios técnicos, mesclados com exercícios físicos. Após essas três horas,   necessário uma paradinha, para dedicar-se aos estudos. A tarde   o retorno para a piscina, é mais um treinamento. Toda essa dedica o   pouca para ser um campeão.

Pelas respostas foi possível observar que chegar a uma final Olímpica é um coroamento, resultando em muita satisfação. É necessário muita concentração e controle das emoções. Essas respostas foram comuns a todos os nadadores, e a fala de Gustavo evidencia esse fato " *É o prazer pelos anos de treinamento e dedicação*".

Todos os nadadores-entrevistados têm um espírito muito competitivo. Para Djan a competição é: *"Para você se superar. É melhorar o seu resultado, ou vencer alguém. É o máximo, eu ainda hoje tenho essa chance de competir em provas de Masters"*. Para Rômulo: *"A competição é a luta pelo dia-a-dia, a natação ensina a vida"*. Um outro depoimento sobre a competitividade foi pronunciado por Maria Lenk: *"Quando eu era pequenina, andando na rua eu sempre queria ultrapassar alguém que estivesse na minha frente"*. Estas falas são muito evidentes.

A primeira medalha influenciou Rômulo, que após ajudar a confeccionar uma a partir de uma tampinha de refrigerante, já desejou ganh -la. Para Ricardo, Djan e Tetsuo, a primeira medalha abriu o caminho e a vontade de possuir outras mais. Todos têm ainda guardada a sua primeira medalha. S  Manuel e Maria Lenk ganharam a medalha de "Ordem del Cabaleros de la Natacion", a honraria máxima dentro da nata o brasileira.

Pelas respostas o relacionamento com os treinadores é muito importante, e marca muito a carreira do nadador. O relacionamento diário com o técnico as vezes é muito maior do que o relacionamento com os membros da própria família. São horas e horas dedicadas à piscina, viagens e treinamentos. Alguns associam o treinador a imagem de pai, como Tetsuo em relação   Fausto Alonso, ou sentem a relação amor/ódio relatada por Rômulo, em que o treinador busca trabalhar com essas duas emoções junto ao nadador. Todos os treinadores influenciaram os nadadores no período em que com eles se relacionaram, dizem Gustavo, Djan e Manuel.

A preparação física tanto quanto a técnica, são ingredientes indispensáveis de um treinamento, para que a competição seja disputada com todo sucesso. A influência do método japonês de treinamento foi verificada com Maria Lenk, através do Prof. Sato, e em Manuel que treinou no método japonês com Hirano. O método norte-americano orientou Tetsuo e as últimas gerações de nadadores brasileiros: Djan e Rômulo com o Dr. Counsilman, Ricardo com Mark Schuber, e Gustavo com John Urbancheck. Não houve preparação tática para Maria Lenk e Tetsuo.

Há a necessidade de um apoio externo para se dedicar aos treinamentos e à carreira de nadador. Todos tinham o apoio da família em todos os momentos, quer nas dificuldades financeiras ou em decisões importantes. Maria Lenk e Manuel não tiveram bolsa de estudos ou recursos financeiros que pudessem ajudá-los em suas trajetórias. Os demais nadadores obtiveram bolsas de estudo, estudaram e treinaram em outro país. A era do "Paitrocinador" era a fase em que o nadador tinha os recursos custeados pela família e tinha que ser amador; esta fase só foi verificada no início da natação brasileira. Curioso que Maria Lenk, ao ganhar um relógio, teve que devolvê-lo porque este se constituía em um objeto de valor que a tornaria uma profissional. Hoje um atleta de nível recebe um salário, tem um ou mais patrocinadores e estuda fora do país, treinando nos centros mais avançados da natação, principalmente nos EUA. Os atletas nacionais ranqueados pelo Troféu Brasil de Natação também recebem uma ajuda de custo. *"É um incentivo"*, dizem os dirigentes dos clubes.

Em relação à participação em Olimpíadas foram finalistas em uma Olimpíada: Tetsuo, Gustavo, Manuel e Maria Lenk; tiveram duas participações Ricardo e Djan.

Representar o país numa Olimpíada está associado ao sentimento de nacionalismo e de representatividade, fato comum a todos que relatam essa satisfação em suas respostas.

A relação dos atletas com a água, ainda persiste. Este envolvimento é verificado com Ricardo, Manuel e Rômulo que trabalham com aulas de natação e treinamentos na formação de novos nadadores. Continuam a nadar em competições de Masters: Maria Lenk, Djan, Gustavo, Rômulo e Tetsuo.

A competição de Masters foi criada há duas décadas com o objetivo de estimular os nadadores com mais de trinta anos a continuar competindo. Foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1990, o Mundial de Masters. Djan está envolvido com o setor de organizações esportivas, eventos de esportes, e as vezes participa de algumas competições. Tetsuo profissionalmente não está envolvido mais com a natação, mas participa de algumas competições. Ganhando medalhas ele as oferta.

Chega o momento decisivo: Continuar a nadar, ou encerrar a carreira, no auge da fama sendo esquecido por não estar mais envolvido com a natação ? Ou estar nadando e ser superado por outro nadador ? Maria Lenk parou de nadar internacionalmente em virtude da guerra, mas conseguiu tudo que almejava. Estão também satisfeitos com os resultados alcançados: Ricardo, Manuel, Rômulo, Djan e Tetsuo. Estes nadadores encerraram suas carreiras por volta de 22 anos a 25 anos de idade. Este fato ocorre por vários fatores: primeiro porque nesta faixa etária não aceitam mais os rigores da disciplina esportiva e os longos treinamentos. Buscam outro sentido em suas vidas, não querem ser mais tratados como máquinas pelos seus treinadores, pois o ritmo de treinamento os impede de levar uma vida normal. Outro fator também muito importante que está ligado ao abandono das raias, é o aspecto fisiológico decorrente de um decréscimo da capacidade respiratória o que diminui a performance atlética. Poucos conseguem vencer a barreira dos vinte e cinco anos neste esporte aquático. Um exemplo foi o que aconteceu com o maior nadador Mark Spitz, ganhador de sete medalhas na Olimpíada de 1972, em Munique. Depois

de ficar algum tempo sem competir ele tentou retornar às piscinas para disputar as eliminatórias para fazer parte da equipe norte-americana de natação que estava se preparando para as Olimpíadas de Los Angeles. Foi derrotado, não conseguiu a classificação. Sua capacidade atlética havia sofrido alterações significantes.

Foi constatado que o mais importante para um nadador, é a vitória, é chegar ao objetivo de vencer a competição. Se a vitória estiver associada a um recorde, ou a um título, melhor. O objetivo final é sempre vencer o cronômetro. Tetsuo se lembra quando estava no pódio recebendo a medalha olímpica: *"Sempre fica um vazio na vida de um esportista depois que ele se consagra ou se submete a uma prova final pelo qual se sacrificou durante todo o tempo"*. Os competidores antigos se limitavam a ser somente os primeiros. Os competidores modernos se caracterizam pelo desejo da superação, pela busca do recorde. Todos os campeões buscaram o seu momento de glória e fama com muita dedicação aos treinamentos e chegaram ao objetivo final que lhes deu muito prazer: Vencer. Para vencer uma competição, a autodisciplina é um imperativo para o nadador. A velocidade vem da propulsão do seu corpo através da utilização correta da mecânica das braçadas, e da aplicação dos sistemas de alavancas; uma boa largada, uma boa virada, ajudam na impulsão e estas variáveis fazem parte dos quilômetros de treinamentos. Todos esses fatores fazem parte do sucesso do campeão de natação.

Para todos os nadadores entrevistados o atual campeão Gustavo Borges preenche todos os requisitos de campeão assim como tem toda a capacidade de ultrapassar as dificuldades que todos passaram. Somente Ricardo e Maria Lenk acreditam que ser campeão é algo que requer posturas e características específicas, não se podendo generalizar.

Os rituais e crenças pessoais são mecanismos que, ao serem executados, trazem uma certa segurança à pessoa que busca nessa prática

o seu elo mágico. A mentalização e a concentração foram utilizados por Tetsuo, Ricardo e Gustavo. A harmonia entre a alimentação e o sono foi praticado por Djan. Usar sempre o mesmo maiô deu sorte à Maria Lenk. Rômulo não acredita em rituais.

Para todos os nadadores-entrevistados valeu a pena ser um dia campeão, assim como todos os momentos vividos. Fariam tudo da mesma maneira pois a natação proporcionou-lhes a fama e tudo o que são hoje.

A análise das respostas trouxe-me outras inquietações sobre a figura destes campeões. Eles tem um prazer enorme pela competição, o aspecto competitivo é um componente marcante da personalidade deles e minha leitura se direciona no sentido de entender a competitividade apresentada pelos entrevistados.

Mas o que estes campeões buscam ?

Chamou-me a atenção para a competitividade, pois neste estudo ela não é um aspecto voltado somente para a natação, é mais que isto. As respostas me fazem acreditar que é uma questão de postura de vida pessoal dos nadadores. Estes campeões são pessoas determinadas e que buscam sempre ultrapassar seu próprio limite. Estão sempre em conflito interno, pois ao conquistar uma vitória e chegar ao seu limite, impõem-se a um outro, e novo limite.

Acredito que o objetivo destes campeões de natação não é somente vencer o outro nadador, mas também vencer o seu limite interno. O campeão só tem um limite: A sua fronteira interna.

Uma outra consideração que acho importante salientar neste estudo está na figura de alguns nadadores considerados como revelações , promessas na natação brasileira e desistem de nadar. O que acontece com estes futuros campeões ? São pressionados pela família ? amigos ? ou será

que as exigências vão além dos limites e objetivos estabelecidos pelo nadador ?

É comum também acontecerem proibições e pressões às nadadoras nacionais alegando que os treinamentos intensivos desenvolvem demasiadamente a musculatura das garotas; este fato faz parte da cultura brasileira, Maria Lenk em seu relato diz que nos anos trinta e quarenta já havia esse agravante. Talvez sejam estes alguns dos impecilhos para que, não tenhamos na atualidade um grande número de campeões e presenças femininas de destaque na natação brasileira.

Estas evidências apontadas neste esporte aquático, são fatores sócio culturais relevantes, mas que poderão ser tratados em outros novos estudos.

QUADRO II

ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS

O INÍCIO DE UM NADADOR

	1ª. EXPERIÊNCIA EM ÁGUA	INÍCIO DO TREINAMENTO	O QUE SENTIU NA 1ª. COMPETIÇÃO	ESCOLHA PELA NATAÇÃO	INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA	ÍDOLOS
Maria Lenk	☐		☐	☐	☐	☐
Tetsuo Okamoto	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Manoel dos Santos Jr.	☐	☐	☐	☐ ☐	☐	☐ ☐
Rômulo Arantes Júnior	☐ ☐	☐	☐	☐	☐	☐
Djan Madruga	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Ricardo Prado	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Gustavo Borges	☐	☐	☐	☐	☐	☐
LEGENDAS	☐ INFLUÊNCIA FAMILIAR ☐ TERAPÊUTICO	☐ 12 A 15 ANOS ☐ 8 A 10 ANOS	☐ ANSIEDADE ☐ PRAZER	☐ OUTROS ☐ CURA	☐ HOVE INFLUÊNCIA ☐ OUTRAS	☐ DA ÉPOCA ☐ OUTROS

EXPECTATIVAS E REALIDADES DE UM CAMPEÃO

	QUERIA SER CAMPEÃO	REPRESENTAR O PAÍS	CHEGAR A UMA FINAL OLÍMPICA	ESPÍRITO COMPETITIVO	A PRIMEIRA MEDALHA	FINALISTAS EM OLIMPIADAS
Maria Lenk	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Tetsuo Okamoto	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Manoel dos Santos Jr.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Rômulo Arantes Júnior	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Djan Madruga	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Ricardo Prado	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Gustavo Borges	☐	☐	☐	☐	☐	☐
LEGENDAS	☐ SIM ☐ NÃO	☐ SATISFAÇÃO NACIONALISMO ☐ OUTROS	☐ SATISFAÇÃO E COROAMENTO	☐ SIM	☐ MUITO MARCANTE. DECISIVA PARA CONTINUAR	☐ UMA ☐ DUAS

APOIOS E RECURSOS: TREINAMENTOS E COMPETIÇÕES

	PREPARAÇÃO TÉCNICA/TÁTICA	APOIO EXTERNO RECURSOS	RELACIONAMENTO COM OS TÉCNICOS	RITUAL PARA O DIA DA COMPETIÇÃO	ABDICAR PARA SEGUIR A NATAÇÃO
Maria Lenk	☐	☐	☐	☐	
Tetsuo Okamoto	☐	☐	☐	☐ ☐	☐
Manuel dos Santos Jr.	☐	☐	☐	☐ ☐	☐
Rômulo Arantes Júnior	☐	☐	☐		☐
Djan Madruga	☐	☐ ☐	☐	☐	☐
Ricardo Prado	☐	☐	☐	☐ ☐	☐
Gustavo Borges	☐	☐ ☐	☐	☐ ☐	☐
LEGENDAS	☐ TINHA ☐ NÃO TINHA	☐ PATROCINADOR ☐ FAMÍLIA	☐ POSITIVO	☐ MENTALIZAÇÃO ☐ OUTROS	☐ DEDICAÇÃO TOTAL

AVITÓRIA ... E A VIDA CONTINUA

	SIGNIFICADO DA VITÓRIA	ÍNDICE, RECORD OU TÍTULO	QUEM É O CAMPEÃO ATUAL	RELAÇÃO COM A ÁGUA	VALEU SER CAMPEÃO?	PAROU DE COMPETIR
Maria Lenk	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Tetsuo Okamoto	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Manoel dos Santos Jr.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Rômulo Arantes Júnior	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Djan Madruga	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Ricardo Prado	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Gustavo Borges	☐	☐	☐	☐	☐	☐
LEGENDAS	☐ DEDICAÇÃO ☐ PRAZER	☐ AS 3 SÃO IMPORTANTES	☐ GUSTAVO BORGES ☐ OUTROS	☐ CONTINUA A NADAR ☐ ENSINO	☐ SIM	☐ CONSEGUIU O QUE QUERIA ☐ NÃO PAROU

NADANDO CONTRA A SOCIEDADE DO ESQUECIMENTO

"... mas estou muito decepcionada. Não tenho nada a falar. Meus troféus e medalhas, assim como jornais da época, tudo se perdeu. "

Piedade Coutinho

1993

De acordo com os caminhos indicados por este estudo as sociedades pós-modernas* não conseguem perpetuar as glórias de um herói esportivo. Enquanto o campeão de natação está em evidência no momento da sua vitória e este fato tem alguma repercussão, na sociedade há o endeusamento, a fama e a glória. Mas o instante mágico do ritual de recebimento da medalha no pódio é um momento passageiro, como já foi visto. As sociedades contemporâneas caminham em ritmo veloz e, nesta velocidade, todas as informações presentes acompanham o movimento das modernas tecnologias comunicacionais.

As informações acerca dos fatos e personagens do cotidiano veiculados pela mídia vão se alternando umas após as outras, cedendo lugar e espaço para novos acontecimentos que se colocam em evidência num tempo em que o presente é sempre renovado e que tragam alguma contribuição à sociedade.

**Lyotard (1979) define pós-moderno como sendo um processo de difusão em todas as sociedades ocidentais da tecnologia avançada, e estas alteram e transformam a sociedade. É um movimento de transição do capitalismo industrial para o capitalismo de consumo, e da produção de bens para a produção da indústria da informação. Ele acrescenta, ainda, que esta designa um mundo sem estabilidade, onde o conhecimento está em constante mudança e todas as grandes narrativas e filosofias metafísicas, assim como todo conhecimento totalizante, devem ser rejeitados.*

O jogador de futebol tetracampeão viveu seu momento de fama e glória, tendo sido exaltado pela torcida brasileira na disputa da Copa do Mundo, mas este momento já foi superado pelo atleta de vôlei que conquistou para o país o Campeonato da Liga Mundial.

No momento que estou vivendo agora, ao final desta dissertação estamos passando pela idolatria do campeão que venceu a São Silvestre, no final do ano de noventa e quatro. Porém isto é apenas este momento, amanhã poderá ser uma ginasta ou então um corredor de Fórmula 1 que estará em evidência para os fãs do esporte nacional.

A sociedade utiliza-se da imagem do campeão veiculada pela mídia, que sempre é e será aproveitada a propósito de algum momento ou necessidade específica existente dentro de suas estruturas. O campeão poderá ser lembrado através das imagens televisivas em que suas conquistas esportivas e sua conduta e valores morais, associados a um momento poderão fazer parte da memória de um povo ou de uma comunidade. O oportunismo político é um bom exemplo nas Copas do Mundo de Futebol, e nas Olimpíadas, em que o esporte é associado a um momento político.

A memória de um fato ou a lembrança do ato heróico de um personagem sempre foi perpetuada pelos componentes mais antigos de uma comunidade, que tinham através deste ato a função de servirem de transmissores dos feitos e fatos heróicos às novas gerações. Indiretamente eles estavam preservando não só um modelo de indivíduo a ser seguido mas, também de sociedade. Mas hoje a memória dos nadadores presente nesta sociedade pós-moderna, assim como de qualquer outro atleta está diretamente relacionada com os meios de comunicação e as tecnologias. Isto porque os meios de comunicação (televisão, publicidade, cinema, jornais) têm o poder de divulgar imagens, notícias, formando a memória da nossa sociedade, interferindo na "comunicação" diária e transformando

comportamentos e o modo de aprender e que estão no imaginário de um grande número de indivíduos.

Concordamos com Babin & Kouloumdjian (1989) quando dizem que neste momento estamos assistindo à ascensão de um novo modo de ser e de pensar, pois com a invasão das tecnologias foi alterada e moldada a nossa sociedade. Os autores acrescentam ainda que vivemos a geração do áudio visual, do imagético e do simbólico. Ressaltamos a importância de se notar o valor das imagens que estão presentes neste tipo de sociedade.

A mídia sempre foi importante para o universo esportivo, exaltando através das imagens a figura de um campeão, ou de um esporte. Convocada para realizar a cobertura e as reportagens dos eventos esportivos, ela os registra através das fotografias e das imagens, garantindo o status da veracidade para a competição ocorrida. Foi desta forma que o esporte tornou-se uma informação presente em todos os meios de comunicação.

A televisão é soberana na mídia através da divulgação do evento esportivo. Ela vem conquistando espaço na indústria cultural desde a década de setenta, fato que fica mais evidenciado quando se verifica a repercussão e as audiências dos programas veiculados.

Marcondes Filho (1993) parece estar correto ao afirmar que a ascensão da televisão deu-se em virtude da sua introdução de uma nova maneira de ver o mundo, que foi mostrado com novo movimento, muito mais rápido, mais ágil e trabalhado em detalhes. Estas características fizeram e fazem da TV o produto mais consumido pelo grande público. É o maior veículo de comunicação de massa, superando até o rádio.

O esporte tem sido um dos principais protagonistas na implantação das tecnologias na comunicação contemporânea: satélites, vídeos, câmeras especiais e computadores são implantados para que o grande público tenha a melhor transmissão esportiva. As disputas da Copa do

Mundo de Futebol e as Olimpíadas são as disputas que mais atraem público evidenciando o esporte. A imagem televisiva proporciona, com o recurso do "slow motion", toda a visualização da movimentação dos músculos dos nadadores durante uma prova. O processo de voltar a imagem da chegada, ou então da saída, repetindo quantas vezes forem necessárias, para que seja tirada uma dúvida ou revivida uma emoção, assim como a paralisação de uma imagem, dando ênfase a algum detalhe, são mecanismos importantes com que se atrai a atenção do "telesportista", com a ajuda de um comentarista "especializado".

As câmeras aquáticas nos mostram com detalhes, pela imagem televisiva, as técnicas das viradas dos nadadores numa competição de natação, assim como todo o minucioso processo técnico dos estilos. Esse recurso visual da imagem técnica do gesto também é utilizado na aprendizagem dos nadadores. Através do áudio visual, o futuro campeão tem contato com as técnicas utilizadas pelo atual campeão. Esse recurso tecnológico auxiliou e muito Gustavo Borges na Olimpíada de Barcelona, em 1992. Havia uma câmera de televisão na lateral e outra no fundo da piscina que registravam os movimentos dos nadadores. Os sensores da placa de mão não registraram a sua chegada, fazendo com que num primeiro momento Gustavo fosse classificado em último lugar na prova de 100 metros nado livre. Após a revisão pedida pelos dirigentes brasileiros, ele figurou em quarto lugar e numa última revisão, feita com o auxílio do vídeo, foi possível recuperar o "verdadeiro" resultado e o nadador brasileiro foi medalha de prata, vice-campeão Olímpico.

Uma competição de natação tem uma duração prevista de seis horas, mas a TV não pode perder tempo ao transmitir as imagens da disputa, pois cada segundo representa um grande gasto. Em virtude deste fato há o recurso da aceleração da imagem, que mostra em questão de minutos toda a competição. Esse fator está diretamente ligado ao interesse do

patrocinador e da emissora de televisão, que vende cada minuto da sua programação. Marcondes Filho (1993) acredita que dessa maneira a televisão promove a velocidade de tudo, as transmissões adquirem um ritmo alucinante e a imagem do campeão, assim como as suas glórias na sociedade, perpassam por estes mecanismos.

O campeão esportivo pode buscar, através dos meios de comunicação, veicular a sua imagem para ser lembrado por aqueles que um dia o idolatraram. Qualquer participação ou informação sobre o campeão atual poderá ser notícia e será associada a sua façanha recente. Ele ainda está em evidência, mas o antigo campeão não conta com este recurso; ele já foi esquecido e não será mais notícia, pois não é mais importante, diante da avalanche de novos campeões e notícias que surgem a todo momento. Ele foi descartado pela rapidez e velocidade da sociedade tecnológica.

Os nadadores entrevistados neste estudo parecem lidar com estes dois momentos tão díspares: glória e esquecimento. Continuam envolvidos com a natação, participando diretamente das competições ou, então, presentes de uma forma indireta, como técnicos, donos de academia, promotor de eventos. Creio que estes nadadores buscam esta ligação com o meio líquido para serem lembrados.

O nadador Rômulo Arantes Jr. diferencia-se dos outros entrevistados porque o seu trabalho como ator, lhe possibilita manter-se em evidência. Sua imagem ainda é largamente veiculada, sendo também vinculada à imagem do nadador campeão que foi um dia. Enquanto estiver na mídia será lembrado. Os meios de comunicação são responsáveis pelo processo de idolatria, fama e glória de um herói esportivo, apresentando mecanismos que atuam diretamente na sociedade, fazendo com que os indivíduos esqueçam do que deve ser esquecido, e lembrem dos fatos que interessam que sejam exaltados.

Este mecanismo de esquecimento por parte da sociedade levou uma campeã de natação, que tentamos entrevistar a um estado depressivo muito grande e, como consequência, isolamento levando-a até mesmo   nega o de toda uma vida dedicada ao esporte, fazendo-a romper definitivamente com todos os momentos e recorda es que pudessem associ -la   nata o.

A necessidade de não ser esquecido faz com que outro nadador desta pesquisa, ao participar atualmente como atleta em competi es, doe as medalhas que conquista nas provas, para os concorrentes mais novos. Através deste gesto, a doa o do símbolo da vitória, ele acredita que será lembrado pelas novas gera es de nadadores.

Após muitas reflexões sobre os entrevistados e outros esportistas que vivem a mesma dificuldade do esquecimento, (exemplo mais evidente foi Garrincha, um grande jogador brasileiro de futebol esquecido pelos torcedores esportivos e que morreu no anonimato) concluo que os profissionais da área esportiva envolvidos na forma o do campeão devem cuidar destes não somente em sua prepara o para a competi o mas também no que se refere à dura o e diferentes fases da carreira do atleta, relatando e mostrando toda a trajetória iniciada com a aprendizagem, em seguida com a etapa de treinamentos, o alcance de  ndices Olímpicos, a convoca o para integrar a sele o brasileira, a possibilidade de medalha e, depois, o fim da carreira, o esquecimento.

Os treinamentos e a prepara o física dos corpos dos nadadores têm sido enfatizados há longas décadas, as escolas e os modelos de treinamento vêm sendo reciclados em tempo: através das Olimpíadas o mundo esportivo conhece as novas escolas e tendências de treinamentos que foram utilizados na prepara o e no surgimento dos novos campeões que são exaltados por suas vitórias como heróis. Recentemente, há uma década, a prepara o psicológica e a atitude mental através da Psicologia do Esporte

começaram a ser utilizadas como auxílio nos treinamentos dos atletas, e estão voltadas para trabalhar as variáveis motivação, ansiedade, atenção e concentração, fatores presentes durante a fase de competição.

Os estudiosos da psicologia esportiva têm revelado sua preocupação não somente com o início e a idade precoce em que os atletas começam suas aventuras esportivas, mas também com uma dimensão mais humana em relação ao herói esportivo, o que nos não estamos acostumados a ver, afinal os heróis, os semi-deuses, também envelhecem e fracassam como mortais que são.

Uma das fases que neste estudo pareceu-nos das mais importantes é esquecida das abordagens dos professores e técnicos dos futuros campeões, e é justamente o período do declínio gradual do desempenho do atleta.

Segundo Singer (1977) o processo de envelhecimento não causa, necessariamente, uma baixa no desempenho, obrigando o atleta a se desligar do esporte. Inúmeros fatores devem ser considerados, muitos deles são psicológicos, motivacionais e também o nível de condicionamento físico.

As exigências físicas em alguns esportes não são requisitos importantes, mas os movimentos devem ser executados com perfeição de táticas e estratégias refinadas, assim como a experiência motora. Na natação o fator de condicionamento físico é muito importante e o declínio dessa qualidade física encontra-se na faixa entre 22 a 25 anos. Os nadadores entrevistados neste estudo encerraram sua carreira nesta faixa citada. A partir deste período o sucesso é mais difícil de ser alcançado e de manter-se. Rômulo Arantes Jr. fala que " *Muitos atletas são atropelados pelo tempo, ou seja, aparecem nadadores mais jovens e ganham destes, que são obrigados a parar de nadar. Eu parei no auge e a imagem perdurou...*".

Creemos que ficou caracterizado com este estudo que para um indivíduo tornar-se campeão é necessário "algo mais" que a habilidade esportiva e as características físicas que diferenciam os atletas. Mesmo

pertencendo a décadas diferentes, as gerações de campeões de natação entrevistadas apresentam pontos comuns na personalidade e na conduta pessoal, como já foram vistos. A vitória e a conquista são fatores relevantes e que estão presentes em todos os momentos de suas vidas. Eles buscam a superação do próprio limite imposto, é a busca da sua conquista interior.

Para alcançarem fama e glória, muitos atletas do universo da natação competitiva fazem uso de drogas, buscando através da sua utilização ampliar os limites fisiológicos do corpo. Através do doping, eles têm os seus músculos mais delineados, há um aumento da força física, e através da conquista do aumento deste vigor alguns atletas acreditam que podem chegar aos seus objetivos. Os casos de doping têm sido cada vez mais constantes, em todas as modalidades do esporte. Embora seu estudo não seja objeto deste trabalho é importante que seja enfatizado.

A busca da imortalidade, do reconhecimento e da fama fazem com que o atleta moderno tente superar seus próprios limites fisiológicos ingerindo drogas que o tornarão mais veloz, proporcionarão o salto mais alto e o homem mais forte. O símbolo Olímpico utilizado até 1932 tinha justamente esta inscrição *Citius, Altius, Fortius*. Mas a partir de Berlim, em 1936, a inscrição foi retirada, abolida. Nesta Olimpíada talvez houvesse o objetivo de se mostrar os super-homens, uma "nova raça".

A "nova raça" não venceu as Olimpíadas, nem conquistou o mundo. O arquétipo do super-homem, entretanto continua, e a busca da superação dos seus limites também. Os atletas modernos, ainda parecem estar em busca desse super-homem, e a mídia tem contribuído para isso, embora sua finalidade lucrativa à obrigue descobrir, a cada novo dia, um super-homem. Esse caráter de herói efêmero, idolatrado a cada edição dos Jogos Olímpicos se adapta bem à sociedade tecnológica, porque esta sugere a constante superação de limites e a renovação de ídolos.

No entanto nas falas de Maria Lenk e Manuel dos Santos Jr. parece que a renovação e a superação não significam esquecimento:

"...eu me sinto uma campeã; não posso dizer que não sou lembrada, se as pessoas se escondem, se trancam naturalmente, não é vida. A vida vai absorvendo e vão aparecendo coisas novas, e fazendo outras desaparecerem. Se a gente está presente, como você me vê aqui e agora, nesse mundo de atividades, eu não posso me queixar. Até mesmo os mais jovens são informados pelos mais velhos e se aproximam de mim, numa camaradagem acolhedora que sempre me comove. Aliás, essa é a razão porque eu estou no Brasil; meus familiares estão nos EUA eu poderia até abandonar o Brasil definitivamente, coisa que eu não faço porque eu considero isso aqui o meu mundo, onde eu me sinto feliz".

Maria Lenk

"Você é a pessoa que vai nos colocar no pódio de novo".

Manuel dos Santos Jr.

*ANEXO 1***QUESTIONÁRIO**

- 1 - Como foi a sua primeira vivência aquática e quantos anos você tinha ?
- 2 - Com que idade você começou o treinamento ?
- 3 - Na sua primeira competição, você sentiu : prazer ou medo ?
- 4 - Qual é o significado de uma competição ?
- 5 - O que influenciou sua escolha pôr este esporte aquático. Foi uma escolha, ou uma imposição da família ?
- 6 - Como era sua vida, com seus amigos e escola, e a dedicação à nataçãõ ?
- 7 - Para ser um campeão envolve renúncias(sociais, afetivas e intelectuais), numa fase muito importante da vida . Como foi isso para você ?
- 8 - Você tinha algum ídolo em que se espelhasse ? Você queria ser como ele?
- 9 - Você queria ser um campeão ?
- 10 - Para você o campeão, é um semi-deus ? Ou tem uma característica de super-herói ?
- 11 - O que foi chegar a uma final Olímpica. Quais são as emoções ?
- 12 - Narre o prazer da conquista da primeira medalha e como esta repercutiu em sua carreira de campeão de nataçãõ. Você sempre procurava a vitória ?
- 13 - Como era o seu relacionamento com os treinadores e quem mais o influenciou e porque ?
- 14 - Como era o seu treinamento ? Havia uma preparação técnica, tática e física ?

15 - Para o seu treinamento e competições havia: Apoio externo ou vontade própria? As dificuldades como eram ultrapassadas ?

16 - Você foi finalista em quantas Olimpíadas ?

17 - O que significou representar o seu país em uma competição tão importante como são as Olimpíadas ?

18 - Por que você parou de nadar e com que idade ?

19 - Qual é a sua relação com a água, hoje ?

20 - Para você o que é mais importante:

O índice ?

O recorde ?

O título ?

21 - A vitória numa competição, é uma recompensa pela dedicação ou pelo sofrimento num treinamento ?

22 - Quem você acredita que está ocupando o seu lugar, hoje, como um campeão de nataçãõ?

23 - Como era o seu ritual para os dias de competição ?

24 - E hoje, valeu a pena, ser um campeão ? Você faria tudo de novo do mesmo jeito ou modificaria alguma coisa ?

"FLASHS" DA NATAÇÃO OLÍMPICA

**OKAMOTO SUPEROU-SE NOS
JOGOS OLIMPICOS**

A natação feminina lungara é um colosso — Milton Basin e o seu sexto lugar — A medalha de ouro da África do Sul em natação — O Japão não confirmou e os Estados Unidos melhoraram — A GAZETA ESPORTIVA tenta “desfazer” um pouco

o laconico

[illegible]

Se o leitor considerar um grau de feio este dos 100 metros, terá de usar o maior aparelho que aparece em relação aos 400 metros. As moças, pela com Valéria Oliveira, conquistaram o principal título, com Iva Norreck o segundo posto e com Siskely a sexta colocação. Há a última nadadora a ser campeã, a primeira dos 200 metros, filha de Iva, a Iva Norreck a vice-campeã. Verdaderamente fantástico.

Este reporter delon, propõe-
mente, para um capítulo a parte,
a disputa do revestimento (minino
de 4100 metros. A turna hunga-
ria composta pelas irmãs Iona e
Ira Novack. Tennis e Shelly con-
stituem o título com o tempo de
1'41", novo recorde mundial. O
letter para os lapla e tirar a
pela seguirá uma cada vez.



SELECTED REFERENCES

disse que o seu primeiro no tempo, com tão discreto e modesto mas- culino e tão exuberante no seu ninho?

Como foram boas as resultados

Sum... em todos os países do programa foram batidos os recordes olímpicos. Logo, porém, não chegou. Em algumas disputas não só o princípio, mas um verdadeiro rio fluiu de concorrentes conseguindo aquela prova. Assim, nos 400 livres, os sete primeiros atletas...

Antes do embarque de Okamoto, ninguém poderia imaginar que ele iria figurar ao lado de Ford Kono e Hashizume, entre os três maiores homens do mundo com 1,60 metros, sendo il-

Os brasileiros podem ficar orgulhosos de "Piano" pois a competição foi vencida por um brasileiro, o jovem músico de 20 anos, Paulo Pires, de São Paulo. O segundo lugar ficou com o argentino, o jovem de 19 anos, Juan Carlos Cury, e o terceiro com o brasileiro, o jovem de 20 anos, Paulo Vilel. O vencedor recebeu um prêmio de 200 mil dólares e o segundo lugar recebeu 100 mil dólares. O terceiro lugar recebeu 50 mil dólares. O vencedor também recebeu um contrato com a gravadora Philips e o segundo lugar recebeu um contrato com a gravadora Polygram. O terceiro lugar recebeu um contrato com a gravadora RCA.

[illegible]

F. Okamoto	Taipei Okamoto	De Estado Unidos melhoraram muito bem tecnicamente todos
Nonaka	patricio	
Nonaka	Okamoto	

Agenda



São Paulo não a esqueceu: a ovação triunfal que lhe foi tributada domingo passado, neste instante, é a prova.

O Tietê (enlameado) revelou nome que é quase lenda: M. Lenk

Ewaldo DANTAS FERREIRA

POUCA gente sabe por onde anda e que faz a outra fabulosa nadadora brasileira que começou a brilhar na Olimpíada de Berlim, em 1936, e que fez carreira de quinze anos, como uma das pioneiras da natação feminina mundial.

Maria Lenk é quase lendária. Por isso, houve entusiástica explosão de aplausos, no Ginásio do DEFE, domingo passado, em meio a uma competição internacional comemorativa do 30.º aniversário da Federação Paulista de Natação, quando um certo talento chamou "Maria Lenk". De um lugarzinho discreto na assistência, ergueu-se uma figura de mulher magra, alta, de olhos limpidos num semblante quase triste.

Maria Lenk tinha um vestidor estampado de talhe desatualizado, e toda ela deslumbrante desceu a passos muito leves as escadarias e foi até a beira da piscina. Foi convidada a entregar medalha a uma garota vencedora de uma das provas. No ato de entrega, a garota, ficou surpresa e arrompeu no ginásio uma ovação triunfal, maior do que a recebida por Yamaguchi, Konrad, Manuel dos Santos e todas as estrelas do dia.

Maria Lenk sorriu e voltou questionada para seu lugar na arquibancada, ao lado de um velho companheiro de treino, da F. P. N., Superior de Educação Física, Alair Pacheco Ribeiro.

A lenda do Tietê

— «Apelo» a nadar no rio Tietê. Tremor, naquela lenda.

No intervalo entre uma prova e outra, Maria Lenk diz algumas frases ao repórter: «Fui ali, levemente emocionada e quis que o jornalismo transmitisse algum momento aos paulistas. Prometi».

Depois de quinze anos de natação, a paulista, filha de alemão e mãe coroa, mudou em 1947 para o Brasil, conquistou a primeira categoria no Desporto Aquático na Escola Nacional de Educação Física da Universidade de São Paulo, em 1947. Voltou a competir no Rio de Janeiro, em 1944 e tem dois filhos.

— «Ora, filho está se preparando para o vestibular, o outro está estudando muito, mas não pode se dedicar à nata». Mas a menina Maria tem quinze anos e diz que é magra, já é veterana brasileira.

Maria Lenk nada «boreboiteia». Maria Lenk, na Olimpíada de Berlim, em 1936, foi a primeira mulher a nadar o «butetê».

Pioneirismo

Primeira a nadar o «butetê», primeira sul-americana a ocupar um recorde mundial, primeira professora catadora de Desportos Aquáticos e assim por diante. Maria Lenk diz com simplicidade que sua vida foi sempre marcada pelo pioneirismo, a começar pelo rio Tietê, numa época em que clubes e piscinas eram raros e muitas a organização da natação, então nos Estados Unidos, continuou pelos recortes, agora mundial, de 25 metros, mundial de quatrocentos metros, sul-americano de todas as provas de nado de peito. Tinha um recorde de nado de costas que foi batido por sua irmã, Sônia Lenk. Quando, em 1953, compareceu ao X Jogos Olímpicos em Los Angeles, era a única mulher sul-americana. Mas, lá, fez uma exibição em tombo através de vinte cidades norte-americanas. Total: oitenta e dois recordes, oitenta e dois em 31 dias. Nas 10.000 horas, por terra, Aquilino, em 1948, Maria Lenk, 18 anos, de pe por mais de 10 anos.

Assim, a história do ginásio do DEFE. Maria Lenk e o rio Tietê. Maria Lenk, que criou a natação brasileira, diz algumas coisas: — «A natação brasileira começou no Rio de Janeiro, em 1947, quando eu fui para o Rio de Janeiro. Depois, de lá, eu fui para São Paulo, onde eu estou agora».

— «Eu acho engraçado, a um momento de desconhecimento de natação e o outro momento de técnica, de técnica, de técnica».

A natação brasileira, de nome, também ainda não tem uma história. E o nome, numa frase bonita, a sua carreira. — «Agora, da saúde, a natação me deu tantos momentos felizes de natação, em todo o mundo».

A reportagem associa o nome de Maria Lenk ao de um mito. A nadadora pioneira da natação paulista.

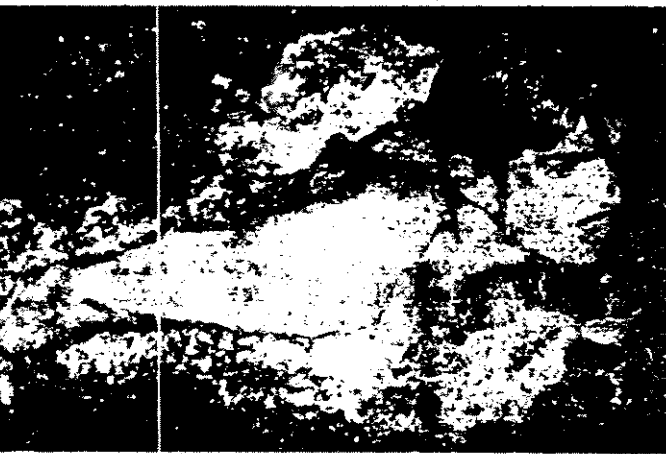


PRIMADO MUNDIAL DE MANOEL DOS SANTOS CONTINUA DE PE

Quem é rei conserva majestade!

OLIMPIA — 26 de fevereiro de 1967
LOCAL — Piscina de Guanabara (Rio de Janeiro).
ASSUNTO — Tentativa de recorde mundial dos 100 metros nado livre.
ATLETA — Manoel dos Santos Junior.
PÚBLICO — Centenas de pessoas e jornalistas.
RESUMO — Houve recorde de duas das com o tempo de 57.6.
Essa era a ambiente que cercava a jovem de 22 anos, que um ano antes conquistara uma medalha de ouro no mesmo evento nos Jogos Olímpicos realizados em Roma.

Manoel dos Santos Junior, o "rei" da natação brasileira, tentou quebrar o recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido por ele mesmo em 1966. Ele terminou a prova em 57.6 segundos, melhorando seu próprio recorde de 58.2 segundos.

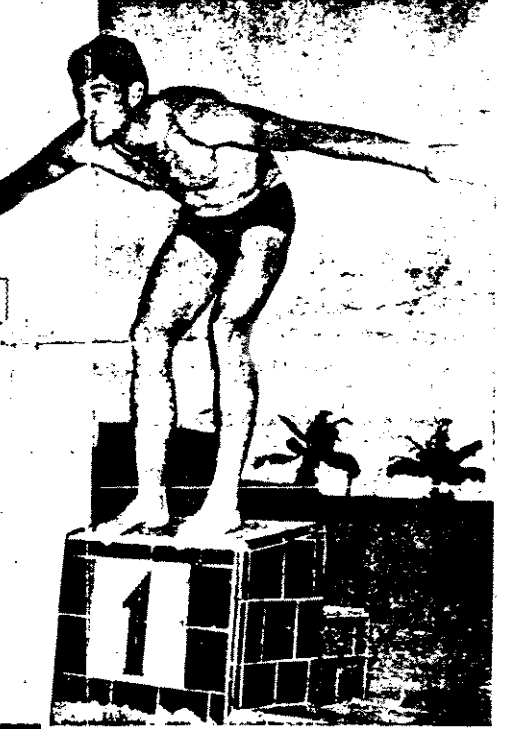


O Jornal divulga a conquista do novo recorde de Manoel dos Santos Jr., o campeão. É o reconhecimento do grande nadador.

LA RIOJA — O atleta brasileiro Manoel dos Santos Junior, 22 anos, tentou quebrar o recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido por ele mesmo em 1966. Ele terminou a prova em 57.6 segundos, melhorando seu próprio recorde de 58.2 segundos.

ABARDO O 57.6
Manoel dos Santos Junior, 22 anos, tentou quebrar o recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido por ele mesmo em 1966. Ele terminou a prova em 57.6 segundos, melhorando seu próprio recorde de 58.2 segundos.

ABARDO O 57.6
Manoel dos Santos Junior, 22 anos, tentou quebrar o recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido por ele mesmo em 1966. Ele terminou a prova em 57.6 segundos, melhorando seu próprio recorde de 58.2 segundos.



NO BARRIL — O atleta brasileiro Manoel dos Santos Junior, 22 anos, tentou quebrar o recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido por ele mesmo em 1966. Ele terminou a prova em 57.6 segundos, melhorando seu próprio recorde de 58.2 segundos.

ABARDO O 57.6
Manoel dos Santos Junior, 22 anos, tentou quebrar o recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido por ele mesmo em 1966. Ele terminou a prova em 57.6 segundos, melhorando seu próprio recorde de 58.2 segundos.

130

...a primeira tentativa de Manoel dos Santos Junior, 22 anos, de quebrar o recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido por ele mesmo em 1966. Ele terminou a prova em 57.6 segundos, melhorando seu próprio recorde de 58.2 segundos.

...a primeira tentativa de Manoel dos Santos Junior, 22 anos, de quebrar o recorde mundial dos 100 metros nado livre, estabelecido por ele mesmo em 1966. Ele terminou a prova em 57.6 segundos, melhorando seu próprio recorde de 58.2 segundos.

Djan viaja para os EUA sem saber quando volta

131



Djan voltará à Indiana para nadar o Universitário dos EUA como o segundo melhor do mundo, em 80, nos 800m

Sem saber quando regressa e se voltará a participar de uma Olimpíada, o nadador Djan Madruga, o segundo melhor do mundo, este ano, nos 800m, segue hoje para os Estados Unidos, a fim de se integrar à equipe da universidade de Indiana, onde estuda Administração, e iniciar os treinamentos com vistas ao Campeonato Universitário Americano, marcado para março.

Com Djan segue Marcos Asatouli, outro integrante do revezamento 4x200m, nado livre, que conquistou uma medalha de bronze para o Brasil nos Jogos Olímpicos de Moscou. Dos outros integrantes daquela equipe, Cleo Delgado viaja dia 3 de janeiro para a Califórnia e Jorge Fernandes pretende seguir o conselho de Djan e estudar na Flórida, onde estão os melhores velocistas americanos.

O FUTURO

Djan é Marcos segundo de Indiana, com a equipe de sua universidade, para a Cidade do México, onde iniciam excursão visando o Campeonato Universitário Americano. No México, competição em Guadalajara e Acapulco e depois a equipe regressa aos Estados Unidos.

Embora não tenha ideia de quando deverá regressar ao Brasil, Djan espera competir pelo Brasil na Copa Latina, marcada para abril, conforme entendimentos mantidos com os dirigentes da CBN. Ainda sem clube (desligou-se do Fluminense) e como a Atlethica Baurista não formou sua equipe, pela qual deveria nadar, ele espera que para a formação da equipe brasileira da Copa Latina a CBN leve em consideração os tempos que conseguiu na Universidade Americana.

Quando se faltar, ele prefere aguardar os acontecimentos.

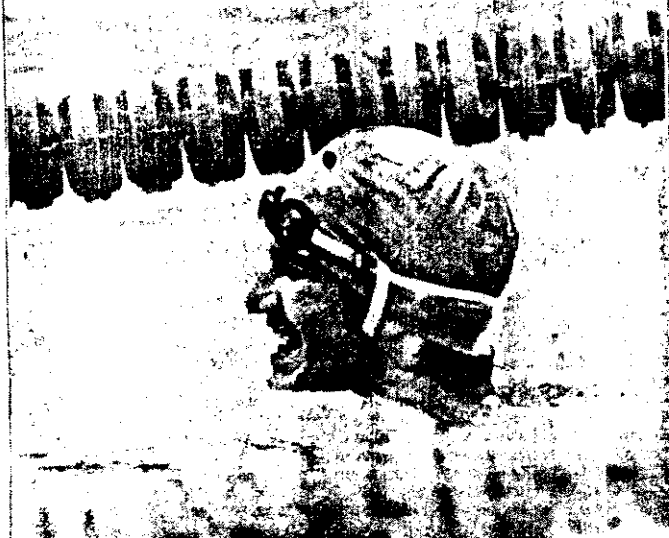
— Não deixo ainda meu futuro na náutica e nem sei mesmo se estarei na Olimpíada de Los Angeles (1984). Gostaria de tentar lá, mas como a náutica tem sido um sacrifício muito grande para mim, prefiro aguardar as coisas. Vou analisar meus desempenhos no ano que vem, para me decidir.

Apesar disso, Djan parece decidido a não nadar muitas provas, como vinha fazendo. Seu objetivo é competir uma prova individual por dia e, se houver necessidade, participar de um revezamento.

— Acho muito difícil, por exemplo, que volte a nadar o 1 mil 500. Minha tendência é me

Djan termina a temporada de 80 como o segundo melhor nos 800m, nado livre, com o tempo de 7m58s3, obtido no Campeonato Americano, em abril. A sua frente só há o americano Brian Goodell, com 7m58s6, marcados numa competição após as Olimpíadas de Moscou. Em terceiro está o soviético Vladimir Sainikov, com 8m00s68. Vladimir é o recordista mundial, com 7m56s4.

Como pin para a temporada, Djan e Marcos vão disputar 13 competições, conforme entendimento que receberam da universidade de Indiana, em janeiro, dias 9, 16, 17, 23, 30 e 31, fevereiro, 6, 6, 7, 13 e 20, março, o Big Ten (transfuso às 19 horas), a universidade dos EUA, de 5 a 7, e o Indiana Invitational, de 13 a 15.



Rômulo Arantes Júnior trocou o sonho das Olimpíadas pelo brilho das novelas.

O nadador Rômulo: ator, escritor e roqueiro

JOSÉ PAULO BORGES

Não é que aquele garoto asmático, com problemas de retardamento da idade óssea, virou campeão mundial de natação? E não é só isso. Entre uma brapa e outra, Rômulo Arantes Júnior, o ex-menino doente, chegou a ator de novela na toda-poderosa Rede Globo de Televisão. Tem mais, quem não encontrar este Rômulo gravando mais um capítulo da novela "Brilhante" ou na piscina do Flamengo, no Rio de Janeiro, com certeza vai encontrá-lo enfrentando uma máquina de escrever. Pois o rapaz, atualmente com 24 anos, também é escritor. Escritor anônimo, é verdade, mas não por muito tempo, porque breve seu livro "A Natação e a Vida" estará nas livrarias.

Campeão de natação, ator de novela, escritor, ainda por cima — quem iria imaginar — Rômulo Arantes Júnior sonha em estourar, um dia, nas paradas de sucesso deste Brasil agora nada menos que na pele de roqueiro. Ah, mas essa história de roqueiro ele não quer que se comente, ainda. Enquanto o massagista da delegação de natação do Flamengo depila o peito do campeão, em seu quarto de hotel no centro de São Paulo, Rômulo, depois de revelar seus pendoros musicais, pensa um pouco e pede que não se escreva sobre esse lado de sua múltipla personalidade: "Sabe como é, as coisas devem acontecer na hora certa. Se a gente falar sobre isso agora, pode perder um pouco de impacto."

Está bem, campeão, não se fala mais neste assunto. Agora, não tem problema nenhum dizer que foram a asma de infância e o problema de retardamento da idade óssea que levaram Rômulo para as piscinas. É dali para os Estados Unidos foi um pulo:

"Fiquei quase dez anos nos Estados Unidos, nadando. Acontece que eu sempre gostei de teatro. Então aproveitei e fiz um curso de interpretação na Universidade de Indiana."

De volta ao Brasil, no ano passado, Rômulo soube que um dos personagens da novela "Brilhante" que a Globo iria lançar seria um nadador. O próprio Gilberto Braga o procurou para contratá-lo como seu assessor. Quando o pessoal da Globo descobriu que o assessor, Rômulo Arantes Júnior também era ator, ninguém pensou duas vezes para lhe dar o papel de Afonso na novela das oito.

"Mas o Afonso e eu são duas pessoas completamente diferentes. Acontece que eu não vivo para fazer esportes,

mas faço esporte para viver. Para Afonso, natação é tudo. Comigo, não. Já ganhei todos os títulos que poderia ganhar na natação. Tanto assim que, hoje em dia, estou competindo apenas pelo prazer da competição. Inclusive, chegar às Olimpíadas de Los Angeles é coisa que nem penso, porque o que me importa, realmente, hoje, é viver o momento presente."

Antes que se esqueça, é bom dizer que Rômulo também é especialista em marketing, profissão que exerce junto com a de ator. Claro, com todas essas atividades não lhe sobra lá muito tempo para a natação: "Eu vivo correndo dos estúdios para a piscina. Cheguei sábado à noite em São Paulo e domingo de manhã participei das eliminatórias do Troféu Brasil. Cheguei em segundo, o que é muito bom para quem entra numa competição dessas sem estar com o mesmo nível de preparação dos outros competidores. Como disse, eu faço natação por prazer."

Rômulo insiste em dizer que tudo que conseguiu na vida foi graças à natação. Saúde é uma delas. Amigos, muitos amigos, também.

"A própria concentração para atuar em televisão. Claro que a concentração para competir é diferente daquela para atuar, mas me sirvo muito da experiência da primeira para desempenhar a segunda."

Homem do momento presente, nem por isso Rômulo deixa de fazer seus planos. Continuar trabalhando na Globo faz parte deles.

"Daqui a três semanas estarei na novela "O Homem Proibido". Desta vez, meu papel não tem nada a ver com natação. Quanto ao livro, trata-se de uma obra onde tento transmitir toda minha experiência nas piscinas."

Pronto. O massagista acaba de depilar o peito do campeão. Rômulo pede a ele que dê um jeito em uns pelinhos mais. Parecem bons camaradas: "Eu ficaria satisfeito se cada entrevista que desse, trouxesse dez garotos para a natação. O esporte é muito importante. Gosto muito do ambiente entre esportistas. Além disso, quando um garoto se dedica ao esporte, deixa muitas coisas ruins de lado. Drogas é uma delas."

O ator global Rômulo, com certeza, já se acostumou a dar autógrafos. Mas será que esse pessoal que gosta de novelas pede autógrafos para o campeão das piscinas ou para o personagem Afonso?

"É para o Rômulo, porque sempre fui conhecido como nadador. O ator de novela veio mais tarde."

O objetivo desta reportagem é mostrar a versatilidade do nadador Rômulo, enfatizando a importância da televisão em sua carreira.

Como campeão e recordista mundial, Pradinho sentiu como ninguém a pressão por uma medalha. Foi prata e se livrou das cobranças.



Se saltando para a prova nado de costas e, ao lado, com as quatro medalhas que ganhou nos Jogos Pan-americanos de Caracas.

Prado, alívio e frustração

CIDA SILVEIRA



Ser um recordista mundial em qualquer modalidade é tarefa para poucos. Ser recordista mundial e

brasileiro é uma dupla jornada de trabalho. Depois de Manoel dos Santos, em 61, a natação só voltou a comemorar um título assim com o também paulista Ricardo Prado, em 82. Prova de que no Brasil tudo é sempre muito esporádico. Por esse motivo, Pradinho, como passou a ser chamado o recordista, virou herói nacional e deu esperança, para o brasileiro, de que viria a ser herói olímpico também, com uma medalha de ouro no peito.

mesma prova nadariam os norte-americanos Jesse Vassallo e Jeff Float, o italiano Giovanni Franceschi, além de Baumann e eu. Mas as atenções estavam voltadas para nós dois", relembra. Na verdade, Prado desejava como nunca a medalha de ouro olímpica dos 400 metros

medley, mas sentia-se desamparado no seu treino. "Quando voltei ao Brasil, não havia nenhuma preparação especial, nem competições internacionais, nem dinheiro para nada. Se eu não morasse nos Estados Unidos não teria condição real nenhuma de treinamento". Ele

aproveitou para voltar para lá e treinar o máximo possível rumo aos Jogos de Los Angeles.

"Eu já era um campeão e recordista mundial e queria um pouquinho mais. Treinei muito, mas da minha maneira. E Baumann também treinou muito, é claro. Mas eu acho que na prova ele acabou nadando dentro da minha tática. Eu não me daria bem se fizesse o contrário", explica Prado, que recorda muito bem a sensação que o invadiu quando a prova terminou com a medalha de prata para ele e o ouro para Baumann. "Foram duas as coisas que eu senti: um alívio muito grande por terminar toda a tensão e a cobrança que existia sobre mim e, ao mesmo tempo, um pouco de desapontamento por ser o segundo em uma Olimpíada, um título que eu gostaria de ter", confessa. Depois de Los Angeles,



Agora, o nadador passa sua experiência às crianças.

A vida esportiva de Ricardo Prado é mostrada nesta reportagem. A conquista do recorde mundial, a medalha de prata na Olimpíada e o encerramento de sua carreira

OLIMPICA



Repleta de emoções, a primeira semana dos Jogos de Barcelona produziu pelo menos um herói para o Brasil: Gustavo.

HERÓI DA PRIMEIRA SEMANA

GERALDO JOSÉ DA SILVA



Os Jogos Olímpicos de Barcelona abrem hoje a segunda semana de competições, onde os destaques serão o torneio de atletismo e as finais dos esportes coletivos. Os primeiros sete dias, de calendário intenso, revelaram heróis inesperados, marcaram a despedida de monstros sagrados, confirmaram o show de basquete que se esperava do 'Dream Team'. A natação e a ginástica artística, ao lado de Magic Johnson e Cia., ainda à condição de principais espetáculos, não decepcionaram.

Para o Brasil foi o tempo suficiente para revelar nosso herói. Um campeão de medalha de prata, um nome para entrar na nossa minguada histórica olímpica. O gigante Gustavo Borges, garoto de 19 anos, tornou-se o segundo nadador mais rápido do mundo, superado apenas pelo russo Alexander Popov, outra sensação do torneio, mas à frente dos norte-americanos, em especial de Matt Biondi, alívio de velocidade na piscina.

A trajetória de Gustavo na natação brasileira foi fulminante. Em janeiro de 91,

os especialistas já esperavam muito dele no Mundial de Perth, na Austrália. Mas era querer demais de um garoto sem experiência em grandes competições, apesar dos excelentes resultados em seu primeiro ano de EUA. Ele deixou Perth com o 12º dos 100m, e não parou de evoluir. No Pan de Havana, competição perfeita para explodir, Gustavo venceu os 100m e se tornou o primeiro brasileiro a nadar abaixo dos 49s. De quebra, acabou com uma hegemonia de décadas dos norte-americanos e ganhou mais respeito ainda entre técnicos e nadadores do maior centro de natação do mundo.

Com cinco medalhas no peito, ele sentiu o gostinho de ser herói ao chegar de Havana. Mas sabia que só o pódio olímpico iria transformá-lo num herói de verdade. Em Michigan continuou trabalhando forte e pensando no Brasil. Vibrou quando a bandeira nacional foi hasteada, ficou abraçado a ela durante toda a cerimônia. A medalha de prata não vai mudar sua cabeça, já garantiu. "Não sei se minha vida vai se modificar depois deste resultado, mas o que não vai mudar tenho certeza: minha garra e a vontade de treinar duro até Atlanta, no mínimo". E não há como duvidar da palavra de um herói.



Gustavo Borges não se separou da bandeira brasileira durante a premiação.

sp
banespa

A conquista da medalha de prata por Gustavo Borges, o herói da Olimpíada de 1992.

ANEXO 3

PROVAS DE NATAÇÃO

- a) Início das Competições Masculinas nos Jogos Olímpicos.
- b) Início das Competições Femininas nos Jogos Olímpicos.
- c) O Custo da Transmissão das Olimpíadas de Atlanta 1996.

PROVAS DE NATAÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS

PROVAS MASCULINAS	ANO DA DISPUTA	LOCAL DA COMPETIÇÃO
NADO LIVRE		
100 METROS	1896	ATENAS
200 METROS	1968	MÉXICO
400 METROS	1900	PARIS
500 METROS*	1886	ATENAS
1.000 METROS*	1900	PARIS
1.200 METROS*	1896	ATENAS
1.500 METROS	1908	LONDRES
1.600 METROS*	1904	ST. LOUIS
COSTAS		
100 METROS	1904	ST. LOUIS
200 METROS**	1900 - 1964	PARIS - TÓQUIO
PEITO		
100 METROS	1968	MÉXICO
200 METROS	1904	ST. LOUIS
BORBOLETA		
100 METROS	1968	MÉXICO
200 METROS	1956	MELBURNE
MEDLEY INDIVIDUAL		
200 METROS	1968	MÉXICO
400 METROS	1964	TÓQUIO
REVEZAMENTO		
4 X 100 METROS LIVRES	1964	TÓQUIO
REVEZAMENTO		
5 X 200 METROS LIVRES*	1900	PARIS
REVEZAMENTO		
4 X 200 METROS LIVRES	1908	LONDRES
REVEZAMENTO		
4 X 100 METROS - 4 ESTILOS	1960	ROMA
REVEZAMENTO		
4 X 400 LIVRES*	1908	LONDRES

* Estas provas foram disputadas somente nestas Olimpíadas.

** A primeira disputa foi em Jardas e posteriormente oficializou-se.

As provas de nado livre: 50 metros e 800 metros, fazem parte do programa de provas atuais.

Fonte: Machado in Borsari (1975) - (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, 1988)
(Confederação Nacional de Desporto - 1973)

PROVAS DE NATAÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS

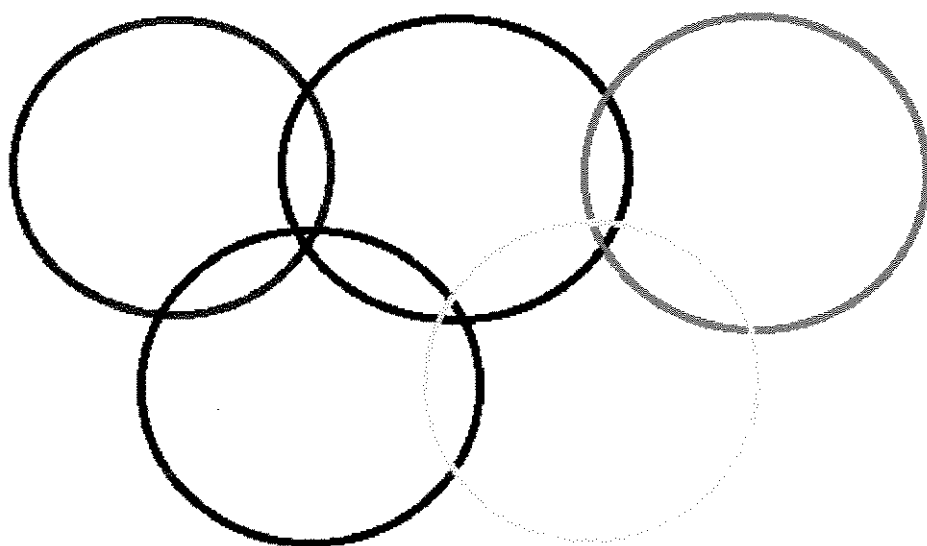
<i>PROVAS FEMININAS</i>	<i>ANO DA DISPUTA</i>	<i>LOCAL DA COMPETIÇÃO</i>
NADO LIVRE		
100 METROS	1912	ESTOCOLMO
200 METROS	1968	MÉXICO
300 METROS*	1920	ANTUÉRPIA
400 METROS	1924	PARIS
800 METROS	1968	MÉXICO
NADO COSTAS		
100 METROS	1924	PARIS
200 METROS	1968	MÉXICO
NADO PEITO		
100 METROS	1968	MÉXICO
200 METROS	1924	PARIS
NADO BORBOLETA		
100 METROS	1956	MELBURNE
200 METROS	1968	MÉXICO
MEDLEY INDIVIDUAL		
200 METROS	1968	MÉXICO
400 METROS	1964	TÓQUIO
REVEZAMENTO NADO LIVRE		
4 X 100 METROS	1912	ESTOCOLMO
REVEZAMENTO		
4 X 100 METROS - 4 ESTILOS	1960	ROMA

As provas de nado livre: 50, 1.500 metros e o revezamento 4 X 200 fazem parte do programa de provas dos Jogos da Era Moderna.

** Esta prova somente foi disputada nesta Olimpíada———*

Fonte: Machado in Borsari (1975) - (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, 1988)

(Confederação Nacional de Desporto - 1973)

*DIREITOS DE TRANSMISSÃO DA**OLIMPÍADA DE ATLANTA (EUA)**1996**A T.V. DOS E.U.A. PAGA MAIS EM US\$ MILHÕES*

EUA	456
EUROPA	250
CANADÁ	20,8
IBEROAMÉRICA	5,0

FONTE: Folha de São Paulo (Agências Internacionais) - 29.08.94

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ARAÚJO JÚNIOR, B. *Natação: saber fazer ou fazer sabendo?* Campinas: São Paulo, Unicamp, 1993.
- BABIN,P.& ,KOULOUMDJIAN, M. *Os novos modos de compreender*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BARTHES, R. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1987.
- BORSARI, J.R. *Manual de Educação Física*. São Paulo: EPU, 1975.
- BRACHT, V. *Esporte e Poder*. São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1989, 47p.(mimeografado).
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas, Athenas, 1990.
- CAPINUSSÚ, J.M. *Moderna Organização da Educação Física e desportos*. São Paulo: IBRASA, 1992.
- CARVALHO, A.M. *O que é Olimpismo*. Lisboa: Horizonte , 1986.
- CENNI, R. *An-Ichi-Sato: Vida na água*. São Paulo: Pioneria, 1993.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DESPORTOS (CND)-Brasil, *Relatório de Avaliação da participação do Brasil nos Jogos Olímpicos*. Ministério da Educação e Cultura, Brasil, 1973.

- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS AQUÁTICOS. Rio de Janeiro, Regras Oficiais de Natação. Rio de Janeiro: Palestra, 1988.
- DUR NTEZ, C. L' Olimpisme i els seus jocs: Olímpia 776 a.c.- Barcelona. Sapin: Generalitat de Catalunya, 1992.
- ELIADE, M. El mito del eterno retorno arquetipos y repeticion. Madrid: 7  edici o, Aliança, 1992.
- -----Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FANALLI, O.A.A. Terminologia da Educa o Física e dos Desportos. Brasília: UnB, 1978.
- FAZENDA, I. (org) Novos Enfoques da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 1992.
- FEIJÃO, M.C. O que   herói? São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERREIRA, A.B.H. Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa.São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- GRIFFIN, J. Os Jogos Olímpicos e a Inven o dos Esportes. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11.03.89, Suplemento Cultural p.2-12.
- GUEVARA I BARDAJI, M. Olympic Games, media and cultural exchanges: The experiences of the last four summer Olympic Games. Barcelona: Centre d'Estudis Ol mpics i de l'Esport, 1992.

- GUSDORF, G. Mito e metafísica. São Paulo: Convívio, 1979.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELAL, R. O que é sociologia do Esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HUIZINGA, J. Homo-Ludens: O jogos como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- IGUARAN, J. História de la natacion antigua y de la moderna de los Juegos olimpicos. Madrid: Tolosa, 1972.
- LENK, M. Braçadas e Abraços. Rio de Janeiro: Bradesco, 1982.
- LYOTARD, J.F. O pós-moderno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- KENSKI, V. O fascínio do Opinião, Campinas, SP: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. 1990. 200 p. (Doutorado em Educação).
- MARINHO, I.P. História da Educação Física e dos desportos no Brasil. Rio de Janeiro: DEF-MES, 1952.
- MARCONDES, C. Jornalismo fin-de-siècle. São Paulo: Página Aberta, 1993.
- MICELI, P. O mito do herói nacional. São Paulo: Contexto, 1988.

- MORAIS, R (org) **As razões do mito**. Campinas: Papirus, 1988.
- MORGAS I SPÀ, M. **Cultura, símbols i Jocs Olímpics: La mediació de la comunicació**. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1992.
- PAIOLI, C.C. **Brasil Olímpico**. São Paulo: IMESP, 1985.
- PATAI, R. **O mito e o homem moderno**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PEREIRA, F.M. **Dialética da cultura física: Introdução a crítica da Educação Física, de esportes e da recreação**. São Paulo: Icone, 1988.
- PROKOP, D. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.
- **Revista do Comitê Olímpico Brasileiro, C.O.B. Boletim sobre a participação Brasileira nas Olimpíadas**. nº 56 ano de 1989.
- **Revista História das Olimpíadas**. Encarte do Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: fascículos semanais, junho 1992.
- SABINO, F. **Gente**. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- SINGER, R. **Psicologia dos esportes: Mitos e verdades**. São Paulo: Harper & R do Brasil, 1977.
- TUBINO, M.J.G (org) **Repensando o esporte brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1988.

- VERENGUER, R.C.G. **Sobre a premência do estudo do fenômeno esporte**, São Paulo, Revista Paulista de Educação Física da Universidade de São Paulo, v 3, 83-86, jul. 1989.
- ----- **Esporte: mil e uma utilidades**. São Paulo, Jornal da Universidade São Judas Tadeu, 19 mai, 1993, nº 3, 4-5 p.
- VON SIMSON, O.R.M. (org) **Experimentos com História de vida**. (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.